



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SINDY RAYANE DE SOUZA FERREIRA

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DA  
CAUSATIVIZAÇÃO EM PARKATÊJÊ**

Belém  
2018

SINDY RAYANE DE SOUZA FERREIRA

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DA  
CAUSATIVIZAÇÃO EM PARKATÊJÊ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Estudos Linguísticos - da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

Coorientador: Prof. Dr. Masayoshi Shibatani (Rice University)

Belém  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- F383a Ferreira, Sindy Rayane de Souza  
Aspectos morfosintáticos e semânticos da causativização em Parkatêjê / Sindy Rayane de Souza Ferreira.  
— 2018  
111 f. : il. color
- Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira  
Coorientação: Prof. Dr. Masayoshi Shibatani.
1. Causativização. 2. Formativo 'to'. 3. Morfosintaxe. 4. Semântica. I. Ferreira, Marília de Nazaré de Oliveira, *orient.* II. Título
-

SINDY RAYANE DE SOUZA FERREIRA

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DA  
CAUSATIVIZAÇÃO EM PARKATÊJÊ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Estudos Linguísticos – da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

Coorientador: Prof. Dr. Masayoshi Shibatani (Rice University)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira - Orientadora

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Masayoshi Shibatani (Rice University) - Coorientador

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Rosane de Sá Amado (USP) - Membro externo

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (UFPA) - Membro interno

\_\_\_\_\_  
- Suplente

Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galucio (MPEG)

**DEDICATÓRIA**

A Deus, à minha família e ao povo Parkatêjê, com muita gratidão!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ser meu escudo, força e fortaleza. Agradeço pela sabedoria e capacidade proporcionadas para que eu pudesse realizar mais este trabalho. Sou grata por me ajudar a vencer este desafio.

Agradeço aos meus amados pais, Silvia, Rosália e Claudomiro, a quem devo tudo o que sou. Sou grata por me incentivarem a estudar e por sempre acreditarem em mim. Agradeço também aos meus irmãos, José, Cinthia e Crissy, e aos meus lindos e fofos sobrinhos, Caio e Theo. Amo vocês!

Agradeço ao meu amor, Gleison, por estar ao meu lado nos momentos de tensão, preocupação e ansiedade (como na qualificação!). Obrigada pela compreensão, por sempre entender que, quando eu me isolava no “quartinho”, era por uma boa causa.

Sou grata à Marília Ferreira, minha orientadora querida, por acreditar em mim. Obrigada pelo apoio, pelas orientações, por incentivar meu crescimento profissional e pela oportunidade de conhecer o mundo Parkatêjê.

Agradeço também, imensamente, ao querido professor Masayoshi Shibatani por aceitar a coorientação. Suas sugestões e contribuições não foram apenas valiosas, mas essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Devo muito a você: Thank you very much!

Agradeço à comunidade indígena Parkatêjê pela recepção calorosa, por abrir os portões da aldeia e permitir os estudos na língua. Sou grata em especial aos colaboradores da minha pesquisa, Manel, Tio Pedro e Raimundo, por compartilharem comigo seus conhecimentos e pela paciência em ensinar a língua Parkatêjê.

Agradeço às minhas preciosas amigas, Tereza, Daniele e Juliana, que conheci durante a graduação e até aqui têm estado presente em minha vida, Juntas continuamos a compartilhar sonhos e conquistas. Obrigada, “girls”, vocês são muito especiais para mim!

Agradeço também aos meus amigos do mestrado e do grupo de pesquisa em línguas indígenas, em especial à Luciana e Nazaré, companheiras de viagem de campo. E às demais pessoas que fizeram parte da minha caminhada ao longo desses dois anos.

Agradeço à professora Rosane de Sá Amado e ao professor Sidney Facundes, pelas preciosas contribuições no meu exame de qualificação. Agradeço também ao professor

Sidney e à professora Ana Vilacy Galucio por aceitarem fazer parte da banca examinadora da minha Dissertação.

Sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro concedido por intermédio da bolsa de estudos durante o Mestrado.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

De coração... Muito obrigada!

## RESUMO

Sob a visão do funcionalismo tipológico, o presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar aspectos morfossintáticos e semânticos relacionados ao fenômeno de causativização em Parkatêjê (língua indígena da família Jê, tronco Macro-Jê, e pertencente ao Complexo Dialetal Timbira). Da perspectiva morfossintática, a causativização é um processo relacionado ao aumento de valência verbal, isto é, à mudança das funções e relações gramaticais dos argumentos de um verbo. Da perspectiva semântica, consiste em um fenômeno associado à relação de causa e efeito, em que um verbo causativo permite que o sujeito de uma oração aja sobre outro argumento, fazendo com que este realize alguma ação ou mude seu estado. Na língua Parkatêjê, a causativização se manifesta por meio do verbo *to*, cujo significado primeiro é ‘fazer’ e que causativiza verbos intransitivos ativos e estativos. Os verbos transitivos parecem não sofrer causativização. O trabalho fundamenta-se nos postulados teóricos de Givón (1975), Shibatani (1976, 2002), Comrie (1989), Dixon (1994), entre outros. Além de verbo causativo, o elemento ‘to’ desempenha outras funções morfossintáticas na língua: verbo lexical básico ‘fazer’, verbo auxiliar, parte da raiz de verbos e posposição instrumental. Por este motivo, este trabalho também apresenta alguns aspectos relacionados a cada uma dessas funções. A metodologia utilizada neste trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com coleta de dados realizada na comunidade da língua em estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Causativização. Formativo ‘to’. Morfossintaxe. Semântica.

## ABSTRACT

Under the view of typological functionalism, the objective of this work is to describe and analyze morphosyntactic and semantic aspects related to the phenomenon of causativization in Parkatêjê (Indigenous language of the Jê family, Macro-Jê stock, and grouped in the Timbira dialect complex). From the morphosyntactic perspective, the causativization is a process related to the increase of verbal valence, that is, to the change of functions and grammatical relations of the arguments of a verb. From the semantic perspective, it consists of a phenomenon associated with the relation of cause and effect, in which a causative verb allows the subject of a sentence to act on another argument, causing it to perform some action or change its state. In the Parkatêjê language, causativization is manifested through the verb *to*, whose primary meaning is 'to do' and which affects active and stative intransitive verbs. Transitive verbs do not seem to be affected by causativization. The work is based on the theoretical postulates of Givón (1975), Shibatani (1976, 2002), Comrie (1989), Dixon (1994), among others. In addition to being a causative verb, the 'to' element performs other morphosyntactic functions in the language: basic lexical verb 'to do', auxiliary verb, part of verbs root and instrumental postposition. For this reason, this work also presents some aspects related to each of these functions. The methodology used in this work consisted of bibliographical research and field research with data collection performed in the community of the language being studied.

**KEYWORDS:** Causativization. Formative 'to'. Morphosyntax. Semantics.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Localização da RIMM.....	19
Figura 2 – Índios Parkatêjê jogando flecha.....	22
Figura 3 – Índias Parkatêjê correndo tora.....	23

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Distribuição das aldeias na RIMM.....	20
Quadro 2 – Classificação da Família Jê em ramos e línguas vivas.....	55

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- 1 = 1ª pessoa do singular
- 2 = 2ª pessoa do singular
- 3 = 3ª pessoa do singular
- BEN = benefactivo
- CAUS = causativo
- CONJ = conjunção
- CONT = continuativo
- DAT = dativo
- DEM = demonstrativo
- DS = sujeito diferente
- DU = dual
- DUB = dubitativo
- ENF = enfático
- ERG = ergativo
- EXORT = exortativo
- FUT = futuro
- INCL = inclusivo
- IND = indefinido
- INST = posposição instrumental
- INTENS = intensificador
- ITER = iterativo
- LOC = locativo
- NEG = negação
- NEG.EX = negativo existencial
- ONC = objeto não contíguo
- PAS = passado
- PD = partícula discursiva
- PL= plural

POSP = posposição

PR = passado remoto

REC = recíproco

REFLX = pronome reflexivo

REL = relacional

RLS = modo realis

SS = mesmo sujeito

VOC = vocativo

## SÍMBOLOS

### Ortografia da língua Parkatêjê

[Proposta por Araújo (1993)]

p [p]

t [t]

x [tʃ]

k [k]

h [h]

m [m]

n [n]

w [w]

j [y]

i [i]

ê [e]

e [ɛ]

y [i]

ỳ [ə]

à [ɜ]

a [a]

u [u]

ô [u]

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA PARKATÊJÊ</b> .....	18
2.1 QUEM SÃO OS PARKATÊJÊ? .....	18
2.2 ASPECTOS GERAIS DA CULTURA PARKATÊJÊ .....	21
2.3 ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA PARKATÊJÊ .....	24
<b>3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	26
3.1 TRANSITIVIDADE VERBAL .....	26
3.2 ALTERNÂNCIAS DE VALÊNCIA VERBAL: ALTERNÂNCIA CAUSATIVA E ANTICAUSATIVA .....	29
3.3 O FENÔMENO DA CAUSATIVIZAÇÃO .....	32
3.3.1 Tipos de construções causativas .....	35
3.3.1.1 Causativo Morfológico .....	36
3.3.1.2 Causativo Perifrástico .....	38
3.3.1.3 Causativo Lexical .....	39
3.3.2 A semântica dos causativos: causativização direta, indireta e sociativa .....	40
3.3.3 Causativização de verbos transitivos, intransitivos ativos e não ativos em Shibatani (2002) .....	43
<b>4 A CAUSATIVIZAÇÃO NAS LÍNGUAS NATURAIS</b> .....	48
4.1 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NAS LÍNGUAS DO MUNDO .....	48
4.1.1 Causatividade em Português .....	48
4.1.2 Causatividade em Citshwa .....	51
4.1.3 Causatividade em Karitiana .....	53
4.2 A CAUSATIVIDADE NAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ .....	55
4.2.1 Causatividade em Apinajé .....	56
4.2.2 Causatividade em Kayapó .....	57
4.2.3 Causatividade em Panará .....	59
4.3 A CAUSATIVIDADE NO COMPLEXO TIMBIRA .....	61
4.3.1 Causatividade em Krahô .....	61

4.3.2 Causatividade em Apãniekrá.....	62
4.3.3 Causatividade em Pykobjê .....	63
4.3.4 Causatividade em Parkatêjê .....	64
<b>5 MECANISMOS MORFOSSINTÁTICOS, SEMÂNTICOS E LEXICAIS DA CAUSATIVIZAÇÃO EM PARKATÊJÊ.....</b>	<b>67</b>
5.1 CAUSATIVIZAÇÃO PERIFRÁSTICA/ANALÍTICA.....	67
5.1.1 Causativização de verbos intransitivos .....	67
5.2 CAUSATIVIZAÇÃO MORFOLÓGICA .....	70
5.2.1 Causativização de verbos intransitivos .....	70
5.3 CAUSATIVIZAÇÃO LEXICAL .....	73
5.4 CONSEQUÊNCIAS DA CAUSATIVIZAÇÃO PARA O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO DO PARKATÊJÊ.....	74
5.5 CAUSATIVIZAÇÃO DIRETA, INDIRETA E SOCIATIVA.....	79
5.6 MANIPULAÇÃO DOS VERBOS TRANSITIVOS.....	81
<b>6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO ELEMENTO 'TO' EM PARKATÊJÊ .....</b>	<b>88</b>
6.1 O ELEMENTO 'TO' COMO O VERBO <i>FAZER</i> .....	88
6.2 O ELEMENTO 'TO' COMO VERBO AUXILIAR.....	92
6.3 DERIVAÇÃO VERBAL COM 'TO' .....	97
6.4 O ELEMENTO 'TO' NA FUNÇÃO DE POSPOSIÇÃO INSTRUMENTAL.....	99
6.5 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GRAMATICALIZAÇÃO DE 'TO' .....	102
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>1077</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Iniciei meu trabalho na pesquisa científica em 2011, quando fui selecionada para ser bolsista no Programa de Educação Tutorial de Letras (PET-Letras). Enquanto estava na graduação não pesquisei sobre as línguas indígenas. Durante minha estadia no PET, o objetivo do meu plano de trabalho era investigar alguns aspectos linguísticos de Libras. No entanto, de certa forma, já estava envolvida no mundo indígena, visto que o projeto geral do PET visava ao estudo da diversidade e variação linguística na Amazônia, com atenção à língua portuguesa, às línguas indígenas e às línguas de sinais no Pará. Além do mais, outras colegas do PET e da graduação estudavam algumas línguas indígenas e sempre compartilhavam suas pesquisas e experiências com o grupo todo.

Meu primeiro contato, de fato, com o estudo de línguas indígenas se deu em 2013 durante a elaboração de um trabalho sobre línguas minoritárias no qual duas colegas e eu falamos sobre Libras e línguas indígenas em um evento acadêmico. Durante a pesquisa para a construção do trabalho tive a oportunidade de ler mais sobre essas línguas, mais especificamente sobre a sua situação na Amazônia, as quais se encontram, em grande parte, em estado de obsolescência. A partir dessa experiência, comecei a me interessar pelo estudo de línguas indígenas.

A oportunidade de empreender tais estudos veio em 2015 quando conversei com a professora Marília Ferreira, minha orientadora na graduação, e esta me falou da possibilidade de eu estudar a língua Parkatêjê, tendo em vista que muitos aspectos ainda precisavam ser pesquisados e descritos e uma de suas sugestões foi a questão da causativização, que em sua Tese (2003) foi apenas preliminarmente apresentado. Eu nem pensei duas vezes. Assim, comecei a estudar as teses de Araújo (1989) e Ferreira (2003) a fim de conhecer os aspectos básicos da língua.

Ao final de 2015, fiz a seleção para o mestrado e fui aprovada para desenvolver o projeto intitulado “Descrição e análise do elemento ‘to’ em Parkatêjê”. Este elemento, dentre outras funções morfossintáticas, funciona como verbo causativo em Parkatêje, o qual é o objeto de pesquisa da presente Dissertação.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de se descrever e documentar a língua Parkatêjê, tendo em vista o fato de ela estar entre as línguas que se encontram em avançado estágio de perigo de extinção. Além do mais, há também a necessidade de suprir a carência de

investigações referentes à descrição e documentação de aspectos linguísticos relacionados às línguas indígenas brasileiras, em especial as línguas Jê e Timbira.

Por isso, sob a perspectiva funcional tipológica, este trabalho tem por objetivo descrever e analisar aspectos morfossintáticos e semânticos relacionados ao fenômeno de causativização em Parkatêjê (família Jê, tronco Macro-Jê, agrupada no Complexo Dialeto Timbira). A causativização nessa língua ocorre por intermédio do formativo ‘to’, que, além de verbo causativo, desempenha outras funções morfossintáticas, tais como verbo lexical básico ‘fazer’, verbo auxiliar, parte da raiz de verbos e posposição instrumental. Desta forma, o presente trabalho descreve alguns aspectos relacionados às funções já supramencionadas.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta Dissertação seguiu conforme a habitual em Linguística Descritiva, que trabalha com generalizações no nível dos fatos, desenvolvendo-se de acordo com as seguintes etapas:

- (i) Levantamento e posterior leitura de materiais bibliográficos referentes a línguas indígenas, sintaxe das línguas Timbira, mecanismos de causativização e semântica dos causativos;
- (ii) Análise crítica das referências bibliográficas levantadas, tais como Araújo (1989), Ferreira (2003), Popjes & Popjes (1986), Castro-Alves (2004), Oliveira (1998, 2005), Comrie (1989), Shibatani (1976, 2002), Lyons (1979), Dixon (1994), Givón (1975, 2001), entre outras;
- (iii) Trabalho de campo para coleta de dados, que obtive por meio de entrevistas e arqueei em áudio e vídeo.

Gravei uma parte dos dados na Comunidade Indígena por meio de eliciações de sentenças previamente arroladas em questionários, estes feitos diretamente com os consultores. Até o momento, realizei duas viagens ao campo: a primeira ocorreu no período de 13 a 27 de abril de 2017 e a segunda ocorreu entre os dias 08 a 16 de setembro do mesmo ano. Extraí de Ferreira (2003) a outra parte do material apresentado, o qual compreende orações elicítadas, trechos de narrativas e trechos do texto mítico “O sol e a lua”. Desse modo, o corpus da pesquisa consiste em um conjunto de 125 sentenças nas quais ocorre o elemento ‘to’, objeto da análise.

Realizei as entrevistas com três consultores homens, bilíngues, falantes fluentes em Português e Parkatêjê: Xôntapti (Raimundo), Japênprãmti (tio Pedro) e Krowampejre (Manel), na faixa etária entre 50 a 70 anos. As entrevistas ocorreram na aldeia Rohôkatêjê (mais conhecida como aldeia do Negão), localizada no Km 36 da BR-222. Durante as aulas de Parkatêjê (forma como os colaboradores da pesquisa nomeam o

momento de coletas de dados), os consultores respondiam aos questionários, intercalando as respostas com histórias vividas por eles ou contadas pelo capitão Krohôkrenhum, falecido em 2016.

- (iv) Transcrição e organização dos dados: transcrevi ortograficamente em português e na língua Parkatêjê o material coletado em campo;
- (v) Análise morfossintática do corpus de pesquisa, o qual comparei aos dados de outras línguas Jê e Timbira, sempre que possível;
- (vi) Discussão dos resultados encontrados, considerando o aporte teórico tomado como base do trabalho.

A presente Dissertação está composta por cinco seções, além desta introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas. A primeira seção apresenta algumas considerações sobre a língua e a cultura do povo Parkatêjê. A segunda seção contém a fundamentação teórica do trabalho e está subdividida em três subseções: a primeira trata sobre transitividade verbal, a segunda trata sobre alternância verbal causativa e anticausativa, e a terceira apresenta o fenômeno linguístico da causativização, bem como os tipos de mecanismos utilizados para a sua realização nas línguas. A terceira seção mostra quais mecanismos são usados na causativização em Português, Citshwa e Karitiana, bem como em línguas Jê e Timbira. A quarta e a quinta seções constituem a parte de análise do corpus de pesquisa. A quarta parte apresenta a descrição e a análise dos mecanismos morfossintáticos, semânticos e lexicais utilizados na causativização dos verbos em Parkatêjê. A quinta parte descreve e analisa os aspectos morfossintáticos relacionados às outras funções desempenhadas pelo formativo ‘to’, que, em Parkatêjê, além de verbo causativo, assume a função de verbo lexical ‘fazer’, de verbo auxiliar, parte da raiz de verbos da língua e posposição instrumental.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA PARKATÊJÊ

Nesta seção, apresento algumas considerações referentes ao povo e à língua Parkatêjê. Inicialmente, faço uma breve apresentação da história do povo, de sua constituição e localização. Em seguida, apresento algumas características referentes à sua cultura. Por fim, apresento a classificação do Parkatêjê no complexo Timbira e exponho informações gerais sobre a língua. Para a produção desta seção, utilizo os trabalhos de Nimuendajú (1946), Ferreira (2003), Araújo (2008), Jõpaipaire (2011), Silva (2014), Vieira (2015) e Lopes (2017).

### 2.1 QUEM SÃO OS PARKATÊJÊ?

O povo *Parkatêjê* é um grupo indígena conhecido como ‘Gavião Parkatêjê’ ou ‘Gavião do Pará’. Este grupo é constituído por membros de diferentes grupos remanescentes, dos quais três grupos se destacam mais: os *Rõhõkatêjê* (conhecidos como grupo do cocal), os *Kyikatêjê* (grupo do Maranhão) e os *Akrãtikatêjê* (grupo da serra). Todos eles residiam na fronteira do sudeste do Pará com o oeste do Maranhão antes da década de 1970. Tais grupos começaram a se unir por volta do ano 1970 para assegurar sua sobrevivência, já que seus grupos de origem se encontravam em conflitos internos (FERRAZ, 1993).

Os *Rõhõkatêjê* e os *Akrãtikatêjê* foram os primeiros a se unirem efetivamente, formando o grupo *Parkatêjê* (‘turma de baixo’ do rio Tocantins). No ano de 1980, conforme Ferreira (2003), com a morte do seu último chefe, finalmente o grupo *Kyikatêjê* (‘turma de cima’ do rio) incorporou-se aos *Parkatêjê*, e juntos passaram a ser conhecidos como ‘Comunidade Indígena Parkatêjê’. Atualmente, o grupo soma aproximadamente 760<sup>1</sup> pessoas, que vivem na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), em aldeias localizadas ao longo da rodovia BR-222, no Município de Bom Jesus do Tocantins, próximo à cidade de Marabá (PA), conforme mostra a figura a seguir:

---

<sup>1</sup> Siasi/Sesai, 2014 (<https://terrasindigenas.org.br/es/terras-indigenas/3750>).

**Figura 1** - Localização da RIMM

**Fonte:** Google maps (adaptado)

A Reserva Indígena Mãe Maria tem como limites os igarapés Flecheira e Jacundá, afluentes da margem direita do curso médio do Rio Tocantins. Este território foi concedido aos Parkatêjê em 1943, pelo Decreto-Lei nº 4.503 de 28 de dezembro de 1943 (Informações disponíveis no site do Instituto Socioambiental<sup>2</sup>).

Vários projetos de impacto ambiental atingiram a RIMM ao longo dos anos. Dentre eles podem ser mencionados, conforme Araújo (2008): a construção da Rodovia PA 70 (atual BR-222), que cortou o território de leste a oeste, ligando Marabá à Rodovia Belém-Brasília, na década de 1960; a construção da PA 150, no sudoeste do território, e da linha de transmissão entre Marabá/PA e Imperatriz/MA pela Eletronorte, por volta de 1970; a instalação das torres de transmissão de Tucuruí, que atravessaram suas roças, cemitérios e castanhais, e a construção da ferrovia Carajás-Ponta de Madeira (Itaqui/MA) realizada pela Companhia Vale do Rio Doce, nos anos de 1980.

Atualmente, novas aldeias surgiram por conta também de conflitos internos do grupo que viveu junto por 30 anos na aldeia *Kupêjipôkti*. Estas aldeias estão distribuídas na Reserva Indígena Mãe Maria, ao longo da Rodovia BR-222, conforme mostra o quadro seguinte, extraído de Lopes (2017):

<sup>2</sup> <https://www.socioambiental.org/pt-br>

**Quadro 1 - Distribuição das aldeias na RIMM**

<b>Rodovia BR-222</b>	
<b>Nome da Aldeia</b>	<b>Localização</b>
Akrãti	Km 15
Akrākýtêjê	Km 15
Kojakati	Km 16
Gavião Kriamretijê	Km 22
Krãpeitijê	Km 25
Gavião Kýtikatêjê	Km 25
Krijöhêrekatêjê	Km 29
Gavião Parkatêjê	Km 30
Akrãkaprekti	Km 35
Rohôkatêjê	Km 36
Akrôtikatêjê	Km 37

**Fonte:** LOPES (2017)

A língua e a cultura Parkatêjê são influenciadas pelo intenso contato dos Parkatêjê com a sociedade envolvente, principalmente a partir dos projetos de impactos ambientais já mencionados e dos casamentos entre os Parkatêjê e os *kupê*<sup>3</sup>. A língua portuguesa já faz parte da interação social desse povo, sendo usada majoritariamente entre eles. Além do mais, as crianças não aprendem a língua indígena como primeira língua.

Os Parkatêjê na faixa etária de 50 a 70 anos são bilíngues em português e parkatêjê, porém, utilizam mais aquela língua do que esta. Eles falam a língua indígena somente em interação com outros índios da mesma faixa etária, mas, às vezes, fazendo alternância entre as duas línguas. Os indígenas pertencentes à faixa etária de 30 a 49 anos não falam a língua parkatêjê, mas afirmam ter algum entendimento da língua tradicional. Já os Parkatêjê na faixa etária de 0 a 29 anos falam somente o português, conhecendo poucas palavras ou expressões da língua indígena.

Como consequência disso, a língua indígena perdeu espaço para o português, que está presente em praticamente todos os contextos de comunicação entre os Parkatêjê. O fato de esta língua não estar sendo ensinada aos membros mais novos da comunidade faz com que ela se encontre em acelerado processo de extinção. Essa situação é preocupante, pois o

<sup>3</sup> Forma de denominar os ‘não-índios’.

enfraquecimento da língua ancestral pode também acarretar no enfraquecimento da cultura desse povo. Diante dessa situação sociolinguística, projetos de revitalização têm sido desenvolvidos por linguístas e antropólogos como forma de contribuição para a manutenção não apenas da língua, mas também da cultura Parkatêjê, a fim de evitar que estes bens imateriais sejam extintos.

A seguir, realizo algumas considerações acerca dos aspectos culturais do povo Parkatêjê.

## 2.2 ASPECTOS GERAIS DA CULTURA PARKATÊJÊ

A realização das festas tradicionais anuais é uma das características da cultura dos Parkatêjê. Dentre as principais festas desse povo estão: *Pàn* e *Hàk* ('arara' e 'gavião'), *Tep*, *Xêxêtere* e *Têre* (respectivamente 'peixe', 'arraia' e 'lontra'), *Põhytetet* 'festa do milho verde' e *Wakmêre* 'festa do cipó'. (JÕPAIPAIRE, 2011, p. 135)

A partir da publicação do livro de memórias do capitão (*Me ikwý tekjê ri*: isto pertence ao meu povo), em 2011, houve uma grande movimentação indígena. Então o conselho dos velhos se reuniu com os jovens e juntos decidiram fazer uma maratona no ano seguinte, na mesma data do lançamento do livro, em sua comemoração, e essa festa entrou no calendário parkatêjê. Assim, desde dezembro de 2012, os Parkatêjê realizam a "Meia Maratona Indígena Parkatêjê", que consiste em uma maratona de jogos da qual participam índios de várias etnias. Na maratona os índios se pintam, enfeitam-se e formam grupos para realizar diversas competições de jogos nas seguintes modalidades: jogo de arco e flecha, corrida de tora, corrida de varinha, corrida de 100 metros, cabo de guerra, futebol, danças culturais, entre outras. Em 2016, a maratona não foi realizada, devido ao fato de a comunidade Parkatêjê estar enlutada pela morte do seu líder, o cacique Krohòkrenhum, que faleceu em 18 de outubro do mesmo ano. Em setembro de 2017, quando estive pela segunda vez na aldeia, pude presenciar a preparação dos Parkatêjê para o encerramento do luto, que ocorreu juntamente com a inauguração do Instituto Krohòkrenhum nos dias 18 e 19 de outubro de 2017, e para a 5ª edição da maratona, realizada no período de 05 a 09 de dezembro do referido ano.

Outro aspecto importante da cultura Parkatêjê são as atividades tradicionais, dentre as quais destaco o 'jogo de flecha' e a 'corrida de tora' (esta última é uma atividade tradicional característica dos Timbira e de outros povos pertencentes ao tronco Macro-Jê, segundo Nimuendajú (1946)). A primeira atividade é realizada ao longo do ano, geralmente nos finais de semanas e feriados, mas também durante as festas tradicionais. Conforme Vieira (2015), o

‘jogo de flecha’ é um dos jogos mais praticados pelos Parkatêjê, podendo ser realizado por homens e mulheres. As mulheres só podem jogar com outras mulheres e os homens, com outros homens. Ainda segundo a autora:

Antes do início do jogo, os jogadores preparam suas flechas com urucum e protegem seus dedos e punhos, enrolando-os em tiras finas de embira [...]. Outro ponto importante antes do jogo é a caracterização distinta entre os jogadores indígenas, visto que os homens pintam somente o corpo e utilizam um adorno na cabeça chamado por *kraxê*, por sua vez, as mulheres usam uma pintura facial específica chamada *haratêk*, esta pintura é caracterizada por três linhas verticais grossas de tinta de urucum, entre as quais, duas delas contornam o rosto e a terceira desce da testa ao nariz. Além disso, o arco utilizado no jogo das mulheres é ligeiramente menor do que o arco masculino. (VIEIRA, 2015, p.37)

As flechas são jogadas uma de cada vez em direção a um alvo demarcado no tronco de uma bananeira, que está entre 30 a 50 metros de distância do ponto inicial. Depois que todas as flechas são lançadas, os competidores começam a procurá-las, recolhê-las e contá-las. O vencedor do jogo é aquele que, depois da contagem final, consegue acumular o maior número de flechas.

**Figura 2:** Índios Parkatêjê jogando flechas



**Fonte:** Acervo da autora (2017)

A ‘corrida de tora’ é uma atividade tradicional de corrida de revezamento que exige resistência física e velocidade dos participantes. Durante a atividade, os competidores carregam a tora e correm com ela, passando-a ainda em movimento para um companheiro (NIMUENDAJÚ, 1946). De acordo com Vieira (2015), a preparação da tora ocorre um dia antes da corrida, da seguinte forma:

[A tora] é constituída da parte mais central do tronco da samaumeira, cuja medida diametral chega a ter quase dois metros. As toras são cortadas a uma distância de três a quatro quilômetros no interior da mata. Nesse local, ela é medida e escavada, ou seja, tira-se o miolo de suas extremidades para facilitar o carregamento pelos corredores. Após essa etapa inicial a tora é pintada de urucum e deixada no lugar, no qual será iniciada a largada no dia seguinte. (VIEIRA, 2015, p.33)

A corrida começa quando os competidores correm em direção ao pátio da aldeia, local onde o vencedor deverá lançar a tora. Após um breve descanso da corrida, inicia-se o canto dos corredores no centro da aldeia.

Essa atividade pode ser praticada por homens, mulheres e crianças. No entanto, é mais comumente realizada por índios adultos, pois exige muito esforço físico da parte dos corredores.

**Figura 3:** Índias Parkatêjê correndo tora



**Foto:** Esnesto de Carvalho

**Fonte:** JÕPAIPAIRE (2011, p.159)

Em se tratando do artesanato parkatêjê, há uma variedade de itens característicos da cultura. Silva (2014) destaca *kàhà* ‘cofo’, *kai* ‘cesta’, *kuwê* ‘arco’, *kruwa* ‘flecha’, *hahĩ* ‘tipoia para carregar criança’, *krãxê* ‘ornamento para a cabeça’, *tupre* ‘cinto matrimonial da mulher’, adornos de penas de arara e de gavião, instrumentos musicais (buzinas e maracás), esteiras, peneiras, entre outras coisas. Tais itens são confeccionados pelos próprios índios Parkatêjê, que utilizam penas de arara, penas de gavião, cabaça, palha, linhas e outros materiais para produzi-los.

### 2.3 ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA PARKATÊJÊ

A língua *Parkatêjê* faz parte da família Jê setentrional, tronco linguístico Macro-Jê, e juntamente com as línguas *Apãniekrá*, *Krahô*, *Pykobjê*, *Krênjê*, *Krĩkati* e *Ramkokamekrá*<sup>4</sup> forma um complexo dialetal denominado ‘Timbira’. Elas são assim classificadas por compartilharem diversos aspectos entre si.

Dentre estas sete línguas, apenas quatro já foram descritas. A língua *Apãniekrá* foi estudada por Castro-Alves (2004), que apresenta características referentes à fonologia e à morfossintaxe da língua. A língua *Krahô* foi descrita primeiramente por Popjes & Popjes (1989), que apresentam alguns aspectos relacionados à fonologia, morfologia e sintaxe da língua, e posteriormente por Souza (1989, 1997), que trata sobre pronomes pessoais e sintaxe do *Krahô*, e também por Miranda (2014), que trata sobre a morfologia e a morfossintaxe da língua. Amado (2004) descreveu a língua *Pykobjê*, apresentando características referentes à sua morfofonologia.

Dentre os estudos linguísticos mais expressivos sobre a língua *Parkatêjê* estão os trabalhos de Araújo (1977, 1989, 2008, 2016) e Ferreira (2003, entre outros). Esta autora descreveu aspectos morfossintáticos da língua. Aquela, além de apresentar questões referentes à escola e educação indígena, trata sobre semântica e aspectos gerais do *Parkatêjê* e propõe a ortografia da língua. Estes trabalhos possibilitaram a sistematização de informações importantes acerca da língua *Parkatêjê*, servindo de base para outros trabalhos, como o de Neves (2010, 2012), Silva (2016), Vale (2016), Lopes (2017) e outros.

Conforme postulado por Araújo (1977), no sistema fonológico da língua *Parkatêjê* há mais vogais que consoantes. A língua apresenta vinte e sete (27) fonemas, divididos em dezesseis (16) vogais e onze (11) consoantes. As consoantes configuram-se da seguinte maneira: cinco (5) oclusivas surdas, com pontos de articulação bilabial, alveolar, palatal, velar e glotal; duas (2) nasais, com pontos de articulação bilabial e alveolar; uma (1) líquida alveolar; e três (3) semiconsoantes, com ponto de articulação bilabial, palatal e glotal. A configuração das onze (11) vogais ocorre do seguinte modo: nove (9) orais e sete (7) nasais, contrastando nas posições anterior, central e posterior da língua.

Em relação às classes de palavras em *Parkatêjê*, Ferreira (2003) distingue as classes abertas (nomes, verbos e advérbios) das classes fechadas (pronomes, posições, conjunções, partículas e interjeições). Os nomes podem ser classificados como não possuíveis, alienavelmente possuídos ou inalienavelmente possuídos. Os verbos ocorrem

---

<sup>4</sup> Trabalhos tradicionais e modernos têm considerado estas sete línguas como línguas muito próximas entre si. O trabalho mais recente é o de Jolkesky (2010), que apresenta uma classificação para a família Jê.

como núcleos dos predicados e relacionam-se às categorias verbais de tempo, aspecto e modo. Considerando o número de argumentos admitidos por eles, podem ser classificados como verbos intransitivos ativos, verbos intransitivos não ativos (estativos/descriptivos) e verbos transitivos.

A ordem canônica das orações em Parkatêjê é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Conforme Ferreira (2003), a língua apresenta três tipos de orações:

- (i) Orações com predicado verbal: aquelas em que os verbos compõem o núcleo do predicado, podendo ser intransitivas, intransitivas estendidas, transitivas e transitivas estendidas;
- (ii) Orações com predicado não-verbal: orações cujo núcleo é composto por sintagmas nominais ou posposicionais, podendo ser do tipo identificacional, equativa, possessiva e locativa;
- (iii) Orações complexas: orações que envolvem dois ou mais predicados, os quais podem combinar-se para formar uma sentença coordenada.

Dentre os estudos já realizados acerca da língua Parkatêjê, apenas o de Ferreira (2003) tratou, dentre outros aspectos, da causativização nessa língua. Porém, tal fenômeno não foi explorado de forma detalhada, uma vez que esse assunto não era o principal foco de pesquisa da supracitada autora. Sendo assim, a presente Dissertação apresenta um estudo sobre os aspectos morfossintáticos e semânticos relacionados ao fenômeno linguístico de causativização em Parkatêjê.

Na seção seguinte, apresento as considerações teóricas que embasam o presente estudo.

### 3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Na presente seção realizo algumas considerações teóricas referentes à transitividade verbal e alternância verbal causativa e anticausativa. Também faço considerações teóricas acerca do fenômeno da causativização, apresentando os tipos de construções causativas, causativização direta, indireta e sociativa, bem como a causativização de verbos transitivos, intransitivos ativos e intransitivos não ativos. Este estado da arte foi desenvolvido com base em Givón (1975, 2001), Shibatani (1976, 2002), Perlmutter (1978), Hopper e Thompson (1980), Comrie (1989), Haspelmath (1993), Levin (1993), Dixon (1994), entre outros autores.

#### 3.1 TRANSITIVIDADE VERBAL

Expressar as relações verbais por meio da transitividade é uma característica das línguas, apesar de cada uma apresentar um modo particular de fazer isto. De acordo com Hopper e Thompson (1980, p. 251), “a transitividade é tradicionalmente entendida como uma propriedade global de uma sentença completa, de modo que uma atividade é transferida de um agente para um paciente”. Na visão tradicional, quando há essa transferência de atividade de um componente ao outro, os verbos são classificados como transitivos. Quando essa transferência não ocorre, eles são chamados intransitivos, que significa dizer que há um único participante realizando a atividade sem transferi-la a outro participante.

Givón (2001) define a transitividade verbal tipificando os verbos nas línguas em uma escala de transitividade com vários níveis. Basicamente, os verbos são classificados em transitividade 1, 2 e 3. Na transitividade de nível 1, que consiste no menor grau de transitividade, estão os verbos intransitivos, que se ligam a um argumento; na transitividade de nível 2 estão os transitivos, os quais se ligam a dois argumentos; e na transitividade 3 estão os bitransitivos, que se ligam a três argumentos. Desta forma, é possível dizer que a transitividade verbal está relacionada ao número de argumentos admitidos pelos verbos de uma determinada língua: os verbos intransitivos exigem somente o sujeito como argumento; os verbos transitivos exigem o sujeito e o objeto direto como argumentos; e os verbos bitransitivos exigem o sujeito, o objeto direto e um objeto indireto como argumentos.

As construções intransitivas são geralmente caracterizadas por apresentarem um verbo intransitivo como núcleo do predicado. O verbo intransitivo admite apenas um argumento,

nomeado sujeito (S)<sup>5</sup> da oração, formando uma construção do tipo [SV]<sup>6</sup>, como exemplifico a seguir com orações da língua Parkatêjê:

- (1) kôtài pỳp  
 cupuaçu cair  
 ‘O cupuaçu caiu’

Em Parkatêjê, segundo Ferreira (2003, p.87), os verbos intransitivos podem ser de dois tipos: intransitivos simples ou intransitivos estendidos. Os simples apresentam somente um argumento, que corresponde ao sujeito (S), como no exemplo (1). Já os estendidos, além do argumento (S), também apresentam um argumento oblíquo obrigatório, como no exemplo (2):

- (2) wa ka ariaxà kãm nõ hõ  
 eu FUT rede LOC deitar dormir  
 ‘Eu vou dormir na rede’ / Lit. ‘Eu vou deitar-dormir na rede’

Os verbos intransitivos do Parkatêjê são subdivididos, semanticamente, em verbos ativos (de ação) e não-ativos (descritivos ou estativos). Os verbos ativos ocorrem com pronomes livres e os estativos com pronomes presos (anteriormente designados como dependentes (FERREIRA, em Comunicação Pessoal)). Os verbos ativos e os estativos são exemplificados a seguir, respectivamente:

- (3) pa wa jōkrepô  
 ENF eu cantar  
 ‘Eu canto’

- (4) a-mpej  
 2-ser.bom  
 ‘Tu és bom’

Em contrapartida, as construções transitivas apresentam como núcleo do predicado um verbo do tipo transitivo. Este verbo admite dois argumentos: o sujeito (A) e o objeto (O) da oração, formando uma construção com a estrutura [AVO]. No caso do Parkatêjê, a estrutura padrão para essas construções é [AOV]:

<sup>5</sup> Dixon (1994) postula três primitivos sintático-semânticos universais presentes nas construções verbais: o (S) ‘sujeito da oração intransitiva’, o (A) ‘sujeito da oração transitiva’ e o (O) ‘objeto da oração transitiva’.

<sup>6</sup> A ordem básica dos constituintes vai depender do padrão de cada língua.

- (5) ite kay pyr  
 1-ERG cesto pegar-PAS  
 ‘Eu peguei o cesto’

Os verbos transitivos do Parkatêjê também são classificados em verbos simples ou estendidos. Os transitivos simples, exemplificados em (5), apresentam dois argumentos correspondentes ao sujeito (A) e ao objeto (O). Os transitivos estendidos apresentam os argumentos (A) e (O) mais um terceiro argumento oblíquo marcado por posposição (FERREIRA, 2003), conforme o exemplo abaixo:

- (6) i-te katyi mã mpo ton  
 1-ERG tia DAT IND fazer+PAS  
 ‘Eu fiz uma coisa para minha tia (paterna)’

Além da classificação geral de verbos em transitivos e intransitivos (NEDYALKOV e SILNITSKY, 1973), outros estudos têm levado a subclassificações dos verbos de acordo com diferentes aspectos. Perlmutter (1978), por exemplo, classifica os verbos intransitivos em inacusativos e inergativos. Os verbos inacusativos se caracterizam por selecionarem um único argumento externo na posição de objeto, com papel semântico de afetado, e por não atribuírem o caso acusativo. Por outro lado, os verbos inergativos são caracterizados por selecionarem um agente na função de argumento externo. Tais verbos possuem uma semântica de atividade (como os verbos *correr*, *trabalhar*, *cantar*, *gritar*, *pular*, *subir* etc.). As sentenças em (7) e (8) exemplificam, respectivamente, as construções com verbos inacusativos e inergativos:

(7) Os impostos aumentaram.

(8) O gato pulou da escada.

Quanto aos verbos transitivos, “Shibatani e Pardeshi (2002) expandem a classe dos verbos ‘ingestivos’ (verbos de consumo de alimentos e aquisição de informações como *ver*, *conhecer*, *aprender*) [...] para incluir outros verbos médios (*subir*, *sentar-se*, *barbear*, *vestir*) que transmitem situações em que um agente afeta a si mesmo [...]”. (SHIBATANI, 2002, p. 05). Os verbos ingestivos e médios são exemplificados, respectivamente em (9) e (10):

(9) Eu comi peixe.

(10) O homem se barbeou.

Com as novas classificações para os verbos intransitivos e transitivos, Shibatani (2002) distingue os seguintes tipos de verbos: i) intransitivos não ativos (inacusativos); ii) verbos médios/ingestivos (que incluem tanto transitivos quanto intransitivos); iii) intransitivos ativos (inergativos); iv) verbos transitivos. Devo esclarecer que esta proposta de Shibatani, que ora acato para uma análise mais robusta da causativização em Parkatêjê, não altera em nada a descrição realizada por Ferreira (2003). Ao contrário, essas duas visões se encaixam e podem explicar perfeitamente como ocorre tal fenômeno na língua supramencionada.

A valência verbal consiste na capacidade máxima de argumentos que cada verbo suporta. Os verbos podem ser monovalentes (um argumento), bivalentes (dois argumentos), trivalentes (três argumentos) ou mesmo tetravalentes (mais de três argumentos). A seguir, exemplifico a valência verbal dos verbos *desaparecer*, *comer* e *escrever* do Português, que são, respectivamente, monovalente, bivalente e trivalente:

(11) O marido desapareceu.

(12) A criança vestiu a roupa.

(13) A jovem escreveu uma carta para sua família.

Prototipicamente, os argumentos de um verbo em Português podem ser o sujeito e o objeto. O sujeito prototípico é aquele que aparece na posição antes do verbo (o marido, a criança e a jovem), enquanto o objeto aparece na posição pós-verbal (a roupa, uma carta). Semanticamente, o agente (correspondente ao sujeito) é quem controla a ação verbal de forma consciente. Já o paciente sofre essa ação, mudando de estado.

Na subseção seguinte, farei algumas considerações sobre alternância verbal causativa e alternância verbal anticausativa.

### **3.2 ALTERNÂNCIAS DE VALÊNCIA VERBAL: ALTERNÂNCIA CAUSATIVA E ANTICAUSATIVA**

Vários são os tipos de alternâncias verbais descritas pelas teorias descritiva e tipológica das línguas. Tais alternâncias envolvem a mudança da transitividade de um verbo. Dentre elas cito as alternâncias ergativa, inergativa, acusativa, inacusativa, causativa, anticausativa, entre outras. Nesta subseção, farei algumas considerações sobre as alternâncias causativa e anticausativa, visto que servem como base para o entendimento do fenômeno de causativização, o qual será apresentado mais adiante.

Com base em Haspelmath (1993), é possível dividir as alternâncias de valência verbal em não direcionais e direcionais. As alternâncias não direcionais são aquelas em que os verbos são iguais em complexidade morfológica. Isto significa que não é possível estabelecer se um verbo é derivado do outro. Há dois subtipos de alternâncias não direcionais: a lábil e a equipolente. A alternância lábil é aquela em que os verbos não são marcados morfológicamente, como em:

(14) a. O homem quebrou janela.

b. A janela quebrou.

A alternância equipolente é aquela cujos verbos são marcados morfológicamente, conforme o exemplo do persa, em que o verbo *ab* ‘derreter’ recebe a marca de transitivo *kard* e a marca de intransitivo *shod*:

(15) a. Kimea    kare    ab    kard  
Kimea manteiga derreter TRANS  
‘Kimea derreteu a manteiga’

b. Kare    ab    shod  
manteiga derreter INTRANS  
‘A manteiga derreteu’

(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p. 225)

As alternâncias direcionais consistem naquelas em que somente um dos verbos recebe marca morfológica, sendo possível estabelecer que um deles é morfológicamente derivado do outro. As alternâncias direcionais estão subdivididas em causativa e anticausativa. Na alternância causativa, o verbo morfológicamente mais complexo é transitivo, como exemplificam as sentenças do turco, em que a contraparte não-marcada do verbo *dur* ‘parar’ é intransitiva e a contraparte marcada com o morfema *-dur* é transitiva:

(16) a. Araba    dur-du  
carro    parar-PRET  
‘O carro parou’

b. Polis    araba-y1    dur-dur-du  
polícia    carro-ACU    parar-CAUS-PRET  
‘A polícia parou o carro’

(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p. 226)

Por outro lado, na alternância anticausativa, o verbo morfologicamente mais complexo é intransitivo, como mostra o exemplo do turco, em que a contraparte não-marcada do verbo *kapa* ‘fechar’ é transitiva e a contraparte marcada com o morfema *-n* é intransitiva:

(17) a. Mehmet dukkana-s1-n1 kapa-d1  
 Mehmet loja-sua-ACU fechar-PRET  
 ‘Mehmet fechou sua loja’

b. Mehmet'-in dukkana-s1 kapa-n-d1  
 Mehmet-GEN loja-sua fechar-DECL-PRET  
 ‘A loja do Mehmet fechou’

(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p. 226)

A alternância causativa, segundo Levin (1993), envolve verbos com usos transitivos e intransitivos, em que o uso transitivo de um determinado verbo significa algo como ‘causar V-intransitivo’. Em termos sintáticos, a principal característica da alternância causativa é que o sujeito intransitivo (S) se torna o objeto da variante transitiva (O). Os verbos causativos expressam o desencadeador/causa do evento (agente) e o argumento afetado (paciente).

(18) a. O vaso quebrou.  
 b. O menino quebrou o vaso. (Causativo)

Para Levin (1993), os verbos submetidos à alternância anticausativa (semanticamente chamados incoativos) podem ser caracterizados como verbos que envolvem mudança de estado ou mudança de posição. Em termos sintáticos, o objeto transitivo (O) torna-se o sujeito da variante intransitiva (S). Os anticausativos consistem em um grupo de verbos que não expressam o desencadeador/causa do evento (agente), apenas o argumento afetado (paciente) na posição sintática de sujeito. Na perspectiva morfossintática, tais verbos são inacusativos na forma intransitiva, isto é, o que aparentemente é sujeito intransitivo é, na verdade, sujeito paciente.

(19) a. João abriu a porta.  
 b. A porta abriu. (Anticausativo)

De acordo com Shibatani (2002), as investigações realizadas por Haspelmath (1993) acerca dos eventos causativos e anticausativos revelam que eventos com verbos como *dividir*, *fechar*, *quebrar*, *abrir*, que exigem uma força externa para acontecer, tendem a envolver a derivação anticausativa e podem ser lexicalizados como verbos causativos. Em contrapartida, eventos com verbos como *ferver*, *congelar*, *secar*, *acordar*, *sair*, *afundar*, *derreter* favorecem a derivação causativa e não podem ser lexicalizados como verbos causativos.

Em Parkatêjê, há algumas construções que se comportam de modo semelhante às construções anticausativas. Ferreira (2003) chamou a essas construções de passivas, as quais se caracterizam por haver a supressão do agente e a promoção do paciente à posição de sujeito, como mostra o exemplo a seguir:

- (20) a. i-te      kruwa    kwĩn  
           1-ERG flecha    quebrar  
           ‘Eu quebrei a flecha’
- b. kruwa      aipĩkwĩn  
           flecha    DTR-quebrar  
           ‘A flecha quebrou’

A autora apresentou o formativo *aipĩ* como uma possível marca de passiva, considerando-se que, ao receber tal morfema, o verbo transitivo, nos exemplos apresentados àquela altura, tinha sua valência reduzida, passando a comportar-se como intransitivo. Ferreira (2018, a aparecer) analisa o formativo *aipĩ* como um detransitivizador, por apresentar a característica de reduzir a valência de verbos. O exemplo (20) ilustra isto.

As construções causativas em Parkatêjê serão tratadas mais adiante.

Tais considerações sobre o que de fato são construções causativas e anticausativas ajudam no entendimento do fenômeno de causativização. Na próxima subseção, farei algumas considerações teóricas sobre este fenômeno linguístico.

### 3.3 O FENÔMENO DA CAUSATIVIZAÇÃO

O estudo da causativização (ou causatividade, como também é chamado) tem recebido atenção de linguistas de diversas partes do mundo desde a metade da década de 1960 (ARRAIS, 1985). Desde então, vários linguistas e tipólogos têm se dedicado aos estudos da causativização nas línguas naturais, contribuindo assim para a tipologia dos causativos.

Dentre eles, destaco Givón (1975), Shibatani (1976, 2002), Comrie (1989), Dixon (1994), entre outros autores, que embasam a discussão sobre a causativização nesta dissertação.

A causativização pode ser estudada a partir das perspectivas morfossintática e semântica. Da perspectiva morfossintática, é possível dizer que a causatividade é um processo relacionado ao aumento de valência verbal, isto é, ao estender as posições da estrutura argumental de um verbo, provocam-se mudanças nas funções e relações gramaticais nos argumentos de um verbo. Da perspectiva semântica, ela consiste em um fenômeno associado à relação de causa e efeito. O verbo causativo, sendo geralmente transitivo, exige que o sujeito da oração aja sobre outro argumento, fazendo com que este realize alguma ação ou mude seu estado, construindo uma relação de causa e efeito (NEVES, 2000).

Para Lyons (1979), uma operação causativa tem por efeito introduzir um sujeito agentivo em uma construção intransitiva para dar origem a uma construção transitiva. Porém, em certas línguas, a operação causativa também pode adicionar um sujeito agentivo a uma construção transitiva, fazendo com que esta receba um terceiro argumento.

Tanto as construções intransitivas quanto as transitivas podem receber um novo argumento por intermédio de causativização. Para exemplificar a causativização de verbos intransitivos e transitivos, respectivamente, apresento as sentenças (21) e (22):

(21) a. A criança pulou.

b. O pai fez a criança pular.

(22) a. O marido comprou os sapatos.

b. A esposa fez o marido comprar os sapatos.

Tanto nas sentenças em (21) quanto nas sentenças em (22), a adição do verbo causativo ‘fazer’ em Português permite o acréscimo dos sujeitos agentivos ‘o pai’ e ‘a esposa’, os quais influenciam ou até mesmo manipulam as ações da ‘criança’ e do ‘marido’, respectivamente. Estes, que antes eram sujeitos nas sentenças *a.*, tornam-se objetos do verbo causativo nas sentenças *b.* Deste modo, em (21), a construção *a.*, que era intransitiva, torna-se transitiva em *b.* De igual modo, em (22), a sentença transitiva em *a.* torna-se bitransitiva em *b.*

Ressaltando principalmente as características morfossintáticas das construções causativas, Dixon (1994) apresenta as principais características de um causativo prototípico: o causativo aplica-se a uma sentença intransitiva básica e forma uma transitiva derivada; o argumento na função S (de sujeito da intransitiva / o *causee*) vai para a função O (de objeto da

transitiva) no causativo; então, um novo argumento (o *causer*, que é alguém ou alguma coisa que inicia ou controla a atividade) é introduzido em função A (de sujeito da transitiva).

Conforme exposto por Shibatani (1976), a definição da expressão “causatividade” deve ser dada em termos semânticos. Para o autor, o processo de causativização é compreendido a partir de uma estrutura bieventiva, tendo em vista que envolve a realização de dois eventos que ocorrem em momentos distintos, mas que estão ligados um ao outro. Deste modo, o evento causador se realiza em um primeiro momento, ao passo que o evento causativo acontece no momento seguinte. Isto quer dizer que, primeiramente, um elemento causador desencadeia o evento causativo, o qual induz o elemento afetado a realizar, posteriormente, outra ação ou processo.

Comrie (1989) apresenta uma tipologia das construções causativas e seus universais. O autor defende a existência de aspectos sintáticos, ligados à natureza do verbo causativo, e aspectos semânticos, relacionados ao agente causador, que resultam na estrutura das sentenças causativas. Para ele, nesse tipo de construções, determinado verbo causativo terá um argumento a mais que o seu verbo correspondente não causativo pela adição de um sintagma nominal (SN), expressando a pessoa ou a coisa que ocasiona aquela ação. São várias as estratégias que a sintaxe das línguas utiliza para acomodar esse SN extra. O presente trabalho reunirá algumas dessas estratégias descritas na literatura pertinente ao tema.

Similarmente à concepção de Shibatani, Comrie (1989) considera a causativização um epifenômeno que envolve duas microssituações (a causa e o efeito dessa causa) resultando em uma macrossituação (o todo):

Qualquer situação causativa envolve duas situações componentes, a causa e o seu efeito (resultado). Imaginemos a seguinte cena: o ônibus não aparece; como resultado, estou atrasado para um compromisso. Neste exemplo simples, a não vinda do ônibus está funcionando como causa, e meu atraso para o compromisso funciona como efeito. Estas duas microssituações combinadas dão uma única e complexa macrossituação, a situação causativa. (COMRIE, 1989, p. 165. Tradução minha)<sup>7</sup>

Uma construção causativa pode ter uma estrutura do tipo: ‘O ônibus me fez chegar atrasado’, mas há diversas formas de expressar uma situação causativa nas línguas. O supracitado autor destaca algumas delas: o uso de conjunções causativas ou conjunções que dão ideia de resultado (porque, de modo que), o uso de preposições (por causa de, graças a) e o uso de um predicado separado da causação (com o verbo causar /fazer algo) ou de um

<sup>7</sup> “Any causative situation involves two component situations, the cause and its effect (result). Let us imagine the following scene: the bus fails to turn up; as a result, I am late for a meeting. In this simple example, the bus’s failing to turn up functions as cause, and my being late for the meeting functions as effect. These two micro-situations thus combine together to give a single complex macro-situation, the causative situation”. (COMRIE, 1989, p. 165)

predicado que carrega em si a noção de causa (como em ‘João matou Bill’). O autor afirma que, dentre essas formas de expressar a causação, a que mais tem recebido atenção é a estrutura que apresenta o predicado causativo (tanto aquele separado da causação quanto o que carrega a noção de causa).

Em geral, nas construções causativas, o agente causador desencadeia um evento (evento causador) que causa outro evento (evento causativo/efeito). As estruturas causativas apresentam as seguintes características: o evento causador, o evento causativo, o participante causador e o participante afetado. Nessa mesma linha, Givón (1975) defende que há um sujeito agente da proposição-causa, o qual deve ser considerado sujeito de toda a expressão causativa, e um sujeito paciente da proposição-efeito, que é considerado o objeto da causação.

Uma observação mais recente de Shibatani (2002) mostra que os estudos sobre verbos causativos têm se concentrado nos eventos provocados por um agente externo, com verbos como *matar*, *assustar*, *quebrar* etc. (verbos que envolvem ação). De acordo com o autor, quando o evento é realizado com o uso de verbos como *agradecer*, *parabenizar*, *solicitar* (verbos não ativos), os quais não apresentam um agente que cause uma mudança no paciente, tais eventos são considerados não causativos. Para ele, “uma delimitação similar tem sido aplicada às construções causativas morfológicas e perifrásticas, de modo que uma expressão como ‘João forçou/persuadiu Maria a sair’ é considerada causativa, mas uma expressão como ‘João disse a Maria para sair’ não é” (SHIBATANI, 2002, p. 04). Os verbos causativos têm implicações de que o evento causativo de fato ocorre, como é percebido na primeira sentença, que mostra que Maria realmente saiu. Já na segunda sentença, o verbo ‘dizer’ não possui essa implicação: o fato de João dizer para Maria sair não implica sua saída. O autor afirma ser necessário um escopo mais amplo para esses verbos, a fim de se conseguir entender o desenvolvimento histórico das construções causativas, que podem ter surgido de construções não implicativas.

### **3.3.1 Tipos de construções causativas**

A causativização é um fenômeno comum nas línguas humanas e o modo como se realiza varia de uma língua para a outra. Algumas línguas utilizam mecanismos morfológicos, outras mecanismos sintáticos e um terceiro grupo emprega ambos os mecanismos. Segundo Comrie (1989), a estrutura das construções causativas pode ser constituída por uma sentença matriz e uma sentença encaixada (configurando o causativo analítico), ou por uma construção em que o verbo causativo e o encaixado são co-lexicalizados em uma estrutura derivada,

morfologicamente complexa, mas sintaticamente um verbo simples (configuração do causativo morfológico). O autor destaca três formas de realização das construções causativas: morfológica (ou sintética), perifrástica (ou analítica) e lexical, as quais serão apresentadas a seguir.

### 3.3.1.1 Causativo Morfológico

Na causativização morfológica (ou sintética), um verbo não causativo sofre aumento de valência por meio de morfologia causativa. Nesse processo, há contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa, configurando uma oração simples, ou seja, com apenas um predicado verbal.

Para Comrie (1989), há, pelo menos, duas características principais de uma construção causativa morfológica prototípica: i) o predicado causativo está relacionado ao predicado não causativo por mecanismos morfológicos (como a afixação, por exemplo); ii) pode-se tomar qualquer predicado e formar um predicado causativo a partir dele pelo significado morfológico apropriado. É possível até mesmo formar um predicado causativo de outro causativo.

Como exemplo do causativo morfológico, apresento as sentenças (23) e (24) da língua Tenetehára, de acordo com a descrição apresentada em Camargos (2013). Em (24), na construção já causativizada, o morfema causativo está afixado à raiz do verbo não causativo, formando um verbo sintaticamente simples:

(23) w-ata kwaharer a'e  
 3-andar menino ele  
 'O menino andou'

(24) u-mu-ata awa kwaharer a'e  
 3-CAUS-andar homem menino ele  
 'O homem fez o menino andar' (= O homem andou o menino)

(CAMARGOS, 2013, p. 39)

Segundo Camargos (2013), na causativização morfológica do Tenetehára, o verbo não causativo pode ter um acréscimo de valência por meio de dois morfemas causativos: o prefixo

*mu-*, que aumenta a valência de verbos inergativos e inacusativos<sup>8</sup>, tornando-os transitivos, e o sufixo *{-(u)kar}*, o qual aumenta a valência de verbos transitivos, tornando-os bitransitivos.

Comrie (1989) destaca alguns universais sintáticos e semânticos relacionados às construções causativas morfológicas. Primeiramente, ele afirma que a construção causativa morfológica normalmente tem uma valência maior que o seu correspondente não causativo, uma vez que, além dos argumentos do predicado não causativo, há também a introdução do *causer* (o agente da causação). Nas construções causativas analíticas (conhecidas também como perifrásticas ou sintáticas) não há problema com essa introdução, uma vez que cada um dos dois predicados, que expressam causa e efeito, mantém seu próprio conjunto de argumentos. No entanto, nos causativos morfológicos, os argumentos dos dois predicados semânticos têm que estar combinados em um único conjunto de argumentos de um único predicado. Comrie (1989) afirma que algumas línguas resolvem este problema do aumento de valência alterando a expressão do *causee* (o paciente da causação), omitindo-o da construção causativa, como ocorre em Songai<sup>9</sup>:

(25) Ali nga-ndi tasu di  
 Ali comer-CAUS arroz o  
 ‘Ali fez alguém comer o arroz’.

A fim de estabelecer os tipos de verbos que podem ser causativizados por meio de causativização morfológica, Shibatani (2002) cita o trabalho de Nedyalkov e Silnitsky (1973), que afirmam que os afixos causativos são mais produtivos com verbos intransitivos do que com verbos transitivos. Conforme os autores há línguas em que os afixos causativos se combinam apenas com verbos intransitivos, mas também há línguas em que é menos provável que tais afixos se combinem com verbos transitivos. “Mesmo em línguas que permitem a causativização morfológica de verbos transitivos, a frequência de textos com causativos de base transitiva parece menor do que a frequência com causativos de base intransitiva” (SHIBATANI, 2002, p. 05).

No entanto, Shibatani (2002) também ressalta a necessidade de uma classificação verbal mais profunda para estabelecer os tipos de verbos que podem sofrer causativização morfológica. É preciso ir além da classificação tradicional de verbos transitivos e intransitivos. Segundo o autor, graças aos esforços de linguistas como Perlmutter (1978), que

<sup>8</sup> Os verbos inergativos são caracterizados por selecionarem apenas um argumento na posição de sujeito com as propriedades semânticas de agente, já os inacusativos, por selecionarem um argumento na posição de sujeito com as propriedades semânticas de afetado, de acordo com Perlmutter (1978).

<sup>9</sup> Exemplo de Comrie (1989, p. 175).

traz a hipótese da inacusatividade, bem como Levin e Happaport Hovav (1995), foi possível observar que “os verbos intransitivos não são uniformes em resposta à causativização morfológica, pois os intransitivos inativos (que correspondem aos inacusativos de Perlmutter) são mais suscetíveis à conversão causativa do que os intransitivos ativos (correspondentes aos inergativos)” (SHIBATANI, 2002, p. 05).

### 3.3.1.2 Causativo Perifrástico

Em um protótipo de construção causativa perifrástica, os predicados que expressam a noção de causa e de efeito estão separados (COMRIE, 1989). Isto quer dizer que não há contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa. Logo, a estrutura causativa não é realizada por meio de uma oração simples, e sim por uma oração complexa. A construção causativa perifrástica é exemplificada na sentença a seguir, retirada de Comrie (1989, p. 167), em que o predicado de causação ‘cause’ está sintaticamente separado do predicado de efeito ‘go’:

(26) I caused John go.

‘Eu fiz João ir’

Lit. ‘Eu causei João ir’

Em Tenetehára também é possível observar construções causativas perifrásticas, como mostram os exemplos abaixo:

(27) u-mai’u kwaharer a’e

3-comer menino ele

‘O menino comeu’

(28) a-mono-kar kwaharer u-mai’u

1-mandar-CAUS menino 3-comer

‘Eu mandei o menino comer’

[Lit.: Eu fiz o menino ir para comer]

(SILVA, 2010, p. 684 apud CAMARGOS, 2013)

As construções causativas perifrásticas nessa língua são formadas por intermédio do verbo *mono-kar* ‘mandar’. A estrutura causativa perifrástica não é realizada por meio de uma oração simples. Na verdade, “o predicado que expressa a noção de causação e o predicado do

efeito desta causação estão sintaticamente separados” (CAMARGOS, 2013, p. 30). Desta forma, o que se espera da construção causativa perifrástica do Tenetehára é que ela seja realizada por intermédio de uma oração complexa, como realmente ocorre no exemplo anterior.

### 3.3.1.3 Causativo Lexical

Comrie (1989) aponta um terceiro tipo de causativo: o lexical. Esse causativo é um *continuum* entre o causativo analítico e o morfológico. Na causativização lexical, conforme o autor, o predicado não causativo e sua contraparte causativa não possuem aparentemente nenhuma relação morfológica. É imprescindível observar que essa relação provavelmente já tenha sido lexicalizada ao longo da evolução da língua. O causativo lexical parece ser menos produtivo nas línguas do que os causativos morfológico e analítico.

Comrie (1989) descreve dois tipos de causativos lexicais presentes nas línguas: i) sem mudança na forma do verbo – como o verbo *melt* ‘derreter’, transitivo e intransitivo em inglês (*The ice melt* ‘O gelo derrete’ / *John melt the ice* ‘João derrete o gelo’) – como os verbos lábil; ii) com mudança na forma do verbo – como os verbos *die* ‘morrer’ e *kill* ‘matar’, intransitivo e transitivo, respectivamente, em inglês (*The thief died* ‘O ladrão morreu’/ *The police killed the thief* ‘A polícia matou o ladrão’).

Na língua Tenetehára também existem construções causativas lexicais, como apresentadas no par de verbos *màno* ‘morrer’/ *zuka* ‘matar’, nos exemplos a seguir:

(29) u-màno    mutuk    a’è  
       3-morrer    mutuca    ela  
       ‘A mutuca morreu’

(30) u-zuka    kuzà    mutuk    a’è  
       3-matar    mulher    mutuca    ela  
       ‘A mulher matou a mutuca’

(CAMARGOS, 2013, p. 29)

Conforme Camargos (2013), na causativização lexical do Tenetehára, há aumento de valência por meio da alteração na forma verbal. Em tal processo, o predicado não causativo e sua contraparte causativa parecem não possuir nenhum tipo de relação morfológica. Na verdade, tal relação está lexicalizada.

### 3.3.2 A semântica dos causativos: causativização direta, indireta e sociativa

Comrie (1989) ressalta dois aspectos semânticos referentes à causativização: a diferença entre causativização direta e causativização indireta, e o grau de controle mantido na macrossituação causativa.

A distinção entre causativização direta e indireta está relacionada à distinção entre causativização verdadeira e causativização permissiva, respectivamente. O autor citado menciona verbos do inglês para mostrar essa distinção. Ele afirma que “em inglês, esses dois tipos são representados pelo uso de diferentes verbos nas construções analíticas usuais, como em ‘Eu fiz o vaso cair’ (causativo verdadeiro) e ‘Eu deixei o vaso cair’ (causativo permissivo)” (COMRIE, 1989, p. 171. Tradução minha).<sup>10</sup> Por outro lado, o autor também afirma que em muitas línguas a mesma construção pode apresentar, simultaneamente, o sentido de causativização direta e indireta.

Tanto na causativização direta quanto na indireta (chamadas por Shibatani (1976) de causativização manipulativa e diretiva, respectivamente), o agente do evento causador (*causer*) apresenta algum controle sobre o efeito, em maior ou menor grau. Na causativização direta, o sujeito agente do evento causador age de forma direta sobre a ação ou estado do sujeito paciente do evento causativo. Nesta causativização, o agente causador tem um maior controle (ou até mesmo controle total) sobre a realização do evento causativo. Já na causativização indireta, o sujeito agente do evento causador tem o poder de influenciar a ação ou estado do sujeito paciente do evento causativo. Isto quer dizer que o agente causador controla em menor grau (indiretamente) a realização do evento causativo.

O controle da macrossituação exercido pelo sujeito paciente do evento causativo (*causee*) vai depender se este participante é uma entidade animada ou inanimada (COMRIE, 1989). Se o sujeito paciente for animado, ele exercerá algum grau de controle sobre a situação causativa (um maior controle, no caso da causativização indireta, e um menor controle, no caso da causativização direta). Mas se ele for inanimado, não terá nenhum controle sobre esta situação, ficando esta sob o controle total do sujeito agente. Na sentença do inglês *I caused the tree to fall* ‘Eu causei a árvore cair’, o sujeito paciente ‘árvore’ é um ser inanimado, logo, não exerce nenhum controle sobre a situação causativa. Apenas o sujeito agente ‘eu’ controla a situação. Já na sentença *I caused John left* ‘Eu fiz João sair’, o sujeito paciente ‘João’ é um ser animado, por isso tem certo controle sobre a situação causativa.

---

<sup>10</sup> “In English, these two types are kept apart by the use of different main verbs in the usual analytic constructions, as in I made the vase fall (true causative) versus I let the vase fall (permissive)” (COMRIE, 1989, p. 171)

Os dois tipos semânticos de causativização podem ser observados em Tenetehára, conforme os exemplos de Camargos (2013, p. 39 e 43):

(31) u-um-ata            awa    kwarer   a'e  
 3- CAUS-andar   homem   menino   ele  
 'O homem fez o menino andar' (= O homem andou o menino)

(32) u-mu-puka-kar      kuzà    kwarer   a'e  
 3-CAUS-rir-CAUS   mulher   menino   ela  
 'A mulher fez o menino rir'

No exemplo (31), observando a tradução literal, é possível depreender que o homem fez o menino andar sem que este realizasse qualquer ação para que isso ocorresse. Talvez o menino estivesse impossibilitado de andar ou simplesmente não quisesse fazer isso. Assim, de forma direta, o homem causou a ação de andar do menino. Esta sentença exemplifica a causativização direta. No exemplo (32), é possível depreender que o menino riu por algo feito ou dito pela mulher. É muito improvável que ela o tenha feito rir sem que ele executasse alguma ação. Desta maneira, a mulher influenciou o menino a rir; causou sua risada de forma indireta. Esta sentença apresenta um exemplo de causativização indireta.

Para Comrie (1989), a linha que demarca a diferença entre a causativização direta e a indireta é tão tênue quanto a linha que demarca a diferença entre o causativo morfológico, o analítico e o lexical. O autor enfatiza a questão desse *continuum* e a relação entre as causativizações direta e indireta e os tipos de causativos:

Deve ser enfatizado que a distinção entre causativização direta e indireta é um dos graus ao longo de um *continuum*. É muito difícil, e talvez até impossível, construir exemplos que claramente permitam a interpretação de apenas uma causativização direta ou apenas uma causativização indireta. Mas, quando se comparam diferentes construções causativas que diferem no *continuum* analítico – morfológico – lexical, fica claro que a construção mais próxima da construção causativa analítica é mais apropriada para a causativização indireta, enquanto a construção mais próxima da causativa lexical é mais apropriada para a causativização direta (COMRIE, 1989, p.173. Tradução minha)<sup>11</sup>

De modo semelhante, Shibatani e Pardeshi (2002, p.89) apresentam uma tipologia funcional das construções causativas para mostrar como os três tipos de causativos

---

<sup>11</sup> "It must be emphasized that the distinction between direct and indirect causation is one of degree along a continuum. It is very difficult, and perhaps even impossible, to construct examples which clearly allow only a direct causation or only an indirect causation interpretation. But when one contrasts different causative constructions that differ on the analytic - morphological - lexical continuum, then it becomes clear that the construction closer to the analytic end is more appropriate for the distant (indirect) causative, while the one closer to the lexical end is more appropriate for the direct causative" (COMRIE, 1989, p.173)

formalmente distintos (causativos morfológicos, perifrásticos e lexicais) estão distribuídos em um *continuum* semântico que envolve a distinção entre causativização direta e indireta. Para os autores, a causativização direta envolve um causador (*causer*) agentivo e um *causee* paciente, o qual é manipulado fisicamente pelo causador; a causativização indireta envolve dois participantes agentivos, um causador agente e um *causee* também agente, que obedece a um comando/instrução oral. Nesse *continuum*, a causativização direta está mais próxima da causativização lexical, e a causativização indireta, mais próxima das causativizações analítica e morfológica.

Shibatani e Pardeshi (2002) mostram também que no *continuum* semântico há uma categoria intermediária entre a causativização direta e indireta. Essa causativização intermediária é chamada de “causativização sociativa” e ocorre quando um causador realiza a ação junto com um *causee*. Os autores distinguem três tipos de causativização sociativa: a ação conjunta (*joint-action*), que ocorre quando o causador e o *causee* realizam juntos a mesma ação; a assistência (*assistive*), quando o causador ajuda o *causee*, sem necessariamente realizar a ação com ele; e a supervisão (*supervision*), que acontece quando o causador supervisiona a ação realizada pelo *causee*. A seguir, demonstro os três tipos de causativização sociativa com exemplos do Japonês, extraídos de Shibatani e Pardeshi (2002, p.100):

- (33) Hahaoya-ga kodomo-o asoba-se-te i-ru (Ação Conjunta)  
 mother-NOM child-ACC play-CAUS-CONJ be-PRES  
 mãe-NOM criança-ACU jogar-CAUS-CONJ estar-PRES  
 ‘Mother is making the child play’  
 ‘A mãe está fazendo a criança jogar’
- (34) Hahaoya-ga kodomo-ni osikko-o sa-se-te (Assistência)  
 mother-NOM child-DAT pee-ACC do-CAUS-CONJ  
 mãe-NOM criança-DAT fazer xixi-ACU fazer-CAUS-CONJ  
 ‘Mother is making the child pee’  
 ‘A mãe está fazendo a criança fazer xixi’
- (35) Hahaoya-ga kodomo-ni hon-o yoma-se-te (Supervisão)  
 mother-NOM child-ACC book-ACC read-CAUS-CONJ  
 mãe-NOM criança-ACU livro-ACU ler-CAUS-CONJ  
 ‘Mother is making child read a book’  
 ‘A mãe está fazendo a criança ler um livro’

Como dito antes, a causativização sociativa é um processo intermediário entre a causativização direta e indireta e, conforme mostram os exemplos, é identificada de acordo com o grau de participação do causador na ação realizada pelo *causee*: em (33), a mãe provavelmente joga com a criança; em (34), ela ajuda a criança a fazer xixi, sem necessariamente realizar a ação com ela; e em (35), ela apenas supervisiona a leitura do livro feita pela criança.

Para identificar o tipo semântico dos causativos, é necessário observar o tipo de construção causativa nela ocorrente. Conforme Comrie (1989) e Shibatani e Pardeshi (2002), no *continuum* semântico, a causativização direta tende a estar mais relacionada às construções causativas lexicais e a causativização indireta, mais relacionada às construções causativas morfológicas e analíticas. Nesse *continuum*, a causativização sociativa seria um nível intermediário entre elas.

### **3.3.3 Causativização de verbos transitivos, intransitivos ativos e não ativos em Shibatani (2002)**

Na subseção 3.1 expus a classificação proposta por Shibatani (2002) para os tipos de verbos: os intransitivos não ativos, os intransitivos ativos, os verbos médios/ingestivos e os verbos transitivos. De acordo com o autor, os intransitivos ativos e os transitivos tendem a ser causativizados por causativização perifrástica; os intransitivos não ativos tendem a ser causativizados por causativos lexicais e morfológicos; e os médios/ingestivos, por ambas as formas de causativizações.

Shibatani (2002) levanta um questionamento a respeito da causativização dos verbos do tipo intransitivo não ativo (conhecidos como inacusativos), em virtude de sua observação quanto ao fato de os verbos intransitivos não ativos serem mais fáceis de sofrer causativização.

Para responder a este questionamento, o autor observa o papel semântico do sujeito causador de um evento:

[...] o papel semântico do protagonista do evento denotado por um verbo pode ter algo a ver com essa questão. Os verbos transitivos médios e ingestivos são diferentes dos verbos transitivos regulares, pois seus principais protagonistas são agentes e pacientes – ambos agem e são afetados, cumprindo tanto a restrição do paciente imposta pelo causativo lexical quanto as restrições de agentividade impostas por algumas construções perifrásticas. (SHIBATANI, 2002, p. 06)

O autor mostra que a causativização dos verbos intransitivos não ativos é aparentemente mais fácil porque o agente introduzido pelo processo de causativização apenas preenche o espaço do agente na estrutura argumental. Porém, quando a causativização introduz um novo agente em uma estrutura em que o papel semântico de agente já está preenchido, como no caso dos intransitivos ativos e verbos transitivos, é necessário um passo extra para acomodar o novo agente, ou seja, os papéis semânticos terão que ser reajustados na estrutura argumental. Cada língua terá uma maneira específica para realizar esta acomodação. Os exemplos do Japonês, retirados de Shibatani e Pardeshi (2002, p. 87), ilustram a causativização de verbos intransitivos não ativos, intransitivos ativos e transitivos, respectivamente:

(36) a. Kabin-ga ware-ta (Intransitivo não ativo)

vase-NOM break-PAST

vaso-NOM quebrar-PAS

‘The vase broke’

‘O vaso quebrou’

b. Taroo-ga kabin-o ware-sase-ta (Causativizado)

Taro-NOM vase-ACC break-CAUS-PAST

Taro-NOM vaso-ACUS quebrar-CAUS-PAS

‘Taro made the vase break’

‘Taro fez o vaso quebrar’

(37) a. Ziroo-ga hasit-ta (Intransitivo ativo)

Ziro-NOM run-PAST

Ziro-NOM correr-PAS

‘Jiro run’

‘Jiro correu’

b. Taroo-ga Ziroo-ni/o hasira-se-ta (Causativizado)

Taro-NOM Ziro-DAT/ACC run-CAUS-PAST

Taro-NOM Ziro-DAT/ACUS correr-CAUS-PAS

‘Taro had/made Jiro run’

‘Taro fez Jiro correr’

- (38) a. Ziroo-ga      kabin-o      wat-ta      (Transitivo)  
           Ziro-NOM   vase-ACC   break-PAST  
           Ziro-NOM   vaso-ACUS   quebrar-PAS  
           ‘Ziro broke the vase’  
           ‘Ziro quebrou o vaso’
- b. Taroo-ga      Ziroo-ni      kabin-o      wara-se-ta      (Causativizado)  
           Taro-NOM   Ziro-DAT   vase-ACC   break-CAUS-PAST  
           Taro-NOM   Ziro-DAT   vaso-ACUS   quebrar-CAUS-PAS  
           ‘Taro made Jiro break the vase’  
           ‘Taro fez Jiro quebrar o vaso’

Na causativização dos intransitivos não ativos, em que o protagonista do evento causativo é paciente, a única resistência encontrada pelo causador agente introduzido, ao tentar provocar uma mudança na causação, é a inércia deste paciente. O causador deve superar essa inércia e fazer com que a execução do evento causativo esteja sob o seu total controle. Por outro lado, na causativização dos verbos transitivos e intransitivos ativos, em que o protagonista do evento causa é agente, o causador introduzido deve apelar para a vontade do agente, a fim de assumir o controle da realização do evento causativo. No entanto, seja qual for o esforço do causador na realização do evento causativo, ele não pode realizá-lo sem o envolvimento voluntário do agente (SHIBATANI, 2002).

A discussão realizada por Shibatani (2002) mostra que as línguas possuem diferentes meios para expressar as diversas situações causativas, que dependem, dentre outras coisas, de quem é o núcleo da causa: um paciente inanimado ou um agente humano. Conforme o autor, os causativos lexicais codificam a causalidade mais forte, mais direta e mais propensa a ter um paciente não humano como causa. Já as construções causativas perifrásticas codificam a causalidade mais fraca, menos direta (ou indireta) e mais propensa a ter um agente humano como causa, como mostram os exemplos<sup>12</sup> abaixo:

- (39) Ram broke the mirror. (Causação direta)  
       ‘Ram quebrou o espelho’

- (40) Shyam made Ram break the mirror. (Causação indireta)  
       ‘Shyam fez Ram quebrar o espelho’

<sup>12</sup> Exemplos de Shibatani (2002, p. 11)

Na causativização direta, o causador ‘Ram’ tem contato direto com o paciente causa ‘espelho’. Na causativização indireta, o causador ‘Shyam’ não tem contato direto com o paciente causa ‘espelho’. Na verdade, a relação entre eles é indireta, tendo em vista que é mediada por um segundo causador, o agente intermediário ‘Ram’.

Entretanto, há situações em que classificar as causativizações em diretas ou indiretas é mais complicado. Existem algumas construções em que a causativização é considerada direta, apesar de, aparentemente, haver um agente mediador da causação (SHIBATANI, 2002), como em:

(41) Sima made Raj drink tea<sup>13</sup>.

‘Sima fez Raj beber chá’

Ou mesmo construções com causativizações consideradas indiretas em que parece não haver um agente mediador da causação:

(42) Sima made Raj walk.

‘Sima fez Raj caminhar’

Tanto em (41) quanto em (42), o causador ‘Sima’ parece agir sobre o paciente causa ‘Raj’, que bebe o chá e caminha. Se tal ação foi realizada por meio de força, coerção, talvez a causativização possa ser considerada direta. Mas se o agente causador ‘Sima’ age por meio de influência, manipulação, sem usar a força, a causativização talvez possa ser considerada indireta. Deste modo, como observado por Shibatani (2002), a definição para o que realmente vem a ser causativização direta ou indireta parece ainda não estar bem clara. Não há um consenso para essa definição. Classificar as causativizações em diretas ou indiretas depende muito do contexto das construções causativas e da semântica dos verbos, e logicamente os contextos apresentam muita variação.

Na seção seguinte, tomando como base a discussão e as teorias aqui retratadas, apresentarei de que forma a causativização ocorre nas línguas naturais e quais mecanismos elas utilizam para expressar este fenômeno.

---

<sup>13</sup> Exemplos também retirados de Shibatani (2002, p. 12)

## 4 A CAUSATIVIZAÇÃO NAS LÍNGUAS NATURAIS

Nesta seção, apresento uma breve síntese da causatividade nas línguas naturais. Na subseção 4.1 sintetizo as características das construções causativas nas línguas do mundo, focalizando o Português, o Citshwa, e o Karitiana. Na subseção 4.2 apresento a ocorrência da causativização em línguas Jê (Apinajé, Kayapó e Panará). E na subseção 4.3 sumário os processos de causativização em línguas Timbira (Apãniekrá, Krahô, Pykobjê e Parkatêjê), focalizando o formativo ‘to’ como índice de causativização nessas línguas.

### 4.1 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NAS LÍNGUAS DO MUNDO

A ocorrência do fenômeno de causatividade é comum em diversas línguas do mundo. Tal processo já foi descrito em Português (língua Românica), Inglês (língua Germânica), Japonês (língua Japonesa), Citshwa (língua Nígero-Congolesa), Karitiana (língua Tupi da família Arikém), Tenetehára (língua Tupi-Guaraní), Apinajé (língua Jê), Ikpeng (língua Karib) e em muitas outras línguas naturais. A seguir apresento uma síntese das descrições da causativização já realizadas sobre algumas dessas línguas.

#### 4.1.1 Causatividade em Português

Nas línguas românicas, como o Português, o Espanhol e o Italiano, por exemplo, ocorrem mais comumente os procedimentos sintáticos e lexicais na formação de construções causativas. Os procedimentos morfológicos ocorrem, porém, de forma menos sistemáticas nessas línguas (ARRAIS, 1985). Deste modo, os tipos de causativização típicas do Português são: perifrástica, morfológica e lexical. Há ainda um quarto tipo de construção causativa realizada com verbos ergativos<sup>14</sup>, que envolvem a noção de mudança de estado ou de movimento:

Há, pois, construções causativas: (I) com verbos transitivos ou intransitivos (e mesmo copulativos) através do acréscimo de um outro nome sujeito, do tipo causativo, de um verbo auxiliar, basicamente fazer ou causar: esta é, portanto, a construção causativa tipicamente perifrástica; (II) com verbos causativos implícitos, ou seja, formas verbais derivadas de adjetivos ou substantivos (com sufixos do tipo -izar e -ficar) e que não apresentam correlação com forma intransitiva que lhes corresponda; (III) com verbos ergativos, através do acréscimo de um nome do tipo causativo na função de sujeito, passando o primitivo sujeito à função de

<sup>14</sup> Os verbos ergativos (que são os inacusativos para Perlmutter, 1978) são aqueles que, com sua transitivização, têm um novo sujeito ‘ergativo’ introduzido como agente, instrumento ou causa do processo verbal. (ARRAIS, 1985)

complemento; (IV) com transformações de “lexicalização”, que levam à derivação de outra forma fonológica superficial do verbo, que nada mais é que a forma básica acompanhada do traço /+causativo/. (ARRAIS, 1985, p.48)

Em relação às construções causativas perifrásticas, o autor afirma que qualquer verbo pode sujeitar-se a uma derivação causativa com o auxiliar **fazer**. No entanto, somente os verbos que apresentam forma nominal substantiva podem ser causativizados com o auxiliar **causar**, como mostram os exemplos abaixo:

- (43) a. Os garotos saíram.  
 b. O professor fez os garotos saírem.  
 c. O professor causou a saída dos garotos.
- (44) a. As visitas sentaram.  
 b. O pai fez as visitas sentarem.  
 c. ?O pai causou ..... das visitas.

(ARRAIS, 1985, p. 48)

A causativização perifrástica também pode realizar-se por meio dos verbos **forçar**, **obrigar** e **ordenar**, os quais podem ser usados para expressar causatividade manipulativa.

De acordo com Arrais (1985), as construções causativas morfológicas são formadas por meio dos sufixos **-izar** e **-ficar**, que são adicionados a adjetivos ou substantivos, transformando-os em verbos causativos. Como exemplos, destaco os verbos *humanizar*, *atemorizar*, *purificar*, etc.:

- (45) a. O prefeito humaniza a cidade.  
 b. (O prefeito faz a cidade tornar-se humana)
- (46) a. O marginal atemoriza as crianças.  
 b. (O marginal causa temor às crianças)

(ARRAIS, 1985, p. 44)

Nos exemplos acima, as construções causativas morfológicas em *a.* foram formadas pela adição do sufixo **-izar** ao adjetivo ‘humana’ e ao substantivo ‘temor’, dando origem aos verbos causativos *humanizar* e *atemorizar*. A noção de causatividade desses verbos pode ser mais bem observada nas orações em *b.*

Em se tratando da causativização lexical, o autor citado elenca uma lista de formas verbais lexicalizadas em Português: cair – fazer cair – derrubar; entrar – fazer entrar –

introduzir; sair – fazer sair – expulsar; morrer – fazer morrer – matar; ver – fazer ver – mostrar. Assim, os verbos *matar, esconder, derrubar, mostrar, anunciar, persuadir*, entre outros, “são formas de ‘estrutura de superfície’ que apresentam o traço /+ causativo/, comportando na sua realização sintática um argumento a mais em relação ao verbo base” (ARRAIS, 1985, p. 51). Os exemplos (47) e (48) demonstram as construções causativas por lexicalização:

(47) a. Pedro viu as cartas.

b. O jogador mostrou as cartas a Pedro.

(48) a. O povo já sabe os últimos acontecimentos.

b. O jornalista já anunciou os últimos acontecimentos ao povo.

(ARRAIS, 1985, p. 51)

O último tipo de construções causativas em Português é a causativização do tipo ergativa, que consiste em uma alternância causativa, retratada na seção anterior. Nela, os verbos da oração transitiva ergativa apresentam dois argumentos: o primeiro é o argumento causativo na posição de sujeito e o segundo é argumento afetado na posição de objeto direto. Os verbos da oração intransitiva ergativa não apresentam o argumento causativo, e o argumento afetado fica na posição de sujeito (ARRAIS, 1985). Esses verbos são ergativos porque o sujeito (S) da oração intransitiva não é agentivo. Para o autor, tais verbos, de forma característica, envolvem noção de mudança de estado (*abrir, esquentar, esfriar, quebrar, rasgar* etc.) ou de mudança de localização (*rolar, mudar, afundar, parar*), consoante aos exemplos (49) e (50):

(49) a. Meu vestido rasgou.

b. Um prego rasgou meu vestido.

(50) a. O navio afundou.

b. Um furacão afundou o navio.

(ARRAIS, 1985, p. 50)

Em (49a) e (50a) os argumentos afetados assumem a função de sujeito e não há argumento causativo. Já em (49b) e (50b), nas orações transitivas ergativas, os argumentos causativos assumem a função de sujeito e os argumentos afetados, a função de objeto.

Na próxima subseção sintetizo as características das construções causativas em Cítshwa, uma língua Nígero-Congolesa.

#### 4.1.2 Causatividade em Citshwa

A língua Citshwa pertence ao Grupo S.51 Tshwa-Ronga e é composta por seis dialetos: Xikhambane, Xirhonga, Xilhengwe, Ximhandla, Xidzhonge (ou Xidonge) e Cidzivi (CAMARGOS et al., 2014). Segundo os autores, a descrição do processo de causatividade nessa língua tomou como base o dialeto Cidzivi, por ser adotado como variante padrão.

Citshwa apresenta causativização do tipo perifrástica, morfológica e lexical. Camargos et al. (2014) mostram que a causativização perifrástica realiza-se por meio do verbo **kumaha** ‘fazer’. Nessa causação, como visto na seção 3, não há contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa. Na verdade, o predicado que expressa noção de causação e o predicado do efeito dessa causação estão sintaticamente separados. Esse tipo de causatividade foi identificado em verbos intransitivos inacusativos e inergativos, e em verbos transitivos. Os exemplos (51) e (52) apresentam a causativização perifrástica com um verbo inacusativo:

(51) mufana a-babza-ile<sup>15</sup>

1.menino MS1-adoecer-PAST

‘O menino adoeceu’

(52) wasati a-mah-ile mufana a-babza-a

1.mulher MS1-fazer-PAST 1.menino MS1-adoecer-VF

‘A mulher fez o menino adoeecer’

(CAMARGOS et al., 2014, p. 07)

Para os autores supracitados, a causativização morfológica realiza-se por intermédio da extensão verbal **-is**, que se junta a verbos intransitivos, transitivos, inacusativos e inergativos, ocorrendo da seguinte forma:

De modo geral, quando um predicado verbal recebe esse morfema, seu sujeito passa a exercer a função sintática de objeto, ao passo que um novo argumento é inserido na estrutura argumental com a função sintática de sujeito. Assim, verbos intransitivos tornam-se transitivos causativos e verbos transitivos transformam-se em verbos bitransitivos causativos. (CAMARGOS et al., 2014, p. 08)

Os verbos que recebem o morfema **-is** têm o aumento de sua valência. Os sujeitos passam a exercer a função de objetos e novos sujeitos são inseridos na estrutura argumental. Os exemplos (53) e (54) demonstram a causativização morfológica com um verbo transitivo:

<sup>15</sup> A seguir estão os significados das abreviações nas glosas do Citshwa, apresentadas por Camargos et al. (2014): CAUS = morfema causativo; MS = marca de sujeito; PAST = marca de tempo passado; VF = vogal final.

(53) nhanyana a-vhul-ile bokisu  
 1.menina MS1-abrir-PAST 5.mala  
 ‘A menina abriu a mala’

(54) mufana a-vhul-is-ile bokisu nhanyana  
 menino MS1-abrir-CAUS-PAST 5.mala 1.menina  
 ‘O menino fez a menina abrir a mala’

(CAMARGOS et al., 2014, p.09)

Camargos et al. (2014) afirmam que na língua Citshwa ocorre a causativização lexical heterônima<sup>16</sup>, em que há mudança na forma do verbo, conforme a tipologia de Comrie (1989). Nestas construções, a forma não causativa não apresenta nenhuma relação fonológica com sua contraparte causativa, ou seja, essas formas são realizadas por itens lexicais diferentes, como mostram os exemplos (55) e (56):

(55) huku yi-f-ile  
 9.galinha MS9-morrer-PAST  
 ‘A galinha morreu’

(56) mufana a-day-ile huku  
 1.menino MS1-matar-PAST 9.galinha  
 ‘O menino matou a galinha’

(CAMARGOS et. al, 2014, p. 10)

Há ainda outro tipo de causativização lexical não muito produtiva, mas que ocorreu em alguns dados do Citshwa, de acordo com Camargos et al. (2014). Essa causativização “caracteriza-se pela mudança fonológica de parte do radical, a qual, no entanto, não corresponde à adição de uma morfologia causativa específica” (CAMARGOS et al., 2014, p. 11). Deste modo, todas as construções causativas que não são realizadas por meio do morfema **-is** ou do verbo **kumaha** são causativas lexicais não produtivas. Os exemplos de (57) a (60) demonstram esse tipo não produtivo de causativização lexical:

(57) nwana a-yambal-ile zvilatu  
 1.criança MS1-calçar-PAST 8.sapato  
 ‘A criança calçou o sapato’

<sup>16</sup> Na seção 3, apresentei a tipologia dos causativos lexicais postulada por Comrie (1989): os causativos lexicais com mudança na forma verbal e os causativos lexicais sem mudança na forma verbal.

(58) Maria a-yambex-ile zvilatu nwana  
 Maria MS1-calçar.CAUS-PAST 8.sapato 1.criança  
 ‘Maria calçou os sapatos na criança’

(59) nwana a-tol-ile mafura  
 1.criança MS1-untar.se-PAST 5.creme  
 ‘A criança untou-se com creme’

(60) Maria a-tot-ile mafura nwana  
 Maria MS1-untar-PAST 5.creme 1.criança  
 ‘A Maria untou a criança com creme’

(CAMARGOS et al., 2014, p. 11)

Em se tratando da natureza semântica das construções causativas em Citshwa, a hipótese de Camargos et. al (2014) é que as causativas lexicais codificam a causativização direta e as causativas perifrásticas e morfológicas codificam a causativização indireta.

Na subseção seguinte apresentarei a causativização em Karitiana, descrita por Rocha (2014).

#### 4.1.3 Causatividade em Karitiana

Em Karitiana, língua indígena da família Arikém, tronco Tupi, falada por um povo também chamado Karitiana, ocorrem as causativizações morfológica e perifrástica. Segundo Rocha (2014), a causativização morfológica é aplicada a verbos intransitivos por meio do morfema causativo **m-**, que permite a adição de um argumento externo a uma oração intransitiva. A oração intransitiva torna-se transitiva:

(61) pyke'onyn ti'y<sup>17</sup>  
 Ø-py-ke'on-<y>n3 ti'y  
 3-ASSERT-esfriar-NFUT comida  
 ‘A comida esfriou’

(62) pymke'onyn ti'y jõnso  
 Ø-py-m-ke'on-<y>n ti'y jõnso

<sup>17</sup> A seguir estão os significados das abreviações nas glosas do Karitiana, apresentadas por Rocha (2014): 3=marca de concordância absoluta (3ª pessoa do singular); ASSERT = morfema de modo assertivo; AUX:CAUS = auxiliar causativo; CAUS = morfema causativo; DECL = declarativo; NFUT = marca de tempo não futuro; LOC = locativo; OBL = marca de oblíquo.

3-ASSERT-CAUS-esfriar-NFUT comida mulher

‘A mulher fez a comida esfriar’ / ‘A mulher deixou a comida esfriar’

(ROCHA, 2014, p. 185)

Rocha (2014) afirma que a causativização perifrástica é aplicada a verbos transitivos por meio do auxiliar causativo **typoong**, que permite a adição de um argumento externo a uma oração transitiva, tornando-a bitransitiva:

(63) João naka’y-ti’-y

João Ø-naka-‘y-t ti’y

João 3-DECL-comer-NFUT comida

‘João comeu a comida’

(64) Cláudio naka’y-ti’-y typoong ti’y João-ty

Cláudio Ø-naka-‘y-t typoong ti’y João-ty

Cláudio 3-DECL-comer-NFUT AUX:CAUS comida João-OBL

‘Cláudio fez/mandou João comer a comida’

(ROCHA, 2014, p. 191)

Em Karitiana também é possível ocorrer a causativização de verbos biargumentais de base intransitiva. Para Rocha (2014, p. 193), “um verbo intransitivo pode ser transitivizado pelo morfema causativo **m-**, podendo depois ser causativizado pelo auxiliar causativo **typoong**, dado que um verbo intransitivo após transitivizado tem um comportamento sintático de transitivo”. Ao que tudo indica, o processo ocorre sempre nessa ordem.

(65) Ø-na-otam-Ø João

3-DECL-chegar-NFUT João

‘João chegou’

(66) taso Ø-na-m-otam-Ø João Porto Velho pip

homem 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT João Porto Velho LOC

‘O homem fez João chegar em Porto Velho’

(67) Renato Ø-na-m-otam-Ø typoong João taso-ty

Renato 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT AUX:CAUS João homem-OBL

‘Renato fez/mandou/causou o homem fazer João chegar’

(ROCHA, 2014, p. 194)

A síntese da descrição da causatividade nas línguas acima sugere que este processo é recorrente nas línguas do mundo. Os processos causativos presentes nas línguas exemplificadas podem ser do tipo perifrástico, morfológico e/ou lexical. No entanto, cada língua apresenta uma forma particular de realização desses processos.

Na próxima subseção, apresentarei uma compilação de descrição sobre o fenômeno de causativização em línguas da família Jê.

## 4.2 A CAUSATIVIDADE NAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ

Rodrigues (1999) classifica a família Jê nas seguintes línguas: Timbira (Apãniekrá, Krahô, Parkatêjê, Pykobjê, Krênjê, Krĩnkati e Ramkokamekrá), Kayapó (Kubenkrankeng, Kubenkrangnotí, Menkrangnotí, Kokraimôro, Gorotíre, Mentuktíre e Xikrín), Akwén (Xavante, Xerente e Xakriabá), Kaingang (Kaingang e Xokleng) Apinajé, Panará e Suyá-Tapayúna. Algumas dessas línguas já estão extintas. O quadro abaixo, adaptado de Rodrigues (1999), demonstra de forma mais organizada a classificação das línguas vivas da família Jê:

**Quadro 2** – Classificação da Família Jê em línguas vivas

FAMÍLIA JÊ								
JÊ SETENTRIONAL					JÊ CENTRAL		JÊ MERIDIONAL	
<b>Timbira</b>	<b>Apinajé</b>	<b>Kayapó</b>	<b>Panará</b>	<b>Suyá- Tapayúna</b>	<b>Xavante</b>	<b>Xerente</b>	<b>Kaingang</b>	<b>Xokleng</b>
Apãnieká								
Krahô								
Parkatêjê								
Pykobjê								
Krênjê <sup>18</sup>								
Krĩnkati								
Ramkokamekrá								

**Fonte:** Rodrigues (1999)

<sup>18</sup> A língua *Krênje* é considerada uma língua morta para muitos pesquisadores, como Ribeiro & Jolkesky (s.d.), por exemplo. Porém, preferi mantê-la no quadro para manter a classificação das línguas Timbira proposta por Rodrigues (1999).

Assim como em Português, Citshwa e Karitiana, também é comum a ocorrência do fenômeno de causativização em línguas Jê. Assim, apresento, a seguir, a causativização nas línguas Apinajé, Kayapó e Panará, línguas Jê setentrional, próximas ao Parkatêjê.

#### 4.2.1 Causatividade em Apinajé

Oliveira (1998, 2005) mostra que, em Apinajé, tanto as construções causativas perifrásticas, quanto as causativas morfológicas envolvem o morfema  $\text{ɔ}$ , traduzido como ‘fazer’ em ambos os casos. Quando esse morfema aparece em uma construção causativa perifrástica, ocorre como no seguinte exemplo:

(68) na ka ri ic-t- $\text{ɔ}$  anê pa rɔp kura<sup>19</sup>

RLS 2 DEM I-RP-do thus 1 dog hit

RLS 2 DEM eu-RP-fazer assim 1 cachorro bater

‘You caused me hit the dog.’ / Lit. ‘You did me thus, I hit the dog.’

‘Você me causou bater no cachorro’ / Lit. ‘Você me fez assim, eu bati no cachorro’

(OLIVEIRA, 2005, p. 262)

Segundo Oliveira (2005), a construção causativa perifrástica codifica a causativização indireta. Essa construção é caracterizada pela ocorrência de  $\text{ɔ}$  **anê**, que expressa a causa, mais uma oração subsequente codificando o resultado. “[...] A oração que codifica a situação resultante não é um simples complemento embutido estruturalmente, mas uma oração com sujeito diferente em uma relação paratática com a oração que expressa a causa” (OLIVEIRA, 2005, p. 261). A parataxe, segundo Halliday (1985), envolve a articulação de orações com igual estatuto. Assim, a oração que expressa a causa e a que codifica a situação resultante estão em uma relação de coordenação. O objeto de  $\text{ɔ}$  **anê** é correferente com o sujeito da oração resultante.

Quando o morfema  $\text{ɔ}$  é um marcador de construção causativa morfológica, ocorre como no exemplo (70):

(69) na kawə dət

RLS côfo full

RLS cesta cheia

<sup>19</sup> A seguir apresento os significados das abreviações nas glosas do Apinajé, segundo Oliveira (2005): 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa; CAUS = causativo; DEM = demonstrativo; RLS = realis; RP = prefixo relacional.

‘The basket is full’

‘A cesta está cheia’

- (70) na ka kawə ɔ=dət  
 RLS 2 cōfo CAUS=full  
 RLS 2 cesta CAUS=cheia  
 ‘You filled the basket’  
 ‘Você encheu a cesta’

(OLIVEIRA, 2005, p. 265)

A construção causativa morfológica do Apinajé é caracterizada pela ocorrência do morfema ɔ proposto ao verbo lexical de uma oração. O objeto é ligado a ɔ, enquanto o verbo lexical aparece em uma forma não finita. Este tipo de causativização parece aplicar-se aos verbos intransitivos.

A seguir, apresento as construções causativas em Kayapó, conforme descrito por Reis Silva (2001).

#### 4.2.2 Causatividade em Kayapó

Na língua Kayapó, as construções causativas também são realizadas por meio do elemento ɔ, que é considerado por Reis Silva (2001) como um verbo ‘leve’<sup>20</sup>, cujo sentido é ‘fazer’. A autora afirma que tal verbo tem como escopo o constituinte imediatamente à sua direita. A autora menciona dois usos desse verbo: como causativizador e/ou transitivizador. O que parece diferenciar esses usos é o fato de o primeiro permitir a adição de um novo argumento, o que não acontece com o segundo. Os exemplos de (71) a (74) demonstram o uso de ɔ como causativizador:

- (71) ɲoj nẽ ipu  
 panela COMP cheio  
 ‘A panela encheu’

- (72) ɲoj nẽ ba ɔ ipu  
 panela COMP 1NOM fazer cheio  
 ‘Eu enchi a panela’

<sup>20</sup> Em teoria gerativa, o ‘verbo leve’ é aquele que sofreu um esvaziamento semântico e se mantém na estrutura apenas como um locus de tempo, aspecto e modo.

(73)  $\eta o j$        $n \tilde{e}$        $i p u$        $\circ$        $m \tilde{o}$   
 panela COMP cheia fazer ir (plural)  
 ‘A panela está enchendo’

(74)  $\eta o j$        $n \tilde{e}$        $b a$        $\circ$        $i p u$        $\circ$        $m \tilde{o}$   
 Panela COMP 1NOM fazer cheia fazer ir (plural)  
 ‘Eu estou enchendo a panela’

(REIS SILVA, 2001, p. 36)

Ao comparar as sentenças, a autora observa que o verbo  $\circ$  só é combinado com *ipu* 'cheio' quando há um agente na construção. Na sentença (73), em que não aparece um agente,  $\circ$  se associa ao verbo *mõ* ('ir' plural), que tem a noção de movimento mudada para a indicação do desenrolar do processo, isto é, do ato de estar enchendo a panela. As sentenças (73) e (74) se diferenciam somente pela presença do agente na última sentença. “O verbo  $\circ$  se associa tanto a *mõ* quanto a *ipu*. Esses dados nos conduzem à conclusão de que esse verbo "leve" licencia um argumento” (REIS SILVA, 2001, p. 37).

Os exemplos de (75) a (77) mostram o uso de  $\circ$  como transitivizador:

(75)  $k r \tilde{i}$        $m \tilde{\lambda}$        $n \tilde{e}$        $b a$        $t \tilde{e}$   
 aldeia para COMP 1NOM ir  
 ‘Eu vou à aldeia’

(76)  $k r \tilde{i}$        $m \tilde{\lambda}$        $n \tilde{e}$        $b a$        $m r u \eta i$        $\circ$        $t \tilde{e}$   
 aldeia para COMP 1NOM carne fazer ir  
 ‘Eu levo carne à aldeia’

(77)  $b a$        $\circ$        $i - m j e t$   
 1NOM fazer 1POSS-marido  
 ‘Eu namoro’

(REIS SILVA, 2001, p. 36)

Segundo a autora, a sentença (75) mostra que  $\circ$  funciona como um transitivizador, pois transforma o verbo intransitivo *tẽ* 'ir' no verbo transitivo 'levar' na sentença (76). Esse elemento transforma o nome *mjet* 'marido' em um verbo em (77). Para Reis Silva (2001), nesses casos, ele não está introduzindo nenhum argumento, pelo menos não há nenhum argumento explicitamente realizado nas sentenças.

Na subseção seguinte sintetizo as construções causativas descritas em Panará, por Dourado (2008).

#### 4.2.3 Causatividade em Panará

De acordo com Dourado (2008), as construções causativas em Panará são bi-oracionais, isto é, apresentam uma sentença complemento encaixada na sentença matriz. Assim, o tipo de causativização ocorrente nessa língua é a perifrástica (sintática). A respeito dessa construção, a autora afirma:

Na língua Panará foram encontrados três verbos que, em certas construções bi-oracionais, constituem o núcleo do predicado da oração matriz, tendo a oração encaixada como seu complemento semântico. O sujeito da oração matriz não realiza a ação, mas age nocionalmente sobre o sujeito da oração encaixada para que este a realize (DOURADO, 2008, p. 02).

Os verbos mencionados pela autora na citação anterior são [-**ãtɔ**/- **ãtɔ-ri**] ‘enviar’, ‘mandar’; [-**ãtɛ**/-**ãtɛ-ri**] ‘deixar de’, ‘desistir’; e [**sũũ**] ‘dizer’, ‘contar’. Estes são verbos transitivos e podem exprimir noção de causativização. Nas construções causativas, eles assumem os seguintes significados, respectivamente: ‘fazer’/‘mandar’; ‘permitir’/ ‘deixar’; e ‘pedir’. Eles causativizam tanto verbos intransitivos quanto transitivos na língua. As construções causativas com verbos intransitivos são exemplificadas nas sentenças (78) e (79), e as causativas com verbos transitivos, nas sentenças (80) e (81):

(78) ka                    yɨ                    =k-ãpə<sup>21</sup>  
 você.ABS REAL.INTR =2SG.ABS-comer  
 ‘Você come’

(79) ãkyẽ    hẽ            ø            =re            =k-ãtẽ-ri  
 eu    ERG REAL.TR =1SG.ERG =2SG.ABS-deixar-PERF  
 yɨ                    =k-ãpə            rahe            ka  
 REAL.INTR =2SG.ABS-comer COMP você.ABS  
 ‘Eu deixei você comer’

<sup>21</sup> Estes são os significados das abreviações nas glosas do Panará, conforme apresentado por Dourado (2008): ABS = absoluto; AUX= auxiliar; COMP= complementizador; ERG= ergativo; INTR= intransitivo; PERF= perfectivo; REAL= real; RNC= relacional de não contiguidade; SG= singular; TR= transitivo.

(80) ka hẽ ø =ka =s-ãpũ Margarida  
 você ERG REAL.TR =2SG.ERG =RNC.3SG.ABS-ver Margarida.ABS  
 ‘Você visitou Margarida’

(81) ãkyẽ hẽ ø =re =sã k-ãtɔ-ri  
 eu ERG REAL.TR =1SG.ERG =AUX.2SG ABS-mandar-PERF  
 Margarida ø =ka =s-ãpũ ahe  
 Margarida.ABS REAL.TR =2SG.ERG =RNC.3SG.ABS-ver COMP  
 ‘Eu fiz você visitar Margarida’

(DOURADO, 2008, p. 06 e 08)

Em (79), o núcleo do verbo causativo **ãtẽ-ri** ocorre com o clítico *re*, que é correferente com o sujeito da oração matriz, e com o prefixo *k-* concordando com o sujeito da oração encaixada. O verbo da oração encaixada *ãpã* mantém o prefixo absolutivo *k-* de concordância com o SN sujeito básico (original). Em (81), o verbo causativo **ãtɔ-ri** também ocorre com o clítico *re*, correferente com o sujeito da oração principal e com o prefixo *k-*, que marca a concordância com o sujeito da oração encaixada. O verbo da oração encaixada *ãpũ* não se modifica na sua morfologia verbal. O efeito (*causee*) é representado como argumento nas duas orações: por meio do prefixo absolutivo *k-* na oração matriz, e pelo clítico ergativo *ka* na oração encaixada.

As construções causativas em Panará apresentam a posposição final **ahe** (~ rahe ~ yahe) posicionada imediatamente depois do núcleo verbal da oração encaixada, “à qual se vincula com a função de complementizador, delimitando assim a oração que constitui o complemento semântico do predicado da oração matriz” (DOURADO, 2008, p. 05).

Partindo da descrição da autora, é possível perceber que a causativização em Panará se diferencia da causativização em Apinajé e Kayapó. Enquanto nessas línguas esse fenômeno ocorre por meio de um único elemento causativo (ɔ), em Panará, ele pode ocorrer por meio de três verbos, **-ãtɔ**, **-ãtẽ** e **sũũ**, os quais assumem a noção de causatividade. Este fato mostra que línguas que pertencem a um mesmo grupo podem ter o fenômeno de causativização ocorrendo de forma semelhante (ou próxima), ou de forma bastante diferente.

A partir da subseção seguinte, apresento notas sobre tal fenômeno em línguas do complexo Timbira.

### 4.3 A CAUSATIVIDADE NO COMPLEXO TIMBIRA

O fenômeno da causativização também já foi descrito em algumas línguas que compõem o complexo dialetal Timbira, a saber, Apãniekrá, Krahô, Pykobjê e Parkatêjê. Nessas línguas, a causativização é realizada por meio do elemento causativo ‘to’, que causativiza verbos transitivos, intransitivos e/ou descritivos, formando construções simples ou complexas. O tipo de causativização ocorrente em tais línguas pode ser perifrástica, morfológica ou ambas.

#### 4.3.1 Causatividade em Krahô

Popjes & Popjes (1986) mostram que a causativização em Krahô ocorre por meio do verbo **tɔ** (ou de sua variante **tɔn**). Eles argumentam que esse verbo transitivo, cuja significação é ‘fazer’, causativiza qualquer outro verbo, formando construções causativas na língua: “O verbo [lexical] para ser causativizado deve ocorrer em uma oração subordinada, marcada pela posposição *na*, e deve preceder imediatamente o verbo causativo. O objeto direto do verbo causativo concorda com o sujeito do verbo da oração subordinada” (Popjes & Popjes, 1986, p. 142).

- (82) Capi    te    i-jõt    na    i-tɔ  
 Capi    PAST    1-sleep    SUBORD    1-make  
 Capi    PAS    1-dormir    SUBORD    1-fazer  
 ‘Capi made me sleep’  
 ‘Capi me fez dormir’

Quando o objeto direto do verbo causativo é a terceira pessoa, este é marcado por zero ( $\emptyset$ ), seguindo o padrão da língua:

- (83) i-te    i-prõ    jàpên    na     $\emptyset$ -tɔn  
 1-PAST    1-wife    work    SUBORD    3-make  
 1-PAS    1-esposa    trabalhar    SUBORD    3-fazer  
 ‘I made my wife work’  
 ‘Eu fiz minha esposa trabalhar’

Quando o verbo na oração subordinada é transitivo, o sujeito é omitido:

- (84) Pahhi amji kin na me pa-tɔ  
 Chief REFLX like SUBORD PL 1INCL-make  
 Chefe REFLX gostar SUBORD PL 1INCL-fazer  
 ‘The chief makes us have a festival/enjoy ourselves’  
 ‘O chefe fez-nos divertir’ \\\ lit. ‘O chefe nos fez uma festa’

(POPJES & POPJES, 1986, p.143)

#### 4.3.2 Causatividade em Apãniekrá

Em Apãniekrá, a causativização também ocorre por intermédio do elemento *tɔ*<sup>22</sup>, que é, para Castro-Alves (2004), um causativizador derivado do verbo *tɔ* ‘fazer’. A autora, em sua tese de doutorado, afirma que o mecanismo de causativização dos verbos intransitivos (ativos e não ativos) é morfológico. A estrutura desse tipo de causativização “consiste de uma construção onde o verbo causativo e o encaixado [intransitivo] são co-lexicalizados em uma estrutura derivada, morfológicamente complexa, mas sintaticamente um verbo simples” (COMRIE, 1976 apud CASTRO-ALVES, 2004, p. 73).

As construções causativas morfológicas em Apãniekrá utilizam o elemento *tɔ* para transformar verbos intransitivos em transitivos. A autora mostra que os predicados intransitivos não ativos podem ser acrescidos de uma posição argumental para expressar o sujeito agente (*causer*). A construção causativizada derivada apresenta o causativizador *tɔ* cliticizado ao verbo intransitivo:

- (85) ko kakrɔ  
 água estar.quente  
 ‘A água está quente’
- (86) a-tɛ ko tɔ= iʔ-kakrɔ  
 2-ERG água CAUS 3-estar.quente  
 ‘Você esquentou a água’

(CASTRO-ALVES, 2004, p. 73-74)

<sup>22</sup> Tanto Castro-Alves (2004) quanto Amado (2004) e Ferreira (2003) apresentam transcrição morfofonológica dos dados.

Segundo a autora, os verbos intransitivos ativos, quando acrescidos de um argumento paciente, parecem assumir a estrutura dos intransitivos com objeto indireto, como mostram os exemplos a seguir:

- (87) rɔp            kɔ̃n  
       cachorro    beber  
       ‘O cachorro bebeu’
- (88) ko        tɔ        rɔp        kɔ̃n  
       água    POSP   cachorro   beber  
       ‘O cachorro bebeu da água’

(CASTRO-ALVES, 2004, p. 75)

A causativização dos verbos transitivos nessa língua parece ocorrer por meio de construções causativas do tipo perifrástico (analítico), em que o verbo causativo **tɔ** localiza-se na oração principal e o verbo transitivo na oração encaixada. Esta última oração é marcada pela partícula subordinativa **nã**.

- (89) ka    i-tɔ=        tʃa    [i-tɛ    a-pupun    nã]  
       2    1-CAUS=    obrigar    1-ERG    2-ver.NF    SUB  
       ‘Você me obrigou a te olhar’
- (90) ka    ø-tɔ=        tʃa    [ku-tɛ    a-pupun    nã]  
       2    3-CAUS=    obrigar    3-ERG    2-ver.NF    SUB  
       ‘Você o obrigou a te olhar’

(CASTRO-ALVES, 2004, p. 138)

Castro-Alves (2004) descreve as sentenças que ocorrem com os verbos manipulativos ‘fazer’, ‘mandar’, ‘deixar’, ‘pedir’, ‘falar’ e, em alguns casos, o verbo ‘querer’. Para ela, esses verbos atuam junto ao verbo causativo **tɔ** em Apãniekrá e as suas principais características semânticas são: o agente do verbo principal manipula o comportamento do manipulado; o manipulado do verbo principal é co-referente com o agente do verbo complemento; a oração complemento codifica o evento alvo a ser realizado pelo manipulado.

Segundo a autora, as principais características sintáticas dos verbos manipulativos são: o agente-manipulador do verbo principal é o sujeito da oração principal; o manipulado do verbo principal é o objeto direto da oração principal; o manipulado do verbo principal é também o sujeito da oração complemento; o sujeito-manipulado da oração complemento é

codificado como zero na oração complemento (se verbo transitivo) ou indicado por um prefixo pronominal (se verbo intransitivo); as duas orações podem ser separadas por uma partícula subordinadora.

(91) [a-ŋkrɛr nã] wa a-tɔ prãm  
 2-cantar.NF SUB 1 2-CAUS querer  
 ‘Eu quero que você cante’

(92) [a-ŋkrɛr nã] wa a-tɔ tɔ i-nõ  
 2-cantar.NF SUB 1 2-CAUS CAUS 1-deixar  
 ‘Eu deixo você cantar’

(CASTRO-ALVES, 2004, p. 136-137)

#### 4.3.3 Causatividade em Pykobjê

Na língua Pykobjê, o fenômeno da causativização também ocorre por meio do elemento *tɔ*, que é descrito como uma partícula por Amado (2004).

(93) ej-te ej-kom ku tɔ  
 1-ERG 1-beber água CAUS  
 ‘Eu bebi água’

A partícula causativizadora geralmente é posicionada após o objeto, conforme o exemplo anterior; porém ela também ocorre antes do objeto, quando usada com verbos como *kahun* (cozinhar) e *kakro* (esquentar):

(94) ej-te tɔ k<sup>h</sup>wirpes kahun  
 1-ERG CAUS mandioca cozinhar  
 ‘Eu cozinhei mandioca’ \\\ lit. ‘Eu fiz a mandioca cozinhar’

(95) ej-te tɔ ku kakro  
 1-ERG CAUS água esquentar  
 ‘Eu esquentei a água’ \\\ lit. ‘Eu fiz a água esquentar’

(AMADO, 2004, p. 45-46)

“Embora a tradução para o Português pudesse induzir a transitividade intrínseca desses verbos, no Pykobjê a tradução melhor seria algo como ‘eu fiz a água ficar quente’ ou ‘eu fiz a mandioca ficar cozida’ etc.” (AMADO, 2004, p.46).

A autora observa que o causativo também pode formar o modo imperativo na língua:

- (96) to            tʃwa  
 CAUS   banhar  
 ‘Vá tomar banho!’

(AMADO, 2004, p. 44)

#### 4.3.4 Causatividade em Parkatêjê

Há uma descrição inicial a respeito do processo de causativização em Parkatêjê realizada por Ferreira (2003), em sua tese de doutorado. Em termos morfossintáticos, a autora descreve a causativização como um processo que se realiza por meio do verbo transitivo **to**, cujo significado é ‘fazer’. Nessa língua, a causativização de verbos intransitivos ativos e não ativos ocorre de igual modo: o verbo **to** ‘fazer’ aparecerá na oração antes da raiz verbal. “Dependendo do tempo e do aspecto das orações, teremos as marcas de caso atribuídas ao *causer* e ao *causee*, de acordo com a cisão no sistema de marcação de caso da língua” (FERREIRA, 2003, p. 202).

- (97) i-mpɛy            -ti  
 1-ser.bom -INTENS  
 ‘Eu sou muito bom’

- (98) a-to            i-mpɛy            -ti  
 2-CAUS 1-ser.bom -INTENS  
 ‘Eu gosto muito de ti’ / Lit. ‘Tu me fazes muito bem’

- (99) a-tɛ            to            i-mpɛy-ti  
 2-ERG CAUS 1-ser.bom-INTENS  
 ‘Eu gostei muito de ti’ / Lit. ‘Tu me fizeste muito bem’

(FERREIRA, 2003, p.203)

Ferreira (2003) verifica que o verbo causativo permite a adição de um novo participante agentivo ao evento. Ela exemplifica esse processo com as sentenças acima, em que aparece o verbo não ativo (descritivo) *mpɛy*, que significa ‘ser.bom’ ou ‘ser.bonito’:

[...] em [97] o pronome dependente *i-* é o sujeito; em [98] e [99], com o verbo causativo, um participante, o *causer*, é incluído como A, isto é, sujeito do verbo transitivo. No caso de verbos do tipo *So*, descritivos, cujo S original é um pronome dependente, esse pronome continua preso à raiz verbal, porém como o verbo

causativo, o S original (o *causee*) passa para a função de O. O verbo intransitivo So causativizado passa a se comportar como verbo transitivo; seu argumento A (o *causer*) recebe a marca de sujeito ergativo *te*. (FERREIRA, 2003, p. 203)

Os verbos intransitivos do tipo Sa (ativos) também apresentam uma reorganização na sua estrutura sentencial quando são causativizados:

(100) i-3-õ          rɔp      mũ          tay  
 1-Rel-Poss cachorro          desaparecer  
 ‘Meu cachorro desapareceu’

(101) mẽ-ntia      tɛ      mẽkarõn      tɔ          tay  
 Pl-mulher    ERG      fotos      CAUS    desaparecer  
 ‘As mulheres perderam as fotos’ / Lit. ‘As mulheres causaram as fotos desaparecerem’  
 (FERREIRA, 2003, p.204)

Os exemplos (100) e (101) demonstram o processo de causativização do verbo Sa *tay*, cujo significado é ‘desaparecer’. Tal processo permitiu a adição de *mẽntia* ‘as mulheres’, que passa a ocupar a função de sujeito transitivo (A). O argumento que antes constituía o sujeito intransitivo (S) passa a exercer a função de objeto (O).

A principal similaridade entre as línguas Timbira aqui apresentadas é o fato de a causativização ocorrer por meio do elemento *to* em todas elas. O tipo de causativização desencadeado por intermédio desse elemento coincide entre algumas dessas línguas, mas difere entre outras. Na língua Apãniekrá ocorre tanto a causativização morfológica quanto a perifrástica; em Parkatêjê, como apresentarei mais adiante, também ocorre a causativização morfológica e perifrástica; já na língua Krahô parece ocorrer a causativização perifrástica.

As construções causativas da língua Pykobjê assemelham-se mais às construções causativas perifrásticas do que às causativas morfológicas. Porém, Amado (2004) não explicita o tipo de causativização em Pykobjê. As características apresentadas pela autora acerca da construção causativa nessa língua referem-se à posição da partícula causativizadora *to* em relação ao objeto da oração, que pode estar posicionada antes ou depois dele, sendo a posição posposta a mais comum.

A causativização em Parkatêjê ainda não foi descrita de forma sistemática e detalhada. Por isso a presente Dissertação se propõe a realizar a descrição da ocorrência da causativização nessa língua, bem como das demais funções morfossintáticas exercidas pelo elemento ‘to’ com mais detalhamento.

Na seção a seguir, realizarei a descrição e a análise de alguns aspectos morfosintáticos, semânticos e lexicais referentes à causativização dos verbos da língua Parkatêjê, levando em consideração as postulações teóricas apresentadas neste trabalho na seção 3.

## **5 MECANISMOS MORFOSSINTÁTICOS, SEMÂNTICOS E LEXICAIS DA CAUSATIVIZAÇÃO EM PARKATÊJÊ**

Como apresentado na seção 3 desta Dissertação, a causativização consiste em um fenômeno linguístico estudado à luz das perspectivas morfosintática e semântica. Por isso, tal fenômeno pode ser classificado como um processo responsável por uma reorganização das funções e relações gramaticais dos argumentos de um verbo, com aumento de sua valência, mas também pode ser considerado um fenômeno associado à relação de causa e efeito entre um verbo e seus argumentos. A causativização afeta tanto verbos transitivos quanto intransitivos nas línguas naturais. Em Parkatêjê, os verbos intransitivos podem ser causativizados por mecanismo sintático e morfológico. Há também alguns pares de verbos causativos lexicais.

Nesta seção realizo a descrição e a análise de alguns aspectos morfosintáticos, semânticos e lexicais observados na causativização dos verbos da língua Parkatêjê. Para isso, tomo como base teórica as postulações de autores já mencionados, principalmente Givón (1975), Lyons (1976), Comrie (1989) e Shibatani (1976, 2002).

### **5.1 CAUSATIVIZAÇÃO PERIFRÁSTICA/ANALÍTICA**

Na língua Parkatêjê, a causativização dos verbos intransitivos pode ocorrer por intermédio de mecanismo sintático: causativo analítico (ou perifrástico). Conforme Comrie (1989), na causativização analítica não há contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa (como nos causativos morfológicos), sendo a estrutura causativa formada por um predicado verbal complexo. Logo, os predicados que expressam a noção de causa e de efeito ficam sintaticamente separados. Esse mecanismo se aplica a verbos intransitivos ativos e estativos do Parkatêjê, como mostrarei a seguir.

#### **5.1.1 Causativização de verbos intransitivos**

Os verbos intransitivos ativos e estativos (descritivos) do Parkatêjê podem ser causativizados por intermédio de causativização perifrástica. Estes verbos são causativizados por meio da inserção do verbo causativo *to*, o qual aumenta a valência desses verbos, transformando as orações intransitivas em transitivas, como exemplificam os dados seguintes:

- (101) a. kwỳrpej kahôn  
macaxeira cozinhar-PAS  
'A macaxeira cozinhou'
- b. i-te to kwỳrpej kahôn  
1-ERG fazer macaxeira cozinhar-PAS  
'Eu causei/fiz a macaxeira cozinhar'
- (102) a. ijõ mũ xêt  
1-comida ir queimar  
'Minha comida queimou'
- b. ntia-te ipê to ijõ xêt  
mulher-ERG 1-MAL CAUS 1-comida queimar  
'A mulher causou/fez minha comida queimar em detrimento de mim'
- (103) a. kô kakro-ti  
água estar.quente-INTENS.  
'A água está muito quente'
- b. ntia-te to kô kakro  
mulher-ERG fazer água estar.quente  
'A mulher fez a água esquentar'
- (104) a. kuputi ripti  
berarubu ser.grande  
'O berarubu é grande'
- b. atõj to kuputi ripti  
irmã fazer berarubu ser.grande  
'A irmã (de alguém) faz berarubu grande'

As orações (101) e (102) exemplificam a causativização de verbos ativos e as orações (103) e (104), a causativização de verbos estativos. Os exemplos mostram que a adição do verbo causativo *to* antes do sintagma nominal objeto licencia a introdução de um novo argumento à oração. Nas orações em **a.**, *kwỳrpei* 'macaxeira', *ijõ* 'minha comida', *kô* 'água' e *kuputi* 'berarubu<sup>23</sup>', ocupam a função sintática de sujeitos (S) na oração intransitiva. Em **b.**,

<sup>23</sup> Comida típica Parkatêjê.

com o verbo causativo já adicionado à oração, esses argumentos passam para a função de objetos (O) na oração transitiva causativizada. Os novos argumentos, licenciados pelo causativo, são introduzidos na função de sujeitos (A) na oração causativizada.

Conforme os exemplos anteriores demonstram, na causativização analítica dos verbos intransitivos do Parkatêjê, não há contração do verbo causativo ‘to’ com o verbo da oração não causativa. Ao contrário, esses verbos estão sintaticamente separados. Logo, a construção causativa perifrástica de verbo intransitivo é realizada por meio de uma oração complexa nessa língua. A estrutura dessas orações segue o padrão abaixo:

**SN + To (Vcaus) + SN + Vlex**

Cada um dos predicados verbais (de causa e efeito) mantém seu próprio conjunto de argumentos (COMRIE, 1989). O verbo causativo tem dois argumentos: o sintagma nominal sujeito (A) e o sintagma nominal objeto (O). O verbo não causativo (verbo lexical) possui apenas um argumento: o sintagma nominal sujeito (S). Esse argumento é compartilhado por ambos os verbos: para o verbo causativo ele é (O) e para o verbo não causativo é (S):

A	Vcaus	O/S	Vlex
(105) [ ntia-te ]	[ to ]	[kô]	[ kakro ]
mulher-ERG	fazer	água	estar.quente
‘A mulher fez a água esquentar’			

Assim, temos os seguintes argumentos:

Para o verbo causativo *to*: A = ntia-te / O = kô

Para o verbo lexical *kakro* ‘estar.quente’: S = kô

Do mesmo modo que em Parkatêjê, em Krahô, as construções causativas de verbos intransitivos e transitivos também ocorrem por meio de orações complexas, como mostram o exemplo a seguir:

(106) i-te	i-prõ	jàpên	na	ø-ton
1-PAST	1-wife	work	SUBORD	3-make
1-PAS	1-esposa	trabalhar	SUBORD	3-fazer
‘I made my wife work’				

‘Eu fiz minha esposa trabalhar’ (POPJES & POPJES, 1986, p. 142)

Essa construção do Krahô possui características semelhantes e diferentes às construções do Parkatêjê. Em ambas as línguas, o verbo causativo e o verbo lexical estão sintaticamente separados. Mas, em Krahô, esses verbos são separados pela posposição *na*, que marca a oração subordinada onde se encontra o verbo lexical causativizado (Popjes & Popjes, 1986). Já em Parkatêjê, parece não haver uma relação de subordinação, mas sim uma justaposição das orações de causa e efeito. Entre o verbo causativo e o lexical está o argumento compartilhado por eles. Em ambas as línguas, o objeto direto do verbo causativo concorda com o sujeito do verbo lexical.

Na subseção seguinte, descreverei e analisarei os aspectos relacionados à causativização morfológica dos verbos intransitivos no Parkatêjê.

## 5.2 CAUSATIVIZAÇÃO MORFOLÓGICA

As construções causativas morfológicas se caracterizam por haver em sua estrutura a contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa (chamado verbo não causativo ou lexical), configurando um predicado verbal simples.

### 5.2.1 Causativização de verbos intransitivos

Em Parkatêjê, os verbos intransitivos ativos e estativos (descritivos) também podem ser causativizados por mecanismo morfológico, consoante aos dados a seguir:

(107) a. mēkarõ            taj            mã

PL.fotos desaparecer mã

‘As fotos desapareceram’

b. mēntia-te            mēkarõ            to=taj

mulheres-ERG PL.fotos CAUS=desaparecer

‘As mulheres perderam as fotos’

(108) a. kàj            hipu

cesto estar.cheio

‘O cesto está cheio’

b. *i-te kàj kãm ahi to=hipu*

1-ERG cesto LOC lixo CAUS=estar.cheio

‘Eu enchi o cesto de lixo’ / Lit. ‘Eu fiz o cesto estar cheio de lixo’

(109) a. *mpy nkryk*

homem estar.com.raiva

‘O homem está zangado’

b. *ntia-te mpiên mã to=nkryk*

esposa-ERG marido DAT CAUS=estar.com.raiva

‘A esposa fez o marido ficar zangado’ / Lit. ‘A esposa fez raiva para o marido’

A oração (107) exemplifica a causativização de verbos ativos e as orações (108) e (109), a causativização de verbos estativos. A adição do causativo *to* antes do verbo lexical licencia a introdução de novos argumentos à oração. Nas orações em **a.**, os argumentos nominais ocupam a função sintática de sujeito (S) na oração intransitiva. Em **b.**, com o causativo adicionado à oração, esses argumentos passam a ocupar a função de objeto (O) na oração transitiva causativizada. Novos argumentos nominais, licenciados pelo causativo, são introduzidos na função de sujeito (A) na oração causativizada.

Do ponto de vista semântico, o verbo causativo *to* permite que os sujeitos agentes ajam sobre os objetos pacientes, fazendo com que eles realizem uma ação ou mudem de estado (NEVES, 2000). Assim, nos exemplos anteriores, os sujeitos agentes *mëntia* ‘mulheres’, pronome preso *i-* ‘eu’ e *ntia* ‘esposa’ agem, respectivamente, sobre os objetos *mẽkarõ* ‘fotos’, *kàj* ‘cesto’ e *mpiên* ‘marido’: o primeiro desaparece, o segundo fica cheio e o último fica zangado. O causativo desencadeia um evento causa que resulta em um evento efeito (SHIBATANI, 1976).

Os exemplos anteriores mostram que na causativização morfológica dos verbos intransitivos do Parkatêjê, o verbo causativo ‘*to*’ ocorre proposto ao verbo não causativo (verbo lexical). Logo, a construção causativa morfológica de verbo intransitivo é realizada por meio de uma oração simples na língua. A estrutura dessas orações segue o padrão abaixo:

<b>SN + SN + To=Vlex</b>
--------------------------

Os argumentos dos dois predicados verbais estão combinados em um único conjunto de argumentos de um único predicado (COMRIE, 1989). O verbo causativizado (resultante da cliticização do verbo causativo ao verbo lexical) possui dois argumentos: o sintagma nominal sujeito (A) e o sintagma nominal objeto (O):

A	O	V <sub>caus=lex</sub>
(110) [ ntia-te ]	[ mpiên mã ]	[ to=nkryk ]
esposa-ERG	marido DAT	CAUS=estar.zangado
‘A esposa fez o marido ficar zangado’		

Assim, temos os seguintes argumentos para o verbo causativizado *to=nkryk* ‘zangar’:

A = ntia-te / O = mpiên

Em Apãniekrá e Apinajé, também há construções causativas morfológicas semelhantes às construções do Parkatêjê, como mostram os seguintes exemplos extraídos, respectivamente, de Castro-Alves (2004) e Oliveira (2005):

#### *Apãniekrá*

(111) a-te	ko	tɔ=	iʔ-kakɔ
2-ERG	água	CAUS	3-estar.quente
‘Você esquentou a água’			

#### *Apinajé*

(112) na	ka	kawə	ɔ=dət
RLS 2	côfo	CAUS=full	
RLS 2	cesta	CAUS=cheia	
‘You filled the basket’			
‘Você encheu a cesta’			

Nas três línguas: a ordem dos constituintes nas construções causativas transitivas é AOV; o verbo causativo ocorre imediatamente antes do verbo lexical, cliticizado a ele; a estrutura do causativo é morfológicamente complexa, mas sintaticamente simples (COMRIE, 1989); o mecanismo de causativização morfológica ocorre com verbos intransitivos.

Na próxima subseção, apresentarei a descrição e a análise de alguns aspectos relacionados à causativização lexical em Parkatêjê.

### 5.3 CAUSATIVIZAÇÃO LEXICAL

As construções causativas lexicais são caracterizadas pelo predicado não causativo e sua contraparte causativa, aparentemente, não possuírem nenhuma relação morfológica, apresentando uma relação possivelmente lexicalizada na língua. Segundo Comrie (1989), esse tipo de causativo seria um *continuum* entre o causativo analítico e o morfológico.

Nos dados da língua Parkatêjê, identifiquei alguns verbos causativos do tipo lexical: *hakrỳ* ‘esfriar’ (intransitivo e transitivo), *prõt* ‘correr’/*tok* ‘espantar’, *pỳp* ‘cair’/*hikên* ‘derrubar’ e *tyk* ‘morrer’/*pĩr* ‘matar’, conforme os exemplos a seguir:

(113) a. mpo      **jakrỳ**

comida    estar.fria

‘A comida está fria’

b. i-te      mpo      **jakrỳ**

1-ERG    comida    esfriar

‘Eu esfriei a comida’

(114) a. krô      **prõt**

porco    correr

‘O porco corre’

b. mpy-te      mẽ    krô      **tok**

homem-ERG    PL    porco    espantar

‘O homem espantou os porcos’

(115) a. kôtàj      **pỳp**

cupuaçu    cair

‘O cupuaçu caiu (da árvore)’

b. makrare-te      mẽ    mpoxô      **jikên**

crianças-ERG    PL    fruta    derrubar

‘As crianças derrubaram as frutas’

(116) a. kukryt      **tyk**

anta      morrer

‘A anta morreu’

- b. mpy-te            kukryt        pĩr  
 homem-ERG    anta    matar-PAS  
 ‘O homem matou a anta’<sup>24</sup>

O dado (113) é um exemplo de causativo lexical em que há aumento de valência verbal sem mudança na forma do verbo (COMRIE, 1989). Em (113a), o verbo *hakry* ‘esfriar’ ocorre como verbo intransitivo, exigindo apenas o argumento nominal sujeito *mpo* ‘comida’. Em (113b), esse verbo ocorre como verbo transitivo e exige dois argumentos nominais: o sujeito *i-* ‘eu’ e objeto *mpo* ‘comida’. O argumento (S) na oração intransitiva passa para a função de argumento (O) na oração transitiva e o argumento introduzido à oração assume a função de argumento (A) nessa oração.

Os dados (114) a (116) ilustram a causativização lexical em que há aumento de valência verbal com mudança na forma do verbo (COMRIE, 1989). Em (114a), (115a) e (116a), os verbos *prõt* ‘correr’, *pÿp* ‘cair’ e *tyk* ‘morrer’ estão em suas formas intransitivas e exigem, respectivamente, somente os argumentos nominais sujeitos *krô* ‘porco’, *kôtaj* ‘cupuaçu’ e *kukryt* ‘anta’. Já em (114b), (115b) e (116b), os verbos *tok* ‘espantar’, *hikên* ‘derrubar’ e *pĩr* ‘matar’ estão em suas formas transitivas, exigindo dois argumentos nominais: os sujeitos (*i-* ‘eu’, *mpy* ‘homem’, *makrare* ‘crianças’ e *mpy* ‘homem’) e os argumentos nominais objetos (*krô* ‘porco’, *mproxô* ‘fruta’ e *kukryt* ‘anta’). Os argumentos (S) nas orações intransitivas também passam para a função de argumentos (O) nas orações transitivas e os argumentos introduzidos às orações assumem a função de argumentos (A) nas orações transitivas. Os pares de verbos causativos lexicais *prõt* ‘correr’/*tok* ‘espantar’, *pÿp* ‘cair’/*hikên* ‘derrubar’ e *tyk* ‘morrer’/*pĩr* ‘matar’ não têm relação morfológica entre si, de modo que esta relação parece estar lexicalizada na língua.

#### 5.4 CONSEQUÊNCIAS DA CAUSATIVIZAÇÃO PARA O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO EM PARKATÊJÊ

Conforme apresentei na seção 3, por ser um processo relacionado ao aumento de valência verbal, a causativização provoca mudanças nas funções e relações gramaticais dos argumentos de um verbo. Por isso, este processo acaba afetando o sistema de marcação de caso.

<sup>24</sup> Foi perguntado ao falante ‘O homem fez a anta morrer’

As relações gramaticais são relações entre os verbos e seus argumentos. Essas relações gramaticais são definidas, tradicionalmente, por três papéis sintático-semânticos básicos, denominados primitivos sintático-semânticos universais: (S) – sujeito da oração intransitiva, (A) – sujeito da oração transitiva e (O) – objeto da oração transitiva (DIXON, 1994). Já o sistema de marcação de caso consiste nos tipos de mecanismos que as línguas utilizam para agrupar esses primitivos universais: base Nominativo-Acusativa (S=A≠O) ou base Ergativo-Absolutiva (S=O≠A).

Segundo Ferreira (2003), em Parkatêjê, considerando-se as interações, seus tempos, modos e aspectos verbais, ocorrem simultaneamente os sistemas de marcação de caso Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo.

A cisão que ocorre nos verbos intransitivos (nomeada por Dixon (1994) como *Split S* ou *S* cindido) é condicionada pela natureza semântica desses verbos, que podem ser ativos ou não ativos (estativos). Desta forma, com os verbos ativos opera o sistema Nominativo-Acusativo (Sa igual a A, diferente de O) e com os verbos não ativos opera o sistema Ergativo-Absolutivo (A diferente de So e este igual a O). Esse padrão pode ser visto nas orações seguintes:

(117) wa jōkrepôj

eu cantar

‘Eu canto’

(118) wa Akiare pupun<sup>25</sup>

eu NPr REL-ver

‘Eu vejo a Akiare’

(119) i-mpej

1-ser.bom

‘Eu sou bom’

(120) kukryt-te i-pÿr

anta-ERG 1-farejar-PAS

‘A anta me farejou’

Em (117) e (118), o pronome livre de 1ª pessoa ocorre como sujeito do verbo intransitivo ativo e do transitivo, respectivamente, mostrando que Sa está alinhado com A (Sa=A), sistema Nominativo-Acusativo. Em (119) e (120), o pronome preso de 1ª pessoa ocorre como sujeito

<sup>25</sup> As sentenças (118), (119) e (120) foram retiradas de Ferreira (2003).

do verbo intransitivo não ativo e como objeto do verbo transitivo, respectivamente, apresentando So alinhado com O (So=O), sistema Ergativo-Absolutivo.

Conforme Ferreira (2003), a cisão no sistema de marcação de caso nos verbos transitivos é condicionada pelas categorias de TA(M). Assim, no tempo não passado (presente, futuro e passado imperfeito) e aspecto não perfectivo opera o sistema Nominativo-Acusativo; e no tempo passado e aspecto perfectivo opera o sistema Ergativo-Absolutivo. Nas construções ergativas-absolutivas, o argumento A é marcado pela posposição ergativa *-te* (singular)/*-tem* (plural) e os argumentos S e O não recebem marcas formais.

A oração (121) apresenta o verbo transitivo no tempo passado e aspecto perfectivo. Com esse verbo, ocorre o sistema Ergativo-Absolutivo, o que pode ser comprovado pelo argumento A sendo marcado pela posposição ergativa *-te*. Já a oração (122) apresenta o verbo transitivo no tempo não passado e aspecto não perfectivo. O sistema que opera com esse verbo é o Nominativo-Acusativo.

(121) a-te Piare pupun<sup>26</sup>  
 2-ERG NPr REL-ver-PAS  
 ‘Tu viste o Piare’

(122) Akiare i-pupun  
 NPr 1-REL-ver  
 ‘A Akiare me vê’

O processo de causativização também influencia o sistema de marcação de caso do Parkatêjê. Como apresentei nas subseções anteriores, os verbos intransitivos podem ser causativizados por meio do verbo *to*, que permite a adição de um novo argumento à oração, provocando uma reorganização nas funções e relações gramaticais. Os verbos intransitivos, quando causativizados por *to*, tornam-se verbos transitivos, e ao invés de selecionarem apenas um argumento S, passam a selecionar dois argumentos: A e O. O argumento S na oração intransitiva assume a função de O na oração transitiva causativizada. O argumento adicionado a esta oração assume a função de A, como mostram os exemplos que seguem:

<sup>26</sup> As sentenças (122) (123) foram retiradas de Ferreira (2003).

**Sa Vatv**

- (123) a. mēkarō taj mã  
 PL.fotos desaparecer mã  
 ‘As fotos desapareceram’

**A O Vtrans**

- b. mēntia-te mēkarō to=taj  
 mulheres-ERG PL.fotos CAUS=desaparecer  
 ‘As mulheres perderam as fotos’

**Sa Vatv**

- (124) a. pa wa jōkrepôj  
 ENF eu cantar  
 ‘Eu canto’

**A O Vtrans**

- b. ø-te ri apu tok to wa jōkrepôj  
 3-ERG mesmo CONT incentivar CAUS eu cantar  
 ‘Ela sempre incentivava, me fazia cantar’

Os exemplos (123) e (124) mostram que um verbo intransitivo ativo, o qual originalmente licencia o caso Nominativo ao seu sujeito (sintagma nominal pleno ou pronome livre), quando sofre causativização no passado, passa a licenciar o caso Ergativo-Absolutivo. Na oração causativizada, o novo sujeito recebe a marca de ergatividade *-te*. O argumento O é não marcado.

**So Vñ.atv**

- (125) a. kô kakro-ti  
 água estar.quente-INTENS.  
 ‘A água está muito quente’

**A O Vtrans**

- b. ntia-te to kô kakro  
 mulher-ERG fazer água estar.quente  
 ‘A mulher fez a água esquentar’

**So Vñ.atv**  
 (126) a. mpy nkryk  
 homem estar.zangado  
 ‘O homem está zangado’

**A O Vtrans**  
 b. ntia-te mpiên mã to=nkryk  
 esposa-ERG marido DAT CAUS=estar.zangado  
 ‘A esposa fez o marido ficar zangado’/ Lit. ‘A esposa fez raiva para o marido’

Os exemplos (125) e (126) demonstram que um verbo intransitivo não ativo, que originalmente licencia o caso Absolutivo ao seu sujeito (sintagma nominal pleno ou pronome preso), quando causativizado no passado, passa a licenciar o caso Ergativo-Absolutivo. A marca de ergatividade *-te* ocorre somente no argumento A. O argumento O também não é marcado.

Essa reorganização no sistema de caso também pode ser observada nas orações causativas lexicais. Nessas construções, a causativização não ocorre por meio do verbo causativo ‘to’. A relação entre o verbo não causativo e sua contraparte causativa já está lexicalizada:

**Sa Vatv**  
 (127) a. krô prõt  
 porco correr  
 ‘O porco corre’

**A O Vtrans**  
 b. mpy-te mẽ krô tok  
 homem-ERG PL porco espantar  
 ‘O homem espantou os porcos’

**So Vñ.atv**  
 (128) a. mpo jakrý  
 comida estar.fria  
 ‘A comida está fria’

A	O	Vtrans
b. i-te	mpo	jakrý
1-ERG	comida	esfriar
'Eu esfriei a comida'		

O verbo intransitivo ativo em (127a) e o verbo intransitivo não ativo em (128a) licenciam, respectivamente, o caso Nominativo e o caso Absolutivo aos seus sujeitos. Ao assumirem suas formas causativizadas no passado em (127b) e (128b), passam a licenciar o caso Ergativo-Absolutivo aos seus novos sujeitos, marcados pela posposição ergativa *-te*.

Portanto, considerando os dados anteriores, proponho que, no Parkatêjê, quando ocorre a causativização dos verbos intransitivos no passado, há mudança do sistema Nominativo ou do sistema Absolutivo para o sistema Ergativo-Absolutivo. Embora eu tenha tentado, não obtive dados em que a causativização ocorra no tempo não passado (presente, futuro ou passado imperfeito). Porém, considerando o padrão do sistema de marcação de caso da língua, posso prever que, quando ocorre a causativização dos verbos intransitivos no tempo não passado, há mudança do sistema Nominativo (que ocorre com os verbos ativos) ou do sistema Absolutivo (com os verbos não ativos) para o sistema Nominativo-Acusativo. Pretendo realizar a verificação desta hipótese em trabalhos futuros.

A seguir, apresentarei alguns aspectos referentes à semântica dos causativos em Parkatêjê e mostrarei como os tipos formais de causativização estão relacionados às causativizações direta, indireta e sociativa, como proposto por Shibatani (1976), Shibatani e Pardeshi (2002) e Comrie (1989).

## 5.5 CAUSATIVIZAÇÃO DIRETA, INDIRETA E SOCIATIVA

Conforme expus na subseção 3.3.2, Comrie (1989), Shibatani (1976) e Shibatani e Pardeshi (2002) apresentam uma discussão sobre a natureza semântica das construções causativas, apontando três tipos semânticos de causativização: a direta, a indireta e a sociativa. Para os autores, os causativos analítico, morfológico e perifrástico estão relacionados a estes tipos semânticos e estão distribuídos em um *continuum* que envolve a distinção entre a causativização direta, indireta e sociativa.

Em Parkatêjê, observei os três tipos semânticos de causativos, como mostram os exemplos a seguir.

(128) atōj to kuputi ripti [Causação Direta]  
 irmã fazer berarubu ser.grande  
 ‘A irmã (de alguém) faz berarubu grande’

(129) Ø-te ri apu tok to wa jōkrepōj [Causação Indireta]  
 3-ERG mesmo CONT incentivar CAUS eu cantar  
 ‘Ela sempre incentivava, fazia eu cantar’

(130) ntia kê krare to nō kê jōnto [Causação Sociativa]  
 mãe kê bebê CAUS deitar kê dormir  
 ‘A mãe faz o bebê deitar e dormir’

As orações (128) a (130) são exemplos de construções causativas analíticas. Em (128), o causador é agente e o *causee* é paciente. Este é manipulado fisicamente (é feito grande) por aquele, o qual prepara a massa do berarubu. O causador agentivo tem total controle sobre o evento causativo (o tamanho do *causee*), o que configura uma causativização direta. Em (129), o causador e o *causee* são agentes, sendo que este obedece a uma instrução oral dada por aquele (o causador pede ou manda o *causee* cantar e este assim o faz). O causador agentivo controla parcialmente o evento causativo. Essa construção se configura em uma causativização indireta, tendo em vista que não há manipulação física. Na oração em (130), tanto o causador quanto o *causee* são agentivos. Porém, ao invés de o causador dar apenas uma instrução oral ao *causee*, ele o ajuda, mas sem realizar a mesma ação junto com ele. Isto é, para que o *causee* (o bebê) de fato durma, o causador (a mãe) deita-se na rede com ele, podendo até o embalar ou dar de mamar a ele. Esse tipo de construção consiste em causativização sociativa de assistência.

As orações (131) e (132) são construções causativas morfológicas:

(131) i-te kàj kām ahi to=hipu [Causação Direta]  
 1-ERG cesto LOC lixo CAUS=estar.cheio  
 ‘Eu enchi o cesto de lixo’ / Lit. ‘Eu fiz o cesto estar cheio de lixo’

(132) ntia-te mpiên mã to=nkryk [Causação Indireta]  
 esposa-ERG marido DAT CAUS=estar.zangado  
 ‘A esposa fez o marido ficar zangado’ / Lit. ‘A esposa fez raiva para o marido’



‘mandar’ (ou ‘perguntar’, em outros contextos), *xãma* ‘deixar’ e *akia* ‘ralhar, brigar’. Os dados seguintes exemplificam a manipulação de alguns verbos transitivos:

(135) a. *makrare-te pypxô krër*  
crianças-ERG banana comer  
‘As crianças comeram banana’

b. *ntia-te makrare **makia** mã ø-tem pypxô krër*  
mulher-ERG crianças mandar CONJ 3-ERG-PL banana comer  
‘A mulher mandou as crianças comerem banana’

(136) a. *mẽmpy-te kukryt pĩr*  
homens-ERG anta matar  
‘O homem matou a anta’

b. *mẽntia-te mẽmpy **makia** mã ø-tem kukryt pĩr*  
mulheres-ERG homens mandar CONJ 3-ERG-PL anta matar  
‘As mulheres mandaram os homens matarem a anta’

(137) a. *mpiên-te rÿrÿre japrôr*  
marido-ERG carro comprar  
‘O marido comprou um carro’

b. *ntia-te mpiên **akia** mã ø-te rÿrÿre japrôr*  
mulher-ERG marido brigar CONJ 3-ERG carro comprar  
‘A mulher brigou com o marido e ele comprou um carro’

(138) a. *inxê-te rop kaprêk*  
mãe-ERG cachorro bater  
‘A mãe bateu no cachorro’

b. *makrare-te inxê **kujahêk** mã ø-te rop kaprêk*  
criança-ERG mãe mandar CONJ 3-ERG cachorro bater  
‘A criança mandou a mãe bater no cachorro’

Os dados mostram que os verbos transitivos *krër* ‘comer’, *pĩr* ‘matar’, *japrôr* ‘comprar’ e *kaprêk* ‘bater’ sofrem manipulação a partir dos verbos *makia* ‘mandar’, *akia* ‘brigar/ralhar’ e *kujahêk* ‘mandar’. Nessas orações, os sujeitos dos verbos principais, verbos semanticamente manipulativos, tentam influenciar a ação dos objetos manipulados. No entanto, essa

manipulação não têm implicações de que a ação realmente ocorre, ou seja, o fato de a mãe mandar as crianças comerem banana, ou as mulheres mandarem os homens matarem a anta, ou ainda a criança mandar a mãe bater no cachorro não implica que realmente eles assim o façam. Deste modo, visto que uma das características dos verbos causativos é a implicação de que o evento causativo de fato ocorre, não posso afirmar que os verbos *makia* ‘mandar’, *akia* ‘brigar/ralhar’ e *kujahêk* ‘mandar’ sejam causativos, mas sim manipulativos.

Em Krahô, há orações semelhantes a estas, que, segundo Miranda (2014), são classificadas como **orações completivas com verbos manipulativos**. As orações completivas são orações que funcionam como argumento de um predicado, isto é, elas complementam o verbo da oração matriz. Conforme descrito por Dixon (2010), as orações completivas se caracterizam por constituírem a estrutura interna de uma oração; funcionarem como argumento nuclear de outra oração; e descreverem uma proposição, que pode ser um fato, uma atividade ou um estado.

Semanticamente, as principais características dos verbos manipulativos são (GIVÓN, 2001):

- (i) o agente do verbo principal manipula o comportamento do manipulado, que é um agente potencial do verbo complemento;
- (ii) o manipulado do verbo principal é correferente do agente do verbo complemento;
- (iii) a oração complemento codifica o evento efeito, realizado pelo manipulado.

Sintaticamente, as características desses verbos são (GIVÓN, 2001):

- (i) o agente manipulador do verbo principal é o sujeito da oração principal;
- (ii) o manipulado do verbo principal é o objeto direto da oração principal;
- (iii) o manipulado do verbo principal também é sujeito da oração completiva.

Os verbos manipulativos encontrados nas orações completivas da língua Krahô<sup>27</sup> são *ɔʔwər* ‘pedir’, *ark<sup>h</sup>wa* ‘ordenar’ e *kujatε/kujakek* ‘mandar’, os quais podem ter como argumentos orações com verbos intransitivos e transitivos (MIRANDA, 2014).

Em orações com os verbos *kujatε/kujakek*, o argumento sujeito da oração completiva é correferente com o objeto direto da oração principal. Para o autor, este é expresso por meio de

<sup>27</sup> A seguir estão os significados das abreviações nas glosas do Krahô (MIRANDA, 2014): 1SG=; 2SG; ENF=Enfático; IRR (?); NOML=Nominalizador; PL=Plural; R1=Relacional de contiguidade; R2=Relacional de não-contiguidade.

pronomes independentes ou pela forma enfática *ke*. Morfossintaticamente, a oração principal e a oração completiva se relacionam por meio de justaposição:

(139) *ke ha pije mẽ hũmre kujate ke mẽ khij to*  
 ENF IRR mulher.PL PL R2-macho R1-mandar ENF PL moquém R1-fazer  
 ‘As mulheres vão mandar que os homens façam o moquém’

(140) *i te a kujahek ka ñõr*  
 1SG R1-OBL 2SG R1-mandar-NOMLZ 2SG R1-dormir  
 ‘Eu mandei que você durma’

De acordo com Castro-Alves (2004), em Apãniekrá também ocorrem orações completivas com os verbos manipulativos *ton* ‘fazer’, *kujahek* ‘mandar’ *-amãr/tõtõinõ* (presente)/ *ũte* (futuro) */a<sup>h</sup>krɛ* (passado) ‘deixar’, entre outros. Segundo a autora, a oração principal e a completiva podem ou não ser separadas pela partícula subordinadora *nã*. Em orações completivas com o verbo *kujahek* ‘mandar’, não há marcação dessa partícula (CASTRO-ALVES, 2004):

(141) *wa ite i<sup>h</sup>-kujahek mã kator*  
 1 1-ERG 3-mandar DS 3-sair  
 ‘Eu mandei ele sair’

(142) *ku-te i-kujahek wa i-kator*  
 3-ERG 1-mandar DS 1-sair  
 ‘Ele me mandou sair’

Em Parkatêjê, as orações manipulativas também são formadas por predicado verbal complexo. A oração principal e a oração completiva, onde se encontram o verbo manipulativo e o verbo manipulado, respectivamente, são separados pela conjunção *mã*, que, segundo o dicionário Parkatêjê (ARAÚJO, 2016), marca o sujeito diferente da oração precedente em orações coordenadas. Os dados do Parkatêjê mostram que o objeto direto da oração principal, quando terceira pessoa, é codificado como zero ( $\emptyset$ ) na oração complemento:

(143) *mẽntia-te mẽmpy makia mã Ø-te kukryt pĩr*  
 Mulheres-ERG homens mandar CONJ 3-ERG anta matar  
 ‘As mulheres mandaram os homens matarem a anta’

- (144) *ntia-te makrare makia mã Ø-tem pypxô krër*  
 Mulher-ERG crianças mandar CONJ 3-ERG-PL banana comer  
 ‘A mulher mandou as crianças comerem banana’

A estrutura sintática das orações completivas nas línguas Parkatêjê, Krahô e Apãniekrá é semelhante, conforme os exemplos abaixo:

*Parkatêjê*

- |  |                      |     |                    |                       |     |                      |
|--|----------------------|-----|--------------------|-----------------------|-----|----------------------|
|  | [ ORAÇÃO PRINCIPAL ] |     |                    | [ ORAÇÃO COMPLETIVA ] |     |                      |
|  | SUJ                  | O.D | Vman <sup>28</sup> | SUJ                   | O.D | Vmanpl <sup>29</sup> |
- (145) [*makrare-te*] [*inxê*] [*kujahêk*] mã [*Ø-te*] [*rop*] [*kaprêk*]  
 Criança-ERG mãe mandar CONJ 3-ERG cachorro bater  
 ‘A criança mandou a mãe bater no cachorro’

*Krahô*

- |  |                      |     |      |                       |     |        |
|--|----------------------|-----|------|-----------------------|-----|--------|
|  | [ ORAÇÃO PRINCIPAL ] |     |      | [ ORAÇÃO COMPLETIVA ] |     |        |
|  | SUJ                  | O.D | Vman | SUJ                   | O.D | Vmanpl |
- (146) [*ke ha pïje*] [*mê hũmre*] [*kujate*] [*ke mê*] [*k<sup>h</sup>ij*] [*to*]  
 ENF IRR mulher.PL PL R<sub>2</sub> -macho R<sub>1</sub> -mandar ENF PL moquém R<sub>1</sub> -fazer  
 ‘As mulheres vão mandar que os homens façam o moquém’

*Apãniekrá*

- |  |                      |          |                       |        |
|--|----------------------|----------|-----------------------|--------|
|  | [ ORAÇÃO PRINCIPAL ] |          | [ ORAÇÃO COMPLETIVA ] |        |
|  | SUJ                  | O.D Vman | SUJ                   | Vmanpl |
- (147) [*wa ite*] [*i<sup>h</sup>-kujahêk*] mã [*Ø-kator*]  
 1 1-ERG 3-mandar DS 3-sair  
 ‘Eu mandei ele sair’

Os exemplos acima mostram a estrutura sintática de orações manipulativas com verbos transitivos em Parkatêjê e Krahô, e com verbo intransitivo em Apãniekrá<sup>30</sup>. Nas três línguas o verbo *kujahêk* ‘mandar’ (*kujate* em Krahô) é manipulativo, o qual afeta verbos transitivos em Parkatêjê e Krahô e intransitivo em Apãniekrá. Em Parkatêjê e Apãniekrá, as orações principal e completiva são separadas por *mã* (conjunção que marca sujeito diferente (DS) nas orações) e o objeto direto da oração principal é expresso por zero ( $\emptyset$ ) na oração

<sup>28</sup> Vman=Verbo manipulador

<sup>29</sup> Vmanpl=Verbo manipulado

<sup>30</sup> Castro-Alves (2004) não apresenta exemplos do verbo manipulativo *kujahêk* com verbos transitivos.

complemento. Já em Krahô as orações principal e completiva estão simplesmente justapostas e o objeto direto é expresso pela forma enfática *ke*.

Assim, pode-se dizer que em Parkatêjê as orações completivas com verbos manipulativos se organizam em duas orações transitivas simples coordenadas pela conjunção *mã*. A oração principal é composta pelos sintagmas nominais sujeito e objeto direto mais o sintagma verbal que comporta o verbo manipulativo (V<sub>man</sub>), e a oração complemento composta também pelos sintagmas nominais sujeito (codificado como  $\emptyset$  mais a marca de ergativo) e objeto direto mais o sintagma verbal que comporta o verbo manipulado (V<sub>manpl</sub>) transitivo, consoante ao seguinte padrão sintático:

[SN + SN + V<sub>man</sub>] *Mã* [SN + SN + V<sub>manpl</sub>]

Dentre os dados referentes à manipulação dos verbos transitivos, há um exemplo em que a oração principal e a oração completiva, ao invés de serem separadas por *mã*, são separadas pelo relator *kê* ‘para’ (ARAÚJO, 2016).

(148) a. *ntia-te kaxyt kuhon*  
 Mulher-ERG roupa lavar  
 ‘A mulher lavou roupa’

b. *mpiên-te ntia kujate kê kaxyt kuhon*  
 marido-ERG esposa mandar para roupa lavar  
 ‘O marido mandou a esposa lavar roupa’

Não foi possível verificar se esta sentença é apenas uma exceção ou se é outra forma de coordenar as orações principal e completiva, tendo em vista a impossibilidade de retorno ao campo. As pesquisas que têm sido orientadas pela professora Marília Ferreira, no âmbito da descrição do Parkatêjê, admitem que ‘*kê*’ pode ocorrer como pronome livre de 3ª pessoa no tempo futuro, de acordo com a descrição de Ribeiro Silva (2016) e também no início da sentença, em outros contextos como marca de irrealis (Ferreira, em comunicação pessoal).

É importante também mencionar que a sentença (148b) não apresenta o morfema  $\emptyset$ -*Erg* como os outros exemplos, o que indica que pode se tratar de outro tipo de estrutura, talvez não oração coordenada.

Na seção seguinte descreverei e analisarei outras ocorrências do formativo ‘to’ nos dados do Parkatêjê, observando os contextos morfossintáticos em que tal elemento aparece, para, assim, identificar as demais funções desempenhadas por este formativo na língua, além de causativo.

## 6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO ELEMENTO 'TO' EM PARKATÊJÊ

Nesta seção, faço algumas considerações acerca dos aspectos morfosintáticos relacionados ao elemento 'to', apresentando descrição e análise das diferentes funções desempenhadas por ele em Parkatêjê. Para isso, retomo as descrições de outras línguas da família Jê e do complexo Timbira, a fim de compará-las à descrição aqui realizada.

Na subseção 6.1, apresento o formativo 'to' funcionando como o verbo lexical básico 'fazer'; na subseção 6.2, trato o elemento 'to' um verbo auxiliar; em 6.3, disserto sobre as derivações verbais com 'to'; e por fim, em 6.4, apresento a função de 'to' como posposição instrumental na língua.

### 6.1 O ELEMENTO 'TO' COMO O VERBO FAZER

Conforme apresentado por Ferreira (2003), uma das funções que o elemento 'to' desempenha em Parkatêjê é a de verbo lexical básico com o sentido de 'fazer', 'preparar' algo, núcleo de predicados verbais, como mostram os exemplos<sup>31</sup> abaixo:

(149) mǎ kapia ø-mǎ por nǎ tɔ ?  
 mǎ DUB 3PL bolo nǎ fazer  
 'Como ela faz bolo?'

(150) wa kotikti nǎ tɔ  
 eu café nǎ fazer  
 'eu faço café'

(151) i-tɛ katiy mǎ mpo tɔn  
 1-ERG tia DAT IND fazer+NF  
 'Eu fiz uma coisa para a katyi' (um kuputi)

(152) pǎpia pít kǎm: a-tɛ ita tɔ  
 DUB sol LOC 2-ERG DEM fazer  
 'O Sol disse: você fez isto!'

<sup>31</sup> Exemplos retirados de Ferreira (2003). Os exemplos (151), (152) e (153) fazem parte do texto mítico "O sol e a lua".

- (153) ze, apiri tok to wa kapren pi ku kuka nã kapi  
 VOC ITER fogo fazer eu jabuti pegar DU assar SS provar  
 ‘...Jê, faz fogo de novo. Eu pego o jabuti, nós (dois) vamos assá-lo e prová-lo’

Nos dados coletados para compor o corpus desta dissertação, identifiquei o elemento ‘to’ funcionando como verbo em sentido de ‘fazer’. Ferreira (2003) sugere que esse verbo ocorre em posição final nas orações, assim como os outros verbos da língua. Porém, ela afirma que, em alguns exemplos, esse verbo ocorre em posição não final. Justamente essa posição parece predominar os dados com o verbo *to* ‘fazer’ coletados por mim:

- (154) Ø-te mpiên-mã to kuputi  
 3-ERG marido-DAT fazer berarubu  
 ‘Ela fez berarubu para o marido’

- (155) mũ a-te to kuputi nã  
 ir 2-ERG fazer berarubu nã  
 ‘Tu fizeste o berarubu’

- (156) wa ka to kôtykre kakro  
 eu FUT fazer café estar.quente  
 ‘Eu vou fazer café quente’

- (157) mēkwatuware-te to kuhy  
 rapazes-ERG fazer fogo  
 ‘Os rapazes fizeram fogo’

A ordem básica dos constituintes nas orações declarativas simples em Parkatêjê é SOV. Porém, algumas orações com o verbo *to* ‘fazer’ estão apresentando a ordem SVO. Isso parece estar ocorrendo somente com esse verbo, pois os outros verbos da língua continuam posicionados ao final das orações. A hipótese de Ferreira (2003) é que essas ocorrências sejam apenas um decalque do Português. Concordo com a hipótese da autora, visto que os velhos Parkatêjê, aqueles que ainda falam a língua indígena, tem a usado pouco nas interações do dia-a-dia em comparação ao uso do português. A estrutura desta língua pode estar sendo utilizada pelos falantes indígenas em alguns momentos nos quais precisem produzir sentenças em Parkatêjê.

Em Kayapó e Apinajé, o formativo *ɔ* também pode ser um verbo lexical, núcleo do predicado com o sentido de ‘fazer’, como demonstram os exemplos a seguir, extraídos, respectivamente, de Reis Silva (2001) e Oliveira (1998):

*Kayapó*

- (158) mɔj nẽ ga ku-mã ɔ<sup>32</sup>  
 INT COM 2NOM 3-DAT fazer  
 ‘O que é que você está fazendo para ele?’

*Apinajé*

- (159) əbri pa tɛ ɔ anẽ...  
 then 1 PRT do thus  
 então 1 PRT<sup>33</sup> fazer assim  
 ‘So I did the following...’  
 ‘Então eu fiz assim...’

Assim como em Apinajé, em Parkatêjê há orações que possuem em sua estrutura a expressão *to anẽ*:

- (160) Pepia to kia nã apu **to anẽ**  
 DUB fazer forno SS CONT fazer assim  
 ‘Dizem que eles fizeram a kia e continuaram lá’

- (161) arĩk ri ma apu **to anẽ**  
 calar ENF EXORT CONT fazer assim  
 ‘Cala a boca e vamos cuidando de fazer assim’

- (162) pe aiku kãm wa a-kuxà nõ to amjikapi wa kupja nõ  
 PD PR POSP eu 2-vez um fazer REFLX-provar eu pedir um  
**to anẽ**  
 fazer também

‘Aí (a lua) disse: deixa eu experimentar fazer um, eu te peço, eu quero fazer um também’

<sup>32</sup> Os significados das abreviaturas presentes neste dado são: INT = interrogação; NOM = nominativo; DAT = dativo.

<sup>33</sup> PRT = partícula

- (163) *kê ka amji to anẽ i-tyk*  
 IRR FUT REFLX fazer também 1-estar.preto  
 ‘Eu quero que você me pinte também’ / Lit. ‘Eu quero que você me faça preto’

De acordo com Oliveira (1998), em Apinajé, essa expressão significa ‘fazer assim’ e sua função é a de uma proforma com referência anafórica ou catafórica. Em Parkatêjê, segundo o dicionário de Araújo (2016), a forma *anẽ* (~ *hanẽ*) é uma partícula que pode significar ‘também’. Ferreira (em comunicação pessoal) afirma que a expressão *to anẽ* tem um significado semelhante ao Apinajé. Em alguns contextos, a expressão *to anẽ* parece significar ‘fazer também’. Porém, em outros contextos essa expressão parece mesmo significar ‘fazer assim’.

Ferreira (também em comunicação pessoal) afirma que as ocorrências de ‘to’ como verbo lexical quase sempre se faz em presença de *nã*, o qual precisa ser claramente investigado, uma vez que essa ocorrência é específica desse verbo. Essas construções apresentam o sintagma verbal com estrutura N + NÃ + TO ou TO + N + NÃ, como nos dados<sup>34</sup> seguintes:

- (164) *mẽ kapia ø-mẽ por nã tʰ?*  
*mẽ DUB 3PL bolo nã fazer*  
 ‘Como elas fazem bolo?’
- (165) *wa kotikti nã tʰ*  
*eu café nã fazer*  
 ‘Eu faço café’
- (166) *mãma pia are tem to kuputi nã?*  
*mãma DUB ENF ERG-PL fazer berarubu nã*  
 ‘Como o berarubu foi feito?’
- (167) *Pepia to kia nã apu to anẽ*  
*DUB fazer forno SS CONT fazer assim*  
 ‘Dizem que eles fizeram a kia e continuaram lá’

<sup>34</sup> Os exemplos (164), (165), (167) e (168) foram retirados de Ferreira (2003). O exemplo (166) faz parte do conjunto de dados coletados por mim, em abril e setembro de 2017.

- (168) tʃōti mē hēkti aiku aipēn **to** **kūpadri nã**  
 urubu CONJ gavião PR REC fazer compadre nã  
 ‘O urubu e o gavião se tratavam por compadres’

Nesses exemplos, o verbo *to* posiciona-se posposto ou proposto à expressão ‘*nome + nã*’. Em Parkatêjê, a forma *nã* já foi descrita como ‘conjunção que coordena orações com o mesmo sujeito’ ou o relator ‘em’ (Dicionário Parkatêjê, ARAÚJO, 2016). Em (168), a forma *nã* parece ser a conjunção marcando sujeitos iguais nas orações. No entanto, nos outros dados, essa forma não apresenta nenhum dos dois significados estabelecidos pelo dicionário da língua, e como se verifica tantos outros casos de homofonia na língua, este pode ser mais um.

Na próxima subseção, analisarei e descreverei o elemento ‘*to*’ funcionando como verbo auxiliar em algumas construções do Parkatêjê.

## 6.2 O ELEMENTO ‘TO’ COMO VERBO AUXILIAR

O elemento ‘*to*’ também pode aparecer como um verbo auxiliar em construções verbais seriais na língua Parkatêjê, conforme observado por Ferreira (2003). De acordo com a autora,

Uma construção verbal serial é uma sequência de verbos que funciona como um predicado simples. Em Parkatêjê, uma construção desse tipo é constituída mais comumente de dois elementos, podendo reunir até três verbos, que formam um predicado com núcleo complexo, combinando: a) dois ou três verbos de moção; b) um verbo de moção e um verbo Sio do tipo **prôm**; c) dois verbos posicionais”. (FERREIRA, 2003, p. 226)

As construções seriais verbais, de modo geral, fazem referência a um único evento, compartilham os argumentos da oração (sujeito, objeto etc.), compartilham tempo, modo e aspecto, agem como um todo sintático e, por esta razão, não admitem marcas de dependência sintática entre seus elementos (FERREIRA, 2003). A seguir elenco exemplos de construções verbais seriais apresentados pela autora:

- (169) wa mũ **mõ** **tʃwa**  
 eu mũ ir banhar  
 ‘Eu vou banhar’

- (170) kapranĩ katiti **pupũn** apiri **kõmpa:** ze apiri tok to  
 jabuti grande REL-ver+PAS ITER escutar VOC ITER fogo fazer  
 ‘Jabauti grande viu e ouviu novamente: Jê, faz fogo de novo!’

Nos dados coletados especificamente para a presente dissertação, percebo que o verbo *to* ocorre com verbos transitivos e intransitivos formando construções seriais. Segundo Ferreira (2003, p. 228), “o último verbo da série define a transitividade ou a intencionalidade da construção”. Os exemplos seguintes ilustram o verbo *to* ocorrendo como auxiliar de construções verbais seriais:

(171) ry    ø-te    hỳpan    **to**    pe  
 já 3-ERG comer AUX terminar  
 ‘Ela já acabou de comer’

(172) mēntia    ajê    ma    ø-mê    kruwa    **to**    tēk  
 mulher grupo ma 3PL flecha AUX jogar.flecha  
 ‘As mulheres jogam as flechas delas’

(173) ka    amnē    a-kator    **to**    mō    ø-tem    a-pupũn    nōre<sup>35</sup>  
 2 vir 2-chegar+PAS [AUX] ir 3-ERG.PL 2-REL-ver+PAS NEG  
 ‘Quando tu chegaste, eles não te viram’

Nesse tipo de construção, a série verbal apresenta dois ou três verbos. Quando a construção verbal serial é composta por dois verbos, o verbo *to* ocorre na primeira posição da série (V1), antes do segundo verbo que pode ser transitivo ou intransitivo. Quando a construção serial é formada por três verbos, *to* ocorre na segunda posição (V2), entre os outros dois verbos. Os exemplos<sup>36</sup> abaixo demonstram as posições V1 e V2 do verbo *to* nas construções seriais:

(174) ze    apu    i-    **to**    **zumare**    nã    i-    tore  
 VOC CONT 1- AUX acudir SS 1- atravessar  
 ‘Jê, me acode e me atravessa’

(175) ri    i-    te    **to**    **kapi**  
 já 1- ERG AUX provar  
 ‘Eu já provei’

<sup>35</sup> Exemplos emprestados de Ferreira (2003). A glosa [fazer] em **to** foi adicionada por mim.

<sup>36</sup> Exemplos também emprestados de Ferreira (2003).

- (176) *pepia teri nã kōkore nã amziipey nã kre to mō*  
 DUB mesmo SS calango SS REFLX.tornar SS cavar [AUX] ir  
 nã kato  
 SS sair  
 ‘Dizem que o Sol, ele mesmo na qualidade de um calango, cavou e saiu’

- (177) *kate kupi nã kupi to hipo*  
 quebrar pegar SS pegar AUX abrir.em.duas.partes  
 ‘(Ele a) quebrou e pegou e abriu em duas partes’

Nos exemplos (174) e (175), o verbo *to* ocorre na primeira posição da série, antes dos verbos *jūmare* ‘acudir’ e *kapi* ‘provar’, respectivamente. Nos exemplos (176) e (177), ele ocorre na segunda posição da série verbal, entre os verbos *kre* ‘cavar’/ *mō* ‘ir’ e *kupy* ‘pegar’/ *hipô* ‘abrir.em.duas.partes’, respectivamente. Em cada oração, a série verbal de *to* com os outros verbos funciona como um predicado simples, compartilhando os mesmos argumentos nominais: os mesmos sujeitos em (175) e (176), onde os verbos são intransitivos, e os mesmos sujeitos e objetos em (174) e (175), onde os verbos são transitivos.

Entretanto, em três exemplos, foi possível observar uma série verbal com quatro verbos. Em dois dos três exemplos o verbo *to* aparece na posição V2; no terceiro exemplo, ele aparece na posição V3:

- (178) *wa ka mū to mō ku-krē*  
 eu FUT ir AUX ir 3-comer  
 ‘Eu vou comê-la/lo’

- (179) *pepia kãmã hei to mō tore*  
 DUB kãmã mentir AUX ir atravessar  
 ‘Ela mentiu e o fez atravessá-la’

- (180) *ka amnē a-katɔr to mō ø-tɛm a-pupun nōrɛ*  
 2- vir 2-chegar+PAS [AUX] ir 3-ERG.PL 2-REL-ver+PAS NEG  
 ‘Quando tu chegaste, eles não te viram’

Nos exemplos (178) e (179), o verbo *to* ocorre na segunda posição da série verbal, antecedido pelo verbo *mū* ‘ir’ e antecedendo os verbos *mō* ‘ir’ e *kukrē* ‘comer’, em (178), e antecedido por *hêi* ‘mentir’ e antecedendo *mō* ‘ir’ e *tore* ‘atravessar’, em (179). No exemplo

(180), o verbo *to* ocorre na terceira posição da série de verbos, precedido por *amnẽ* ‘vir’ e *kator* ‘chegar’ e precedendo o verbo *mõ* ‘ir’.

Os verbos intransitivos que ocorrem com ‘to’ em construções verbais seriais são: *mũ* ‘ir’, *mõ* ‘ir’, *tẽ* ‘ir’, *pe* ‘acabar’, *hýpan* ‘comer’, *hêy* ‘mentir’, *kukrẽ* ‘comer’, *kato* ‘chegar’, *kre* ‘cavar’, *hapen* ‘trabalhar’, *hàkje* ‘gritar’, *kapi* ‘provar’, *kwỳ* ‘defecar’, *kupyn* ‘roer’ e *hahêr* ‘cercar/aproximar-se’. Já os verbos transitivos que ocorrem com o verbo ‘to’ em construções seriais são: *tek* ‘jogar flecha’, *amjijõjê* ‘segurar pela mão’, *humarê* ‘acudir’, *pe* ‘acabar’, *kupy* ‘pegar’, *hipô* ‘abrir em duas partes’ e *hakre* ‘ensinar’.

Como descrito na subseção 5.2, o causativo morfológico *to* também ocorre imediatamente antes de verbos intransitivos em Parkatêjê, assim como *to* em algumas construções seriais verbais. O que parece diferenciar o verbo serial do causativo morfológico é o fato de este último permitir a adição de um novo argumento à oração, o que não acontece nas construções seriais verbais com *to*.

A partir dos exemplos apresentados anteriormente, percebo que o verbo *to* não possui significado lexical nas construções seriais verbais, isto é, não é possível atribuir o seu significado ‘fazer’ a essas construções. Em alguns casos, isso também ocorre com o verbo *mõ* ‘ir’. De acordo com Ferreira (2003, p. 228), “algumas vezes não é possível atribuir um sentido às partes da construção”. Assim, a tradução de toda a construção é feita por um único verbo da série.

A hipótese de Ferreira (2003) para o elemento ‘to’ em construções verbais seriais é a de que, nessas construções, o verbo *to* ‘fazer’ confere um aspecto de volição à ação descrita pela construção como um todo. De fato, o sentido do verbo *to* já está gramaticalizado em alguns contextos na língua. Nas construções seriais, por exemplo, esse verbo parece ser semanticamente aspectual.

Em Parkatêjê, existem outras construções em que o verbo ‘to’ também parece ter perdido seu sentido lexical, apresentando apenas uma função gramatical:

(181)  $\emptyset$ -te      **to**    hõhĩ    kaxwyr  
                   3-ERG AUX    dedo    furar-PAS  
                   ‘Ela furou o dedo’ / Lit. ‘Ela fez o dedo ser furado’

(182) inxũ-te      **to**    jaxy    kôran  
                   pai-ERG AUX    veado    matar-PAS  
                   ‘O pai matou o veado’ / Lit. ‘O pai fez o veado ser morto’

(183) mpa-te mẽ to amji hyr  
 nós-ERG PL AUX REFLX cortar-PAS

‘Nós nos cortamos’ / Lit. ‘Nós nos fizemos ser cortados’

(184) ka-te to tep kaxêr  
 tu-ERG AUX peixe pescar-PAS

‘Tu pescaste o peixe’ / Lit. ‘Tu fizeste o peixe ser pescado’

(185) inxê-te to kra jôpiêr  
 mãe-ERG AUX filho carregar-PAS

‘A mãe carregou o filho’ / Lit. ‘A mãe fez o filho ser carregado’

(186) i-te to kruwa jiprô mã aipîkwĩn  
 1-ERG AUX flecha enfeitar.com.pena CONJ quebrar-PAS

‘Eu enfeitei a flecha com pena e ela quebrou’ / Lit. ‘Eu fiz a flecha enfeitada com pena e ela quebrou’

Nessas construções, assim como nas construções verbais seriais, o verbo ‘to’ também ocorre como um verbo auxiliar, esvaziado de sentido lexical, que assume a função gramatical de causativo. O sentido do verbo ‘fazer’ constante nas glosas está muito mais relacionado ao sentido causativo gramatical do que ao sentido lexical, original do verbo ‘to’.

Nos exemplos (181) a (186), o verbo auxiliar ocorre entre os sintagmas nominais sujeito e objeto direto. Já o verbo principal ocorre na posição final da oração. As orações seguem o padrão abaixo:

<b>SN + Aux. Caus. To + SN + Vprinc.</b>
--

O verbo principal das orações se apresenta em sua forma longa. Em Parkatêjê, conforme Ferreira (2003), ao assumirem a forma longa, os verbos indicam o tempo passado e o aspecto perfectivo. Nem todos os verbos da língua possuem uma forma longa e também não há uma regra única para sua formação. Porém, de modo geral, “as formas longas são formadas a partir do acréscimo de uma consoante vibrante lateral sonora e da cópia da vogal da raiz, que não é pronunciada plenamente” (FERREIRA, 2003, p. 113). Nos exemplos anteriores, os

verbos apresentam sua forma longa pelo acréscimo da consoante vibrante lateral /r/ ou pelo acréscimo da consoante nasal alveolar /n/.

Há também orações que têm a estrutura muito semelhante às estruturas anteriores, mas que não apresentam o verbo auxiliar ‘to’:

(187) a. jōri kapia te **to** kra kōran?  
 onde DUB ERG AUX paca matar-PAS  
 ‘Onde mataram a paca?’

b. jōri kapia te kra kōran?  
 onde DUB ERG paca matar-PAS  
 ‘Onde mataram a paca?’

(188) a. inxê-te **to** kra jōpiêr  
 mãe-ERG AUX filho carregar-PAS  
 ‘A mãe carregou o filho’

b. inxê-te kra jōpiêr  
 mãe-ERG filho carregar-PAS  
 ‘A mãe carregou o filho’

Esses exemplos mostram que as orações em **b.** se diferenciam das orações em **a.** somente pela ausência do verbo *to* em sua estrutura. No entanto, a tradução dada pelos consultores para os dois tipos de orações é a mesma, o que sugere que o sentido causativo de ‘to’ presente nessas construções é gramatical, e não lexical.

### 6.3 DERIVAÇÃO VERBAL COM ‘TO’

Outro contexto em que o verbo ‘to’ parece já estar gramaticalizado em Parkatêjê é quando esse verbo é incorporado a outras raízes verbais ou a nomes, derivando outros verbos na língua. Alguns destes verbos são elencados abaixo:

(189) *toikō* ‘beber’  
 = to + *kō* ‘beber’

(190) *toipa* ‘andar’  
 = to + *ipa* ‘andar’

(191) *tojapak* ‘recordar’  
to + *hapak* ‘orelha’

(192) *tojapakukêt* ‘esquecer’  
= to + *hapak* ‘orelha’ + ku + *kêt* ‘negação’

(193) *tojõ* ‘caçar com a mão’  
= to + *hõ* ‘comida’

Cada um desses verbos é formado pela junção do verbo *to* com uma raiz verbal ou com um nome. Este verbo parece não atribuir significado aos verbos derivados. O significado desses verbos pode ser o mesmo da raiz verbal, nos casos de *toikõ* e *toipa*, ou a algo que esteja relacionado ao nome, como em *tojapak*, *tojapakukêt* e *tojõ*.

Os verbos *tojapak* e *tojapakukêt*, por exemplo, tem em sua formação o nome *hapak* ‘orelha’, que está diretamente relacionado a ‘ouvir’, o sentido usado pelos Parkatêjê para lembrar as coisas (RIBEIRO, 2009). Do mesmo modo, o verbo *tojõ* possui em sua raiz o nome *hõ* ‘comida’, que está relacionado à ação de buscar comida com as mãos.

Observando os verbos em (191) e (192), é possível perceber que, para a formação do verbo *tojapakukêt* ‘esquecer’, o sufixo *-kêt*, que tem sentido de negação em verbos, foi adicionado ao verbo *toipa* ‘recordar’. Em Krahô, segundo Miranda (2014), esse morfema significa negação em derivação de nomes. Já em Apãniekrá, ele representa negação em derivação de verbos a partir de outros verbos, assim como em Parkatêjê. A seguir, apresento exemplos dessa derivação em Krahô e Apãniekrá, respectivamente:

(194) *hũparket* ‘não ouve bem’  
= h-ũpa-r-ket  
R<sup>2</sup>-ouvir-NOMLZ-NEG<sup>37</sup>

(195) *tojapakukêt* ‘eu esqueci algo’  
= to-i-j-apak-kêt  
CAUS-1-PR-lembrar-NEG<sup>38</sup>

No caso dos verbos *to pe* ‘terminar’ e *to kre* ‘cavar’, o verbo *to* parece ainda não estar incorporado à raiz verbal, mas, quando usado nesses casos, ele parece já ter perdido seu

<sup>37</sup> NOMLZ-NEG = nominalizador negativo.

<sup>38</sup> Segundo Castro-Alves (2004), as abreviaturas nessas glosas significam: CAUS = causativo; PR = prefixo relacional; NEG = negação.

significado lexical. Essas duas construções se assemelham às construções verbais seriais vistas na seção anterior. Isso me faz pensar na hipótese de que em verbos como *toikō*, *toipa*, *tojō*, em que ‘to’ já está incorporado às raízes verbais ou aos nomes, ele já está gramaticalizado. Por outro lado, nos verbos *to pe* e *to kre*, nos quais ainda não está completamente incorporado, ocorrendo proposto aos verbos *pe* ‘terminar’ e *kre* ‘cavar’, ‘to’ pode ainda estar em processo de gramaticalização. Deste modo, pode ser que ‘to’ também esteja se gramaticalizando nos contextos em que ocorre como parte de algumas construções verbais seriais.

É importante ressaltar que a causativização com ‘to’ também consiste em um mecanismo de derivação verbal, visto que um verbo transitivo é derivado da adição de ‘to’ com um verbo intransitivo:

(196) to + hipu  
CAUS + estar.cheio (INTRANS.)  
= to hipu ‘encher’ (TRANS.)

(197) to + kakro  
CAUS + esquentar (INTRANS.)  
= to kakro ‘esquentar’ (TRANS.)

Na subseção seguinte, analisarei e descreverei alguns aspectos do elemento ‘to’ em sua função de posposição instrumental na língua Parkatêjê.

#### 6.4 O ELEMENTO ‘TO’ NA FUNÇÃO DE POSPOSIÇÃO INSTRUMENTAL

Outra função desempenhada pelo formativo ‘to’ na língua Parkatêjê é a de posposição instrumental. As posposições, de modo geral, são itens relacionadores que veiculam informações semânticas, como locativo, comitativo, recipiente, direcional, temporal, instrumental etc. Elas relacionam seu objeto ao verbo ou a outro componente da oração. Conforme Ferreira (2003), as posposições formam uma classe fechada em Parkatêjê, ocorrendo após o objeto, que pode ser nominal ou pronominal. As posposições instrumentais indicam que um nome é o instrumento, o meio com o qual um sujeito agente realiza uma ação verbal. Os dados abaixo mostram o elemento ‘to’ ocorrendo como posposição instrumental em Parkatêjê:

- (198) *i-te kÿj to amji hyr*  
 1-ERG faca INST REFLX cortar  
 ‘Eu me cortei com faca’
- (199) *i-te omjiti to amji kaxwÿr*  
 1-ERG espinho.grande INST REFLX furar  
 ‘Eu me furei com espinho’
- (200) *mÿmpy-tem kruwa to ropkror kaxwÿr*  
 Homens-ERG-PL flecha INST onça pintada furar  
 ‘Os homens furaram a onça-pintada com flecha’
- (201) *ntia-te kÿn to kahã kôran*  
 mulher-ERG pedra INST cobra matar  
 ‘A mulher matou a cobra com pedra’

Conforme os exemplos, quando ocorre como posposição instrumental, o formativo *to* posiciona-se no meio da oração, entre os sintagmas nominais instrumentais *kÿj* ‘faca’, *omjiti* ‘espinho.grande’, *kruwa* ‘flecha’, *kÿn* ‘pedra’ e os sintagmas nominais objetos diretos *amji* ‘pronome reflexivo’, *rop krór* ‘onça pintada’, *kahã* ‘cobra’. A posposição ocorre imediatamente após o núcleo dos instrumentos usados para a realização da ação dos verbos *hyr* ‘cortar’, *kaxwÿr* ‘furar’ e *kôran* ‘matar’. Assim, a estrutura dessas orações segue o padrão:

**SN (S) + SN (INST) + To + SN (OD) + SV**

Algumas orações podem não possuir o sintagma nominal objeto direto ou tê-lo deslocado para a posição inicial. É possível que o sintagma nominal objeto indireto instrumento, junto à posposição, também seja deslocado para a posição inicial da oração, como mostram os exemplos a seguir:

- (202) *i-te krôxwa to kukên*  
 1-ERG dente.de.porco INST 3-lixar  
 ‘Eu (o) lixei com dente de porco’

(203) i-ʒ-õkra wa i-te kəy to h-ir  
 1-REL-mão eu 1-ERG faca INST REL-cortar+PAS  
 ‘Minha mão, eu cortei com a faca’

(204) ijõkra to i-te kra juahi  
 minha.mão INST 1-ERG paca segurar  
 ‘Com minha mão, eu segurei a paca’

A forma da posposição instrumental em Parkatêjê é idêntica a da língua Pykobjê. Nesta língua, a posposição é descrita como uma partícula homônima às partículas direcional e causativa. Nas línguas Kayapó e Apinajé, o elemento instrumental é codificado como ɔ:

*Apinajé* (OLIVEIRA, 1998, p. 64)

(205) na pa kucě ɔ karə pĩ  
 RLS 1 rifle INSTR deer kil  
 RLS 1 espingarda INSTR veado matar  
 ‘I killed the deer with a rifle’  
 ‘Eu matei o veado com uma espingarda’

*Kayapó* (REIS SILVA, 2001, p. 36)

(206) ba kuej katõk ɔ ku-bĩ<sup>39</sup>  
 1NOM pássaro revólver com 3AC-matar  
 ‘Eu matei o pássaro com revólver’

*Pykobjê* (AMADO, 2004, p. 44)

(207) ej-te j-õkra to tun pro  
 1-ERG 1-mão INSTR tatu pegar  
 ‘Eu peguei o tatu com as mãos’

É interessante notar que o verbo causativo ‘to’ está diretamente relacionado à posposição instrumental. Em muitas línguas há o sincretismo destas formas. Em Apinajé, por exemplo, conforme Oliveira (1998), a posposição instrumental se desenvolveu a partir do causativo perifrástico. O argumento da autora para essa relação baseia-se na noção semântica de causalidade presente em ambas as formas. Em Parkatêjê, a noção semântica para o

<sup>39</sup> NOM = nominativo; AC = acusativo.

causativo é de “fazer com que X faça algo”; para o instrumental, a noção é de “fazer algo usando X”. Assim, é possível que nessa língua a base da relação entre o verbo causativo e a posposição instrumental também seja semântica. Porém, essa questão ainda precisa ser mais bem investigada em Parkatêjê.

## 6.5 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GRAMATICALIZAÇÃO DE ‘TO’

Em Parkatêjê, as diferentes funções morfossintáticas para o mesmo elemento, o ‘to’, sugerem um caso de polissemia na língua. É possível que essas funções, inclusive a função de causativo, tenham se originado do verbo lexical ‘fazer’, tendo em vista que esse elemento, pelas características observadas ao longo da presente pesquisa, encontra-se em processo de gramaticalização. De acordo com Croft (2006, p. 366), a gramaticalização é o processo pelo qual a gramática é criada. Para Traugott & Koning (1991), a gramaticalização é o processo histórico e dinâmico por meio do qual itens lexicais, no decorrer do tempo, adquirem novos status, como formas gramaticais e morfossintáticas, que surgem para indicar funções/relações que ainda não foram codificadas ou que foram apresentadas de forma diferente da atual. Isto é o que parece estar ocorrendo com o verbo lexical ‘to’ em Parkatêjê. Se seguirmos a hipótese de que inicialmente havia somente o verbo lexical, a partir do momento em que este passa a se comportar como posposição instrumental e verbo auxiliar, como descritos neste trabalho, estes constituem exemplos de funções gramaticais atribuídas ao elemento ‘to’ (inicialmente analisado como verbo).

Campell e Janda (2001) apresentam alguns tipos de processos envolvidos na gramaticalização. Dentre eles está a generalização do significado (ou semantic bleaching), identificada na gramaticalização do verbo ‘to’ em Parkatêjê. Segundo os autores, depois da gramaticalização, somente o ‘núcleo semântico’ da forma lexical permanece. Na língua estudada, o verbo ‘to’ gramaticalizado como verbo auxiliar é esvaziado de conteúdo lexical, sendo apenas um locus de tempo, aspecto e modo, o que confirma a assertiva de Lehmann (2002, p. 93), que afirma que “o verbo gramaticalizado perde as suas características flexionais, ou seja, perde as propriedades de um verbo”. Quando um verbo se torna apenas um locus de ocorrência de tempo/aspecto/modo, ele passa a depender do verbo lexical, que é o verbo principal (LEHMANN, 2002). É o que parece ser observado com o verbo auxiliar ‘to’ nas construções seriais do Parkatêjê. O seu significado depende do verbo principal com o qual ocorre:

(208) ri i- te to kapi  
 já 1- ERG AUX provar  
 ‘Eu já provei’

Uma característica interessante do verbo ‘to’ é que, ao funcionar como o verbo lexical ‘fazer’, o qual é o núcleo do predicado verbal, os falantes o pronunciam completamente. Porém, ao funcionar como verbo auxiliar diante de palavras iniciadas por vogais, este verbo apresenta contração na fala, de modo que a consoante oclusiva alveolar /t/ é pronunciada, mas a vogal média posterior /ɔ/ não é. Assim, em uma oração como *I te to amji hyr* ‘Eu me cortei’, ao invés de a pronúncia ser [tɔamji], o que se tem é a pronúncia [tamji]. Por conta da contração, o verbo ‘to’ perde o acento e o segmento /ɔ/. Isto evidencia um tipo de redução que somente ocorre com verbos auxiliares e não com os chamados verbos verdadeiros.

Até o momento, as funções desempenhadas pelo formativo ‘to’ encontradas em Parkatêjê foram: verbo lexical, causativo, verbo auxiliar, parte de outros verbos e posição instrumental. Como o verbo ‘to’ continua em processo de gramaticalização, é possível que no futuro novas funções morfossintáticas sejam identificadas na língua para esse verbo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve por objetivo principal descrever e analisar aspectos morfossintáticos e semânticos da causativização em Parkatêjê, que ocorre por intermédio do verbo causativo *to*. Como apresentado neste trabalho, além da função de causativo, o formativo ‘to’ desempenha outras funções morfossintáticas: é o verbo lexical básico ‘fazer’, é auxiliar em construções sintáticas, faz parte da raiz de outros verbos na língua e funciona também como posposição instrumental. Deste modo, esta dissertação também apresentou alguns aspectos relacionados a cada uma dessas funções.

Ferreira (2003) já havia realizado uma descrição inicial acerca das várias funções exercidas pelo formativo ‘to’ em Parkatêjê. Porém, não havia se aprofundado na descrição e nem propôs uma análise para algumas das ocorrências deste formativo, visto que este não era o objetivo central de sua tese. Logo, esta dissertação buscou realizar uma descrição sistemática para essas ocorrências e propor uma análise para cada uma delas.

Desta forma, neste trabalho, proponho que a causativização em Parkatêjê ocorre por meio dos seguintes mecanismos: perifrástico e morfológico – que causativizam verbos intransitivos ativos e não ativos (estativos ou descritivos) por intermédio do causativo ‘to’; e lexical - a língua apresenta alguns verbos cuja causativização já está lexicalizada. Ao ocorrer como verbo causativo perifrástico, o elemento ‘to’ fica posicionado antes do sintagma nominal objeto, argumento do causativo. No entanto, quando ocorre como causativo morfológico, este elemento posiciona-se imediatamente antes do verbo lexical, cliticizado a ele, e logo após o objeto. Os verbos transitivos parecem não ser afetados pelo verbo causativo. Eles são manipulados pelos verbos *kujahêk/kujate/makia* ‘mandar’, *xãma* ‘deixar’ e *akia* ‘brigar/ralhar’.

Ao se realizar como o verbo lexical ‘fazer’, o elemento ‘to’ posiciona-se ao final da oração, porém, em alguns casos, ele parece ocupar a posição não final como um decalque do português (conforme Ferreira (2003)).

O elemento ‘to’ pode ocorrer como um verbo auxiliar, esvaziado de sentido lexical, apresentando a função gramatical de causativo. Quando ocorre como auxiliar em construções verbais seriais, o elemento ‘to’ pode ocorrer tanto com verbos transitivos quanto com intransitivos. Se a construção serial verbal for composta por dois verbos, o verbo *to* ocorre na posição (VI) da série. Se a construção serial verbal for formada por três verbos, *to* ocorre na

posição (V2). Em outras construções, o auxiliar ‘to’ ocorre posicionado antes do objeto direto. Já o verbo principal ocorre em sua forma longa ao final da oração.

O verbo *to* pode derivar novos verbos em Parkatêjê ao se juntar a outros verbos ou a nomes. Nesse contexto, o sentido lexical desse verbo parece já estar gramaticalizado.

Por fim, ao funcionar como posposição instrumental, o elemento ‘to’ ocorre apenas com verbos transitivos e posiciona-se após o núcleo do instrumento.

Este trabalho foi composto por cinco seções, além da introdução e desta conclusão. Na primeira seção realizei algumas considerações referentes ao povo e a língua Parkatêjê, tomando como base os trabalhos de Ferreira (2003), Araújo (2008), Jõpaipare (2011), Silva (2014), Vieira (2015) e Lopes (2017). Inicialmente, fiz uma breve apresentação da história do povo, de sua constituição e localização. Em seguida, apresentei características gerais referentes à cultura dos Parkatêjê. Por fim, destaquei alguns aspectos linguísticos da língua.

Na segunda parte realizei algumas considerações teóricas referentes à transitividade verbal e alternância verbal causativa e anticausativa. Também apresentei considerações teóricas acerca do fenômeno da causativização, expondo os tipos de construções causativas, causativização direta e indireta, bem como a causativização de verbos transitivos e intransitivos. Este estado da arte foi desenvolvido com base em Givón (1975, 2001), Shibatani (1976, 2002), Perlmutter (1978), Hopper e Thompson (1980), Comrie (1989), Haspelmath (1993), Levin (1993), Dixon (1994), entre outros autores.

Na terceira parte apresentei uma breve síntese sobre a causativização nas línguas naturais. Primeiramente sintetizei as características das construções causativas em línguas gerais, focalizando o Português, o Citshwa, e o Karitiana. Posteriormente, apresentei a ocorrência da causativização nas seguintes línguas Jê: Apinajé, Panará e Kayapó. Por fim, sumariizei os processos de causativização nas línguas Timbira Canela-Krahô, Apãniekrá, Pykobjê e Parkatêjê (conforme Popjes & Popjes (1989), Castro-Alves (2004), Amado (2004) e Ferreira (2003), respectivamente), focalizando o formativo ‘to’ como índice de causativização nessas línguas.

Na quarta parte realizei a descrição e a análise de alguns aspectos morfossintático-semânticos e lexicais observados na causativização dos verbos da língua Parkatêjê. Para isso, tomei como base teórica as postulações de autores mencionados no segundo capítulo, principalmente Givón (1975), Lyons (1976), Comrie (1989) e Shibatani (1976, 2002).

Na quinta parte realizei algumas considerações acerca dos aspectos morfossintáticos relacionados às demais funções desempenhadas pelo formativo ‘to’ em Parkatêjê. Para isso, retomei as descrições de outras línguas da família Jê e do complexo Timbira, a fim de

compará-las à descrição realizada. Inicialmente, apresentei o elemento ‘to’ em sua função de verbo lexical básico ‘fazer’. Em seguida tratei este elemento como um verbo auxiliar. Depois dissertei sobre as derivações verbais com ‘to’. Também descrevi a função desse formativo como posposição instrumental na língua. E por fim, apresentei breves considerações sobre a gramaticalização de ‘to’.

Ademais, espero que o presente estudo contribua para um maior conhecimento sobre o fenômeno da causativização em Parkatêjê, especialmente pelo fato de o elemento causativo assumir outras funções morfossintáticas nessa língua, e assim possa auxiliar pesquisas futuras acerca desse fenômeno em outras línguas da família Jê ou mesmo do tronco Macro-Jê.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Rosane de Sá. **Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pikobjê**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

ARRAIS, Telmo Correa. **As construções causativas em Português**. Revista Alfa (São Paulo), n. 29, 1985, p. 41-58. Disponível em: <[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=cr&ei=c\\_nTWKSyJMahwgSTIIHAAQ#q=As+constru%C3%A7%C3%B5es+causativas+em+Portugu%C3%AAs&\\*](https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=c_nTWKSyJMahwgSTIIHAAQ#q=As+constru%C3%A7%C3%B5es+causativas+em+Portugu%C3%AAs&*)>. Acesso em: 30 mai. 2016.

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. **Semântica Gerativa da Língua Gavião-Jê**. 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da língua gavião-jê**. 1989. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. *Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê*. In: SEKI, Lucy (Org.). **Linguística indígena e educação na América Latina**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 265-272.

\_\_\_\_\_. **Parkatêjê x Português: caminhos de resistência**. CONGRESSO INTERNACIONAL DA "BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION", 9., 2008. Tulane University em New Orleans, 2008. Disponível em: <[HTTP://www.brasa.org](http://www.brasa.org)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Parkatêjê-Português**. Belém: Edição da autora, 2016.

CAMARGOS, Quesler F. **Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2013.

CAMARGOS, Q. F; MANUEL I.M; MACHAVELE, D. **A causação direta e indireta na língua Citshwa**. III Conferência Internacional sobre Dinâmicas Sociais em África: rupturas e continuidades Maputo (Moçambique), p. 1-16, 2014. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/laliafro/PDF/Camargos%20&%20Marrime%20&%20Machavele.%202014.%20Causa%C3%A7%C3%A3o%20direta%20e%20indireta%20na%20l%C3%ADngua%20Citshwa.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

CAMPBELL, L.; JANDA, R. 2001. 'Introduction: Conceptions of grammaticalization and their problems.' **Language Sciences** 23/2-3: 93–112.

CASTRO ALVES, Flávia de. **O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê.** 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

COMRIE, Bernard. Causative constructions. In: \_\_\_\_\_. **Language universals and linguistic typology: syntax and morphology.** 2. ed. University of Chicago Press: Chicago, 1989. p. 165-184.

DIXON, R. M. W. **Ergativity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. 2010a. **Basic linguistic theory.** v. 2. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. 2010b. **Basic linguistic theory.** v. 3. Oxford: Oxford University Press.

DOURADO, Luciana. **Construções causativas em Panará.** In: Revista Linguística (Rio de Janeiro), v. 4, n.2, 2008, p. 1-15. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Adourado-2008/dourado\\_2008\\_causativas.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Adourado-2008/dourado_2008_causativas.pdf)>. Acesso em: 20 mar 2017.

FERRAZ, Iara (1993). **Os índios Parkatêjê 30 anos depois.** In: MARTINS, José de Souza (org.) O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2ª ed., 1993, p. 21-35.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê.** 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

GIVÓN, Talmy. (1975). Cause and control: on the semantics of interpersonal manipulation. In: KIMBALL, J. ed. **Syntax and semantics.** New York, Academic Press, 1975. v.4, p. 59-89.

\_\_\_\_\_. **Syntax: an introduction.** v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. An introduction to functional grammar. London: Edward Arnold, 1985.

HASPELMATH, M. More on the typology of causative/inchoative verb alternations. In: Comrie, B. & Polinsky, M. **Causatives and Transitivity.** Amsterdam, John Benjamins. 1993.

HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. **Transitivity in grammar and discourse.** In: Language, v.56, n.2, 256-299, Jun/1980.

JOLKESKY, Marcelo Pinho de Valhery. **Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

JÕPAIPAIRE, Toprãmre Krôhòkrenhũm. **Mẽ ikwỳ tekjê ri**: isto pertence ao meu povo. 1. ed. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. **Verbos anticausativos e dependência morfológica**. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015. [www.revel.inf.br].

LEHMANN, Christian. 2002. **Thoughts on grammaticalization**. Second, revised edition (ASSidUE 9). Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität.

LEVIN, Beth. **English Verb Classes and Alternations**: a preliminary investigation. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1993.

LOPES, Tereza Tayná Coutinho. **Onomástica em Parkatêjê**: um estudo morfossintático e semântico sobre os nomes próprios. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém (PA), 2017.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

MIRANDA, Maxwell Gomes. **Morfologia de Morfossintaxe da língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê)**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2014.

NEDYALKOV, V.P; SILNITSKY, G. G. (1973). *The typology of morphological and lexical causatives*. In F. Kiefer (ed.), **Trends in Soviet Theoretical Linguistics** (pp. 1–32). Dordrecht: D. Reidel Publishing Co.

NEVES, Cinthia de Lima. **Análise acústica das vogais orais da língua Parkatêjê**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém (PA), 2010.

\_\_\_\_\_. **Alternância de códigos em narrativas orais do povo Parkatêjê**: aspectos linguísticos do contato com o português. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém (PA), 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt. (1946). **The eastern Timbira**. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology. Vol. XLI. Berkely and Los Angeles: University of California Press.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. **Some Outcomes of the Grammaticalization of the verb ɔ ‘do’ in Apinajé (Jê)**. In: First Workshop on American Indigenous Languages, 1998, Santa Barbara, California. Proceedings from the First Workshop on American Indigenous Languages. Santa Barbara: University of California Press, 1998. v. 8. p. 57-69.

Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aoliveira-1998/oliveira\\_1998\\_outcomes.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aoliveira-1998/oliveira_1998_outcomes.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **The language of the Apinajé people of central Brazil**. 2005. Dissertation (Doctorate degree) – University of Oregon, Eugene, Oregon, USA, 2005.

PERLMUTTER, D. (1978). “Impersonal passives and the unaccusative hypothesis.” **Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 157–189.

POPJES, Jack & POPJES, Jo. *Canela-Krahô*. In DERBYSHIRE, D. C.& PULLUM, G. K.(eds) (1986). **Handbook of Amazonian Languages**, v. 1. Berlin/ New York/ Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apopjes-1986-canela/popjes\\_1986\\_canela.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apopjes-1986-canela/popjes_1986_canela.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2015.

REIS SILVA, Maria Amélia. **Pronomes, Ordem e Ergatividade em Mebengokre (Kayapó)**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. **Ouvir e pensar em Macro-Jê: notas para uma pesquisa**. 2009. Disponível em: <<http://www.wado.us/note:ear>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

RIBEIRO, E. R.; JOLKESKY, M. P. V. (eds.). (s.d.). Catálogo de línguas indígenas sul-americanas. **Etnolingüística.org**, <<http://www.etnolinguistica.org/linguas>> acesso em: 09 jan. 2018.

RIBEIRO SILVA, Nandra. **Pronomes em Parkatêjê: a expressão da terceira pessoa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

ROCHA, Ivan. **Processos de causativização na língua Karitiana**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 9, n. 1, p. 183-197, jan.-abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n1/12.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

RODRIGUES, A. D. (1999). Macro-Jê. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (dir.). **The Amazonian Languages**, 165-206. Cambridge: Cambridge University Press.

SHIBATANI, Masayoshi. (1976) Causativization. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1976. v. 5. p. 239-294.

\_\_\_\_\_. (2002). "Introduction: Some basic issues in the grammar of causation." **In The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation**. Typological Studies in Language 48. Shibatani, Masayoshi, ed. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

SHIBATANI, Masayoshi; PARDESHI, Prashant. (2002). "The causative continuum". **In The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation**. Typological Studies in Language 48. Shibatani, Masayoshi, ed. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

SILVA, Nandra Ribeiro. **Pronomes em Pakatêjê**: a expressão da terceira pessoa. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SOUZA, Sueli Maria de. **Sistema de referência pessoal da língua Krahô**. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1989.

SOUZA, Sueli Maria de. **A sintaxe de uma língua de verbo no final: Krahô**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

TRAUGOTT, E. C., KONING, E. 1991. 'The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited'. In E.C. Traugott & B. Heine (eds.): **Approaches to grammaticalization**. John Benjamins, 189-218.

VALE, Rafaela Maciel do. **Expressões descritivas em Parkatêjê**: aspectos semânticos e morfossintáticos. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

VIEIRA, Luciana Renata dos Santos. **O vocabulário de duas atividades tradicionais do povo parkatêjê**: uma abordagem etnolinguística. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Letras - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.